



INSTITUTO SUPERIOR DE
SERVIÇO SOCIAL DO PORTO

Influência da Intervenção Social pela Arte na promoção do Envelhecimento Ativo

Reflexões para o Serviço Social

Discente: Joana Rita Oliveira Silva

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Serviço Social do Porto para obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social.

Orientador: Prof.^a Doutora Sara Melo

dezembro,
2024

Influência da Intervenção Social pela Arte na promoção do Envelhecimento Ativo: Reflexões para o Serviço Social

Joana Rita Oliveira Silva- 220124001

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Serviço Social do Porto para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social, sob orientação da Professora Doutora Sara Melo.

Senhora da Hora,

2024

Resumo

A atuação no âmbito da promoção do envelhecimento ativo pode ser realizada por diferentes profissões, entre as quais se destaca o Serviço Social, como responsável pelo trabalho vocacionado para a afirmação das pessoas enquanto sujeitos ativos na tomada de decisões e planeamento da sua vida.

As dimensões da participação social e da aprendizagem ao longo da vida, que o conceito de envelhecimento ativo pressupõe, podem ser incentivadas e desenvolvidas, por meio do envolvimento das pessoas idosas em atividades artísticas, como por exemplo a música. As artes são equacionadas neste propósito tendo em conta os efeitos sociais que proporcionam, nomeadamente o enriquecimento de laços sociais, acesso a oportunidades de lazer, e a estimulação de competências essenciais ao incremento da autoestima.

Perante a ligação entre estas temáticas, a presente dissertação resultou de um trabalho investigativo que procurou perceber, em termos gerais, a influência das práticas artísticas na promoção do envelhecimento ativo.

Para isso, realizou-se um estudo de caso cuja unidade de análise coincidiu com um grupo de oito pessoas idosas, participantes de uma das atividades artísticas elencadas num projeto comunitário, desenvolvido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. A atividade artística em causa corresponde à música, utilizando-se como técnicas de recolha de dados, na prossecução das finalidades da investigação, a análise documental, a observação dos ensaios de música e a realização de entrevistas semiestruturadas aos participantes.

Procurou-se, assim, entender os significados e efeitos ligados à experiência da prática artística, refletindo possíveis conexões com o envelhecimento ativo e o Serviço Social.

Palavras-chave: intervenção social; envelhecimento ativo; arte; música.

Abstract

The promotion of active ageing can be carried out by different professions, among which Social Work stands out as being responsible for work aimed at affirming people as active subjects in making decisions and planning their lives.

The dimensions of social participation and lifelong learning, which the concept of active ageing presupposes, can be encouraged and developed by involving older people in artistic activities, such as music. The arts are considered for this purpose, taking into account the social effects they provide, namely the enrichment of social ties, access to leisure opportunities, and the stimulation of essential skills to increase self-esteem.

In view of the link between these themes, this dissertation is the result of an investigation that sought to understand, in general terms, the influence of artistic practices in promoting active ageing.

To this end, a case study was carried out in which the unit of analysis was a group of eight elderly people taking part in one of the artistic activities listed in a community project developed by the Santa Maria da Feira City Council. The artistic activity in question is music, and the data collection techniques used to achieve the aims of the research were document analysis, observation of music rehearsals and semi-structured interviews with the participants.

The aim was to understand the meanings and effects linked to the experience of artistic practice, reflecting possible connections with active ageing and Social Work.

Keywords: social intervention; active ageing; art; music.

Agradecimentos

No decorrer desta jornada de empenho, dedicação e persistência, realço a presença e envolvimento de várias pessoas, às quais expresso admiração e reconhecimento, por terem contribuído e apoiado, direta ou indiretamente, a minha chegada até a este momento.

Por isso, não só pela orientação científica e pelos seus ensinamentos, mas também pelos conselhos, disponibilidade e acompanhamento prestados, ao longo do percurso efetuado, agradeço à Professora Dr.^a Sara Melo, responsável pela direção deste trabalho.

Igualmente, expresso o sentimento de gratidão a todos os docentes que, no decurso da frequência do Mestrado, transmitiram experiências e fundamentos cruciais para o desenvolvimento da investigação científica, bem como da presente dissertação.

A todos os participantes da investigação, que favoreceram o enriquecimento da dissertação ao representarem a “voz da experiência” daqueles que se encontram envolvidos com as práticas artísticas. Obrigada por toda a receptividade, acessibilidade, disposição e contentamento demonstrados ao longo do convívio e contacto que foi possível estabelecer convosco.

Aos profissionais, compreendidos no projeto dinamizador de intervenção social pela arte, da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira que permitiram, desde cedo, toda a articulação necessária ao conhecimento e identificação dos participantes do estudo, favorecendo a proximidade e interação com os mesmos.

Pelo suporte afetivo e emocional que sempre representaram e por acreditarem e apoiarem o aproveitamento desta etapa, correspondendo a um dos pilares que forneceu fonte de esperança e de conforto, agradeço aos meus pais e ao meu irmão, João Silva, assim como a outros familiares, que expressaram ânimo e reforço positivo.

Por último, agradeço a todos os amigos e amigas que torceram pela conquista desta etapa, demonstrando companheirismo, consideração e afeição nos momentos mais difíceis e desafiantes da vida. A todos e a todas, muito obrigada!

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu **Pai, João Oliveira**, que durante este percurso passou a brilhar como estrela no céu.

Obrigada por teres sido sempre um pai dedicado e apoiares o meu sucesso e desenvolvimento.

Por todos os conselhos e ensinamentos que me transmitiste, como uma referência de pessoa humilde, trabalhadora, ativa, responsável, animada e sempre atenta aos outros, não desistindo perante os desafios da vida.

Com eternas saudades, expresso que estás sempre no meu pensamento e no meu coração!

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1. Enquadramento teórico-concetual | 4 |
| 1.1 O Envelhecimento como área de intervenção do Serviço Social | 4 |
| 1.1.1 Clarificação da terminologia a adotar quanto ao grupo-alvo | 4 |
| 1.1.2 Principais considerações acerca da relação entre Serviço Social e Envelhecimento | 5 |
| 1.1.3 Perspetivas de análise e interpretação do Envelhecimento | 8 |
| 1.2 A Intervenção Social pela Arte como metodologia de atuação com pessoas idosas | 10 |
| 1.2.1 Concetualização da Arte e a Música como uma das suas manifestações..... | 10 |
| 1.2.2 Os Efeitos Sociais das Artes e a sua relação com o Serviço Social | 13 |
| Capítulo 2. Enquadramento metodológico da investigação | 16 |
| 2.1 Objetivos da investigação | 16 |
| 2.2 Opção metodológica e desenho da investigação..... | 17 |
| 2.2.1 Especificação do Estudo de Caso..... | 19 |
| 2.3 Técnicas de recolha e análise de dados..... | 24 |
| 2.4 Considerações éticas na investigação | 29 |
| Capítulo 3. Apresentação e análise de dados..... | 32 |
| 3.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes da investigação..... | 32 |
| 3.2 Integração, adaptação e desempenho dos participantes na atividade artística da música | 37 |
| 3.3 Relação dos participantes com a música: efeitos e significados..... | 49 |
| 3.4 Reflexões para o Serviço Social | 52 |
| Conclusão | 56 |
| Referências Bibliográficas..... | 60 |
| Anexos | 67 |
| Anexo 1. Guião de recolha de informação: Análise Documental..... | 68 |
| Anexo 2. Guião de Observação dos ensaios de música do projeto..... | 70 |
| Anexo 3. Notas de campo decorrentes da observação dos ensaios de música | 73 |
| Anexo 4. Guião de entrevista semiestruturada aos participantes da investigação..... | 80 |
| Anexo 5. Grelha de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos participantes da investigação | 82 |
| Anexo 6. Documento de Informação ao Participante da Investigação | 94 |
| Anexo 7. Modelo de Consentimento Informado assinado pelos participantes da investigação | 95 |

| | |
|--|----|
| Anexo 8. Declaração de Consentimento de Captação e Difusão da Imagem Pessoal em suporte digital..... | 97 |
|--|----|

Índice de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1- Partituras dos participantes da atividade artística da música..... | 44 |
| Figura 2- Dinamização do ensaio de música..... | 46 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Elementos de caracterização sociodemográfica dos participantes da investigação | 33 |
|---|----|

Glossário de Siglas

AMP- Área Metropolitana do Porto

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CD- Centro de Dia

ERPI- Estrutura Residencial para Idosos

OMS- Organização Mundial da Saúde

PACD- Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas

PAOITI- Plano de Ação das Operações Integradas do Território de Intervenção

PARTIS- Práticas Artísticas para a Inclusão Social

PRR- Plano de Recuperação e Resiliência

Introdução

Perante as alterações demográficas que acompanham a evolução da sociedade, assinala-se o aumento da esperança média de vida como um dos temas mais debatidos, quer pelos setores governamentais, quer pela comunidade científica, como uma preocupação no que concerne à continuação da satisfação das necessidades das pessoas idosas, não só em termos de saúde e segurança, mas também ao nível do bem-estar subjetivo das mesmas.

Considerando a relevância destes aspetos no modo como envelhecemos, constitui-se como possível contrariar a perspetiva do envelhecimento como um estado, (pautado, por exemplo, pelos preconceitos relacionados com a idade, ideias de dependência física e progressiva fragilidade da saúde), realçando o mesmo como um “(...) processo contínuo de crescimento, desenvolvimento associado ao ciclo de vida, relacionado com as experiências e expectativas dos sujeitos e com as possibilidades e desenvolvimento de determinada sociedade.”(Carvalho, 2013, p.5). Os pilares da aprendizagem ao longo da vida e da participação social, elencados no modelo de envelhecimento ativo, podem contemplar as experiências e oportunidades referidas nas considerações anteriores, uma vez que sublinham a postura ativa da pessoa no planeamento dos respetivos objetivos de vida, equacionando as capacidades, gostos e interesses da mesma.

Na identificação destas potencialidades, bem como na promoção do envelhecimento ativo, sobressai-se a atuação dos profissionais de Serviço Social, por exemplo, em contextos distintos das respostas tradicionais, instituídas nos subsistemas da sociedade. Por outras palavras, existe a possibilidade de proporcionar o acesso de tais atividades e experiências às pessoas idosas, por meio de projetos de intervenção social que envolvam a comunidade e, sobretudo, metodologias de atuação centradas no desenvolvimento de competências pessoais e sociais (Cruz, 2020).

Uma dessas metodologias corresponde à intervenção social pela arte, fomentadora do planeamento de estratégias interventivas, baseadas em meios que procuram trabalhar a realidade das pessoas idosas, (com possíveis retratos associados a preconceitos, rótulos e estigmas), através do exercício da criatividade, elaboração de saberes, bem como análise e compreensão da realidade social que rodeia as mesmas. A título de exemplo, a música corresponde a uma das manifestações de arte, cujo contacto, vivência e experiência podem favorecer “(...) os seres humanos a manter a capacidade de se conectar com os

sistemas emocionais profundos, gerando sentimentos relacionados à capacidade de inter-relações sociais e atividades em equipe.” (Licursi et al., 2020, p. 56).

O questionamento implícito na pretensão de compreender de que forma as intervenções artísticas, no âmbito da intervenção social pela arte com pessoas idosas, influenciam a promoção do envelhecimento ativo, corresponde ao objetivo geral desta dissertação, sendo que, para atingir tal reflexão, desenvolveu-se um estudo de caso de um grupo de oito pessoas, participantes de uma atividade artística musical. Esta atividade enquadra-se numa das ações de um projeto de intervenção social, desenvolvido pelo departamento de desenvolvimento social, saúde e habitação, da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, destacando-se este contexto como meio crucial na definição da unidade de análise da investigação.

A par do objetivo referido, a presente dissertação evidencia como principais finalidades: contribuir para a visibilidade de determinados temas relacionados com os efeitos sociais das artes, na promoção do envelhecimento ativo e *empowerment* da pessoa, fornecendo novos conhecimentos e informação empírica como complementos aos fundamentos e interrogações redigidas, precedentemente, pela comunidade científica; aprofundar o entendimento da articulação do Serviço Social com as intervenções artísticas, no âmbito de projetos de cariz social e comunitário; bem como ensaiar etapas e práticas inerentes ao processo de investigação e pesquisa científica, segundo procedimentos éticos e análise de conteúdos provenientes da aplicação de técnicas de recolha de informação, como a análise documental, entrevista semiestruturada e observação.

Na concretização deste trabalho, bem como das suas intenções, denota-se o recurso a eixos de estudo e análise de carácter teórico-concetual, (como por exemplo, artigos científicos, bem como outras fontes aludidas nas referências bibliográficas), e de carácter empírico, (realçando-se as descrições, conhecimentos e análises decorrentes de técnicas de recolha de dados, aplicadas no âmbito da investigação, mais especificamente a observação e a realização de entrevistas semiestruturadas).

Quanto à estrutura da dissertação, a mesma encontra-se organizada segundo três capítulos.

O capítulo 1, dividido em dois pontos 1.1 (subdividido em 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3) e 1.2 (subdividido em 1.2.1 e 1.2.2), apresenta os principais contributos teóricos acerca das temáticas da investigação que sustenta esta dissertação, nomeadamente o enquadramento do envelhecimento como uma das áreas de intervenção do Serviço Social, as principais

perspetivas de análise do envelhecimento, a concetualização da arte e da música, assim como os efeitos sociais das manifestações artísticas.

No capítulo 2, subdividido em cinco pontos (2.1, 2.2, 2.2.1, 2.3 e 2.4), encontram-se fundamentos relativos à dimensão metodológica da investigação, com base nos objetivos, geral e específicos, que orientaram o seguimento da mesma, na caracterização do estudo de caso e contexto a partir do qual foi delimitado, nas técnicas de recolha e análise de dados, considerando os campos temáticos que estruturam as mesmas, e nas considerações éticas que asseguraram o percurso adequado da pesquisa com seres humanos.

No capítulo 3, subdividido em quatro pontos (3.1, 3.2, 3.3 e 3.4), situam-se as principais análises e reflexões resultantes da análise de conteúdo de todas as informações obtidas por meio da realização da entrevista semiestruturada aos participantes da investigação e a observação dos ensaios de música, conjugando as mesmas com contributos teóricos elucidativos dos significados que transmitem, de forma a viabilizar o rigor do estudo. Os principais temas que se evidenciam na estrutura deste capítulo, coincidem com a caracterização sociodemográfica dos participantes da investigação, os desafios e efeitos da participação nos ensaios de música, as conceções associadas à atividade, assim como reflexões e aproximação do Serviço Social às dinâmicas constatadas no funcionamento da ação em destaque.

Capítulo 1. Enquadramento teórico-concetual

1.1 O Envelhecimento como área de intervenção do Serviço Social

1.1.1 Clarificação da terminologia a adotar quanto ao grupo-alvo

Primeiramente, constitui-se como essencial esclarecer a terminologia a adotar relativamente ao grupo-alvo em destaque na presente dissertação, ou seja, assume-se como primordial perceber qual a designação mais adequada para abordar o segmento populacional sobre o qual se direcionam as considerações inerentes aos tópicos a serem, sequencialmente, expostos.

Ao longo dos anos, denota-se nos discursos do quotidiano, nas informações transmitidas pelos meios de comunicação social, ou na composição de trabalhos científicos, a classificação das pessoas abrangidas pela faixa etária associada à temática do envelhecimento como “«pessoa idosa», «adulto idoso», «pessoa mais velha», «idoso», «mais velhos» e ainda «séniores».” (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2020, p. 15), provocando, assim, ambiguidade e indiferenciação nas abordagens dirigidas aos indivíduos.

Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente, eleger como termo de referência “pessoas mais velhas”¹, dado que pretende dissociar a idade da pessoa a uma condição estática, levantam-se questões relacionadas com a relatividade do conceito. Por outras palavras, interroga-se a existência de uma faixa etária de comparação para se considerar uma pessoa mais velha do que outra, visto que uma pessoa com sessenta e seis anos é mais velha do que outra com sessenta e quatro anos, assim como é percecionada como mais velha do que outra com quarenta e cinco anos, por exemplo.

O termo “pessoa idosa”, em comparação com a denominação de “idoso”, apresenta mais aspetos positivos, dado que não remete para distinções de género, ao afirmar que “(...) a qualidade de pessoa vem antes da sua idade, sendo esta somente uma das características que pode definir alguém.” (APAV, 2020, p.16). Tal perspetiva contribui, deste modo, para enfatizar a dignidade da pessoa, independentemente da sua idade, não se constituindo como necessário uma adequação textual ou oral quando se utiliza como referência a nomeação de “pessoa idosa”.

¹ Terminologia depreendida pelo recurso à expressão “*older people*” no Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, da Organização Mundial da Saúde (2015).

Além disso, a APAV (2020) alerta para a realização de estudos², sustentados na auscultação de pessoas com 65 ou mais anos, cujos resultados apontam para a associação do termo “idoso” a uma conotação negativa, vinculada à ideia de dependência, fragilidade e incapacidade dos indivíduos da faixa etária mencionada.

Perante a análise dos contributos enunciados, o conceito de “pessoa idosa” concebe-se, assim, como o mais adequado a empregar fazendo referência ao grupo etário de pessoas com 65 ou mais anos de idade.

1.1.2 Principais considerações acerca da relação entre Serviço Social e Envelhecimento

A atividade profissional dos Assistentes Sociais, ao pautar-se pela intervenção desenvolvida com indivíduos e grupos, ao longo do respetivo ciclo de vida, pode manifestar diferentes feições e tendências, reveladoras de uma certa inconstância no processo de construção e evolução da definição de Serviço Social.

Deste modo, a concetualização do Serviço Social, enquanto profissão e disciplina científica, depende das características e valores do contexto socio-histórico no qual nos situamos, podendo este último determinar a formação académica instituída para a obtenção de título de Assistente Social, o “(...) modo como os assistentes sociais se posicionam face à manutenção ou mudança da sociedade, a análise que fazem dos problemas sociais, das políticas sociais e de serviço em que se integram e as estratégias profissionais que constroem.” (Martins, 2002, p. 2).

De igual forma, tais repercussões conduzem para a edificação do conceito de Serviço Social como um processo não linear, condicionado por tensões linguísticas, ideológicas e políticas que marcam os diferentes períodos de tempo que acompanham o desenvolvimento desta área das ciências sociais. Um dos exemplos que se destaca, no âmbito das tensões linguísticas, corresponde à tradução da expressão *social work* para português, uma vez que se obtém a designação “trabalho social” e não propriamente o conceito de serviço social.

Apesar destas ambiguidades, é possível afirmar que a génese do Serviço Social remete, essencialmente, para o “(...) papel determinante da Igreja Católica no desenvolvimento e enquadramento desta actividade.” (Branco, 2017, p. 51), visto que as

² Estudo realizado no âmbito do Ano Internacional das Pessoas Idosas das Nações Unidas, em 1999 (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2020).

suas primeiras manifestações basearam-se, sobretudo, na prestação de serviços caritativos às pessoas que se encontravam em situação de vulnerabilidade. Em períodos subsequentes, procurou-se promover o desenvolvimento da atividade exercida pelos Assistentes Sociais, através da rutura com os ideais filantrópicos e assistencialistas que a marcavam, integrando, progressivamente, uma visão técnica e científica da intervenção social (Faleiros, 2011).

Atualmente, partindo dos valores da dignidade humana, liberdade e justiça social, o Serviço Social corresponde a uma profissão e disciplina científica que se orienta para a capacitação e autonomia das pessoas, através do desenvolvimento de uma consciência crítica que percecionas as causas estruturais de opressão existentes na sociedade (Associação dos Profissionais de Serviço Social, 2022).

O pensamento reflexivo, associado ao desenvolvimento de uma consciência crítica, deve, assim, acompanhar a prática do Assistente Social, de forma a proporcionar uma “(...) resposta profissional competente e de qualidade aos desafios da sociedade contemporânea marcada pela globalização social.” (Ferreira, 2014, p. 332). Claramente que o exercício da capacidade crítica do profissional pressupõe uma intervenção baseada em procedimentos teóricos e metodológicos (conhecimento/saber) e em princípios ético-deontológicos, que reconhecem o indivíduo como parceiro na ação (sujeito/cidadão), e refletem-se no desenvolvimento de práticas humanistas, compreensivas e antidiscriminatórias, promotoras do *empowerment*, capacitação e autodeterminação dos utentes (Carvalho, 2011).

Ao tentar compreender as mudanças e transformações que ocorrem na sociedade, como por exemplo, o aumento da esperança média de vida, o Serviço Social pode atuar no âmbito da promoção da autonomia, participação e garantia do bem-estar subjetivo das pessoas idosas.

Os contributos do exercício profissional do Assistente Social, no campo gerontológico, refletem-se, de acordo com Ribeirinho (2020) essencialmente, no desenvolvimento de uma intervenção holística, que integra as dimensões biopsicossociais, culturais e espirituais da pessoa idosa, articulando tais aspetos com as necessidades, interesses e expectativas da mesma.

A par disso, o Assistente Social necessita de dirigir a sua atenção para a diversidade de transições físicas, emocionais e psicológicas que ocorrem durante o processo de envelhecimento, sendo que este não deve ser percecionado de forma homogénea, “(...) uma vez que ninguém envelhece da mesma maneira ou ao mesmo

ritmo.” (Ferreira, 2022, p. 6). Enquanto que determinadas pessoas podem encontrar-se mais suscetíveis, durante este processo, ao desenvolvimento de doenças incapacitantes e degenerativas, que afetam a sua autonomia nas atividades diárias, outras podem apresentar níveis de funcionamento, nos domínios físico, psicológico e social, adequados à satisfação das respetivas necessidades, de forma independente.

As oscilações mencionadas dependem da interação entre fatores genéticos, pessoais e ambientais, que são influenciados pelos contextos de vivência das pessoas, como por exemplo, o contexto familiar, escolar, profissional, a saúde e a vida sociocultural.

Seguindo esta ordem de ideias, realça-se um conjunto de competências, apresentadas por Granja & Pereira (2009), que se encontram inerentes à intervenção do Assistente Social na área do envelhecimento e, conseqüentemente, ao contacto e interação com pessoas idosas.

Uma das competências enunciadas pelos autores diz respeito à elaboração de diagnósticos sustentados, que procuram entender as causas que impulsionam o surgimento de determinados comportamentos ou problemas dos indivíduos, contrariando possíveis juízos de valor e preconceitos na interpretação dos mesmos. Neste contexto, reforça-se a importância da não utilização dos conhecimentos do senso comum na compreensão dos fenómenos, de forma a não incorrer em determinados obstáculos epistemológicos ao conhecimento científico, que influenciam a intervenção a ser desenvolvida, nomeadamente o individualismo (pautado pela culpabilização do indivíduo pelos problemas presentes na respetiva trajetória social), o naturalismo (assente na atribuição das causas dos problemas a questões naturais, relacionadas com fatores biológicos/ hereditários e fatores metafísicos), e o etnocentrismo (baseado no julgamento das condições dos utentes, à luz do que consideramos correto, reprovável ou aceitável).

Outra das capacidades, decorrente dos conhecimentos do Assistente Social, para a qual Granja & Pereira (2009) atentam, corresponde à realização de atividades voltadas para o desenvolvimento de competências das pessoas idosas, através da identificação de saberes, gostos, interesses, modos de vida e tradições culturais que as mesmas valorizam. Neste âmbito, o trabalho de competências permite substanciar a continuidade da promoção de autoestima das pessoas idosas, por meio da escuta das suas opiniões, e do empreendimento de uma postura ativa e participativa.

Por fim, os autores consideram que a intervenção, nos funcionamentos institucionais, deve assegurar a humanização, através da adaptação das normas,

programas de apoio e projetos de tais contextos, às necessidades, opções religiosas, filosóficas e culturais das pessoas idosas, possibilitando a flexibilidade de possíveis atividades pensadas.

1.1.3 Perspetivas de análise e interpretação do Envelhecimento

A análise do envelhecimento como um processo evolutivo, característico do ciclo biológico natural de todos os seres humanos, para além daquilo que aparenta, presume o recurso a fundamentação teórica que elucide as características e dimensões das pessoas idosas, segundo uma lente que pode captar, ou não, a globalidade das mesmas.

Assim sendo, a forma como encaramos e compreendemos o envelhecimento pode ser orientada por diferentes perspetivas, como por exemplo a Teoria da Desvinculação que o associa a um percurso contínuo de perdas inevitáveis e desejadas, visto que, à medida que a pessoa envelhece caminha para o isolamento, verificando-se um afastamento mútuo entre a sociedade e a mesma (Serafim, 2007). Além deste ponto de vista, que acaba por originar preconceitos e discriminação baseados na idade³, percecionando as pessoas idosas como incapazes de exercer os seus direitos, existem perceções contrárias a tais ideias que sublinham “(...) a promoção do envelhecimento ativo e saudável, com participação na vida social e comunitária” (Pinto et al., 2022, p. 38).

Ao procurar afirmar os direitos humanos das pessoas idosas, como cidadãs ativas, independentes e autorrealizadas, o envelhecimento ativo requer o desenvolvimento de ações no âmbito de quatro pilares, nomeadamente, a saúde, a segurança, a participação social e a aprendizagem ao longo da vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2015), o pilar da saúde alude para os fatores de risco e de proteção que interferem com o aparecimento e desenvolvimento de determinadas doenças. Seguidamente, a segurança pode ser refletida numa visão crítica acerca do planeamento dos espaços urbanos ou dos serviços que as pessoas idosas frequentam, em termos de acesso aos mesmos ou às suas habitações, bem como ao clima social na comunidade. A participação social encontra-se relacionada com o envolvimento

³ O conceito de idadismo alerta não só para os preconceitos e discriminação, mas também para os estereótipos edificados com base na idade, sendo que tais pensamentos, ações e sentimentos podem afetar todas as pessoas. No caso das pessoas idosas, o idadismo pode espelhar-se, por exemplo, nas políticas governamentais, na forma como os serviços e respostas sociais são pensadas, organizadas e concebidas para as mesmas, assim como na abordagem e linguagem utilizadas quando se pretende efetuar a sua descrição (Ribeirinho, 2013).

das pessoas idosas em atividades promovidas pelos subsistemas institucionais da comunidade. Relativamente ao quarto pilar, isto é, a aprendizagem ao longo da vida, orienta-se para a ocupação dos tempos livres pós-reforma, com a finalidade de atualizar conhecimentos acerca de temas, situações ou interesses emergentes, como resultado da evolução e das mudanças do mundo contemporâneo.

A par da ótica de análise descrita, denota-se a existência de outras perspetivas elucidativas do envelhecimento, como o modelo de envelhecimento saudável (cujos pressupostos assentam na associação entre o envelhecimento e as doenças, dependência e importância da garantia de cuidados adequados a tais situações), o modelo de envelhecimento produtivo (relacionado com a participação das pessoas idosas no sistema produtivo), e o modelo de envelhecimento bem-sucedido (baseado numa perspetiva psicológica do envelhecimento a partir de uma combinação entre o baixo risco de doença e incapacidades, a prática de um estilo de vida saudável e a manutenção de uma vida social ativa), (Moreira, 2013).

Apesar da perspetiva de envelhecimento saudável, exposta por Moreira (2013), se encontrar, essencialmente, relacionada com a proteção e prevenção de determinados riscos que prejudiquem a saúde das pessoas idosas, denotam-se outras abordagens que contemplam a totalidade das dimensões da experiência de envelhecer no modelo referido.

Fonseca (2021) corresponde a um dos autores que alude para tal integralidade da pessoa idosa, caracterizando o envelhecimento saudável como um processo de desenvolvimento da capacidade funcional dos indivíduos. Assim sendo, o autor alude para a importância de, no processo de envelhecimento, cada pessoa ter acesso a um conjunto de recursos que lhe permita “(...) desempenhar não apenas aquilo de que necessita para ser autónoma e independente, mas igualmente aquilo que mais valoriza: satisfazer as necessidades básicas, tomar decisões, ter mobilidade, fazer e manter relacionamentos, aprender, contribuir para a sociedade.” (Fonseca, 2021, p. 21).

A capacidade funcional traduz-se, deste modo, na interação entre as competências físicas e mentais da pessoa idosa (por exemplo, andar, ouvir, memorizar, falar, ver pensar, entre outras), e as oportunidades, serviços e relações sociais presentes no meio envolvente, que proporcionam o desenvolvimento de tais capacidades.

Não obstante o reconhecimento dos contributos das conceções, sequencialmente, expostas, os pilares que organizam a perspetiva do envelhecimento ativo indicam compatibilidades com os temas de interesse da presente dissertação, a título de exemplo, a relevância da arte como promotora da participação social, bem como da aprendizagem

ao longo da vida. Estas dimensões devem distinguir-se na história de vida das pessoas idosas, por meio de experiências que permitam o exercício da autodeterminação das mesmas, potenciando “(...) novas formas de emancipar o indivíduo pela valorização das suas capacidades, colocando-os em arenas sociais significativas” (Carvalho, 2013, p. 10).

Na possibilidade de contacto e envolvimento nesses campos, bem como na resposta às necessidades e promoção das potencialidades que se sobressaem em cada um dos pilares do envelhecimento ativo, sublinha-se a intervenção dos profissionais de Serviço Social quer em contextos institucionais específicos, por exemplo nas Estruturas Residenciais para Idosos (ERPI) e Centros de Dia (CD), quer em contextos comunitários, como as autarquias nas quais existe a possibilidade de os Assistentes Sociais atuarem no âmbito de determinados projetos alternativos, promotores da valorização da dimensão participativa e da postura ativa das pessoas idosas, por meio da intervenção social pela arte (Ribeirinho, 2013).

1.2 A Intervenção Social pela Arte como metodologia de atuação com pessoas idosas

1.2.1 Concetualização da Arte e a Música como uma das suas manifestações

A arte e as suas manifestações estão em constante evolução, constituindo-se, por isso, como uma tarefa difícil a definição do seu conceito.

Contudo, a arte pode ser caracterizada, de forma geral, como “(...) uma atividade humana abrangente e de carácter moldável” (Oliveira, 2020, p. 6), dado que pode ser moldada pela evolução da sociedade. Por exemplo, o que se considerava arte no século XVIII é diferente do que consideramos no século XXI, e a definição que se atribuía outrora não se encontra associada ao significado que atribuímos hoje, precisamente porque os contextos e as particularidades de cada época são distintos.

Esta dificuldade de definição também é perceptível quando questionamos alguém acerca do que é a arte e a resposta recai, sobretudo, sobre as suas diferentes manifestações, isto é, pintura, música, teatro, cinema, escultura, literatura, entre outras. Do mesmo modo, a resposta pode traduzir aquilo que a arte transmite à pessoa ou os sentimentos que lhe suscita, isto é, alegria, tristeza, fascínio, nostalgia, realização, liberdade, etc.

Outros autores identificam a arte como a capacidade do ser humano “(...) produzir objetos ou realizar ações com as quais- cumprindo ou não finalidades úteis- ele possa expressar ideias, sentimentos ou emoções estéticas” (Pinto, 2006, p. 4), sendo estas ações ou objetos considerados obras de arte. Nesta linha de pensamento, as manifestações da

arte podem ser utilizadas como veículos de comunicação, suscetíveis de entendimento e recepção por parte das pessoas que as podem ouvir, sentir e observar.

A título de exemplo, um conjunto de fotografias acerca da forma e detalhes de como pessoas em situação de sem-abrigo se organizam nos espaços públicos nos quais pernoitam, ou a letra de uma música construída por um grupo de pessoas idosas, representam melhor os interesses, hábitos, valores, costumes, forma de ver o mundo e necessidades do que uma análise descrita em formato de relatório, segundo Leão (2022).

Outras perspetivas direcionam o entendimento da arte como ato com intenções específicas, ou seja, “(...) a arte encontra-se no ato, não na coisa que este cria. O ato pode criar um objeto, uma composição, uma atividade performativa, uma história, um símbolo ou uma experiência.” (Matarasso, 2019, p. 39). Ao traduzir-se numa atividade que exige a autoconsciência dos indivíduos, pressupõe a aplicação da concentração e habilidade dos mesmos, de forma a acionarem outras faculdades como a imaginação e a sensibilidade no ato de criação.

A vinculação da arte a um ato consciente, permite, de igual forma, alcançar a reflexão de que a pessoa “(...) dá voz e personaliza as suas crenças, os seus sonhos e os seus medos” (Pinto, 2006, p. 8), expressando as respetivas interpretações da realidade, de si própria, bem como dos outros.

A intencionalidade da arte pode traduzir-se também na criação de significado “(...) através de histórias, imagens, sons, atividades performativas, e outros métodos que possibilitam que uma pessoa comunique a outras os seus sentimentos e a experiência de estar viva.” (Matarasso, 2019, p. 40), sendo que a transmissão de tais objetos, atividades e ações estarão sempre sujeitos à interpretação subjetiva e produção de significados de quem os observa, sente, escuta e aprecia.

De forma a assimilar as ideias apresentadas, tomemos como exemplo a música, como uma das manifestações de expressão artística que encontramos, frequentemente, no dia a dia, nas bandas filarmónicas ou no âmbito de associações que promovem a adesão e “(...) organização de comunidades de músicos, onde a preservação identitária e cultural é um fator de comunicação e educação entre gerações.” (Gomes, 2013, p. 19).

Além do contacto com a música ser possibilitado através do associativismo, as pessoas podem experienciá-la por meio de um envolvimento ativo, (por exemplo, quando se realizam atividades de criação e composição de obras, canções e melodias), ou passivo (no qual os indivíduos são entendidos como consumidores de música), de acordo com Weinberg & Joseph (2016), conforme citado por Marques (2017).

A par disto, salienta-se que a ligação com a música, quer seja como ouvinte ou como artista, é fomentada pelo impacto emocional que revela, ou seja, ao provocar impressões vívidas, por meio do estímulo e da ativação de determinados sentidos e capacidades das pessoas, “(...) podemos dizer que a experiência da música é provavelmente a mais emocional, senso-motora e cognitiva das experiências humanas. Envolve ouvir, ver, sentir, mover e coordenar, lembrar e antecipar.” (Marques, 2017, p. 7).

O processo de aprendizagem de um instrumento musical, sustentado na reprodução de som e exercícios para atingir esse efeito, representam exemplos da experiência mencionada, sendo que a partilha da mesma no seio de um grupo pode contribuir para “(...) manter a capacidade de se conectar com os sistemas emocionais profundos, gerando sentimentos relacionados à capacidade de inter-relações sociais e atividades em equipe.” (Licursi et al., 2020, p. 56).

Diante destas utilidades e potencialidades, sublinha-se a visão da autora Tia DeNora, uma vez que percebe a música como um instrumento poderoso que “(...) influencia a gestão da nossa imagem, a forma como nos sentimos – física e emocionalmente -, e a visão que temos do outro e das múltiplas situações que surgem diariamente: por isso, é recriadora de modos de conduta.”, (Guerra et al., 2021, p.307). O simples consumo da manifestação artística em destaque permite, através da reflexividade estética referida pela autora, mediar a identidade e autoimagem dos indivíduos, adaptando as mesmas aos vários estados emocionais experimentados no contacto com a vida social.

Os contributos da música refletem-se também nas suas qualidades apelativas, pois contribuem para a coesão de massas da população que desenvolvem a respetiva dimensão participativa, por meio das vivências, interações e significações que a transformam em algo eminentemente social, ou seja, como um dos elementos potenciadores da autorrealização individual e comunitária.

Dadas estas considerações, e retornando à elucidação da expressão artística, em geral, importa evidenciar que, em Portugal, a manifestação das artes nem sempre foi exteriorizada, principalmente durante o Estado Novo, dado que a política totalitária do salazarismo, na qual se baseava, proibia o questionamento das imposições de funcionamento da vida dos indivíduos que as modalidades da arte poderiam ocasionar, assim como qualquer ligação associativa (Gomes, 2013).

Portanto, a conjugação da arte com outras áreas disciplinares, ou até mesmo sem essa combinação, não se assumia como prioridade, nem como uma possível metodologia

de intervenção para apoiar o desenvolvimento social, refletindo-se, assim, na parca visibilidade desta área nas políticas públicas.

1.2.2 Os Efeitos Sociais das Artes e a sua relação com o Serviço Social

O reconhecimento da importância da intervenção social pela arte, como metodologia de atuação com pessoas idosas, passa pela identificação dos efeitos sociais da prática artística nos indivíduos e, conseqüentemente, na interação que desenvolvem com os subsistemas da comunidade.

Na sequência deste enquadramento, Melo (2015), apresenta como efeitos sociais das artes, a nível individual, a promoção de laços interpessoais e o incremento das oportunidades de expressão e de lazer, através das atividades que pressupõem o envolvimento com as artes. Igualmente, sobressai o desenvolvimento de competências sociais (como por exemplo: a capacidade de expressar opiniões, defender ideias, direitos, negociar, e estimular a criatividade), e emocionais (relacionadas com a promoção da autoconfiança, autoestima, bem como do sentimento de pertença à comunidade ou a um grupo).

Aliado ao fomento da autoestima, a autora destaca a promoção do *empowerment* (baseado numa postura crítica em relação à realidade que rodeia as pessoas), e advocacia (como um estímulo ao desenvolvimento de práticas relacionadas com a defesa de causas que questionem a realidade, para além daquilo que aparenta). De acordo com Granja & Pereira (2009), a advocacia social permite perceber as pessoas idosas na sua totalidade indivisível, mantendo-as informadas acerca dos seus direitos e deveres, bem como incentivando a comunicação, participação e reflexão das situações que as rodeiam, mesmo quando a interação pode ser dificultada pela presença de determinadas patologias agravadas pelo processo de envelhecimento, por exemplo.

Neste contexto, surge a necessidade de proporcionar atividades alternativas às respostas que se encontram padronizadas pelos sistemas institucionais, reforçando-se, mais uma vez, as atividades de expressão artística, como dinâmicas favoráveis ao exercício de capacidades transversais, por parte das pessoas idosas. Igualmente, o contributo da arte no desenvolvimento de competências pessoais e sociais, permite reconhecê-la como uma metodologia importante na tentativa de “(...) colmatar as lacunas que as abordagens tradicionais da área social não estavam a conseguir resolver, diminuindo o papel central que a dimensão estrutural tem na resolução destes problemas.” (Cruz, 2020, p. 60).

A relação do Serviço Social com a arte reflete-se na capacidade de estimular o pensamento crítico e fortalecer as pessoas na luta e reconhecimento dos seus direitos, o que remete para o desenvolvimento do serviço social comunitário, nos anos 60 e 70, período no qual a intervenção social pela arte também se manifestava, uma vez que a consciência da existência de grupos oprimidos e a agitação sociopolítica, nesse período, elencou o foco nos aspetos coletivos dos problemas sociais (Lopes, 2015).

Na época referida, Paulo Freire, por meio dos círculos de cultura também procurou favorecer a postura ativa daqueles que denominava como oprimidos e viviam na “cultura do silêncio”, ou seja, aqueles que não tinham voz para questionar, (por exemplo: operários e camponeses, cujos contextos de vida eram marcados pela miséria, pobreza e submissão), e não se manifestavam como cidadãos políticos, pois não possuíam condições para interferir na realidade opressora que os rodeava (Silva & Therrien, 2020)). No domínio da pedagogia de Paulo Freire e das finalidades do serviço social comunitário, realça-se uma metodologia participativa essencial no serviço social crítico e transformador.

No campo do serviço social, o caráter comunitário pode também ser deduzido através do conceito de desenvolvimento comunitário, referente a um “(...) método com a finalidade de desenvolver as capacidades pessoais, de grupos e consequentemente, (...) assumirem o controlo coletivo e responsabilidade pelo próprio desenvolvimento.” (Silva, 2022, p. 9). Qualquer que seja a designação adotada, encontra-se subjacente a ideia de que a intervenção social com as comunidades pressupõe, principalmente, uma ação coletiva, contrariamente a uma abordagem individualizada. No entanto, por meio desta ação coletiva, constitui-se como possível promover o desenvolvimento de competências de cada indivíduo, ao participarem de atividades relacionadas com a arte, por exemplo.

A fusão destas atividades como a arte e a dimensão participativa, remete para o termo apresentado pelo autor François Matarasso, correspondente à arte participativa. De acordo com este investigador, as atividades que o conceito referido engloba podem realizar-se, por exemplo, no âmbito de projetos que utilizam a arte para incentivar a mudança social, uma vez que a arte participativa é considerada “(...) a criação de um trabalho artístico por artistas profissionais com artistas não-profissionais.” (Matarasso, 2019, p. 52). A presença de tais intervenientes, em contexto de projeto de intervenção social, permite, mais uma vez, perceber a arte como um ato que proporciona a construção de algo que poderia não se constatar como exequível, individualmente, daí a importância de o realizar em conjunto, acionando diferentes competências e interesses (ibidem).

A criação de um trabalho artístico, é apresentada pelo autor como uma das características indispensáveis da arte participativa, ao envolver “(...) uma estrutura de valores, ideias e referências, a aplicação de conhecimento e mestria, uma duração temporal determinada e alguma forma de apresentação.” (Matarasso, 2019, p. 53). Desta forma, o estabelecimento de objetivos, escuta e valorização de interesses, bem como a mobilização e aprendizagem de novos saberes proporcionam a criação de algo refletido no trabalho artístico.

Outra das particularidades realçada na arte participativa pauta-se pelo “(...) reconhecimento de que todos os envolvidos no ato artístico são artistas.” (Matarasso, 2019, p. 53). Apesar desta noção gerar debates, o autor reforça a ideia de que um artista não nasce com os conhecimentos e aprendizagens necessárias à sua performance artística, tendo de escutar, praticar e tocar para fazer arte, já que “(...) um artista é definido pelo ato de fazer arte.” (Matarasso, 2019, p. 54).

Neste pendor participativo, associado também às lógicas de atuação do Serviço Social, enquadra-se a intervenção social pela arte, segundo o respeito pela capacidade de decisão e autodeterminação dos indivíduos, contrariamente ao que se constata, por exemplo, no prisma do serviço social funcionalista, defendido pelo *Case Work*, cujos fundamentos ressaltam o estabelecimento de formas de ação e objetivos, como se fossem prescrições que as pessoas devem cumprir (Faleiros, 2021).

Capítulo 2. Enquadramento metodológico da investigação

2.1 Objetivos da investigação

Diante do interesse, questionamento e reflexão acerca das temáticas que o enquadramento teórico-conceitual preconiza, evidenciou-se, no processo de planeamento da investigação, a importância de definir objetivos.

Desde os caminhos teóricos até à análise de dados e resultados obtidos, os objetivos apresentam a intenção de elucidar o que os investigadores pretendem pesquisar, estudar, desenvolver e descobrir com o trabalho que, progressivamente, elaboram. Por isso, assinala-se, nas etapas primordiais do percurso investigativo, a necessidade de estabelecer objetivos orientados “(...) para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar.” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 156).

No desenvolvimento e prossecução da investigação em destaque, foi possível materializar estes fundamentos, por meio do estabelecimento de um objetivo geral e respetivos objetivos específicos.

O objetivo geral, como a própria designação indica, “Está ligado a uma visão global e abrangente do tema.” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 219), procurando sublinhar, com clareza e objetividade, a finalidade da pesquisa que o investigador tenciona realizar. Ao conectar-se com a exploração de temas e significações da investigação, o objetivo geral da presente dissertação encontra-se enunciado na seguinte frase:

i) Perceber de que forma as intervenções artísticas, no âmbito da intervenção social com pessoas idosas, influenciam a promoção de um envelhecimento ativo.

Os objetivos específicos expressam a decomposição do objetivo geral em determinados passos estratégicos que permitem responder à questão: “O que é necessário fazer para desenvolver a pesquisa?”. A vertente mais concreta, que caracteriza o objetivo específico, contribui para a definição de metas de pesquisa que possibilitam, “(...) de um lado, atingir o objetivo geral e, do outro, aplicá-lo a situações particulares.” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 219).

Tendo em consideração o objetivo geral indicado anteriormente, foram definidos, para o desenvolvimento do presente estudo, seis objetivos específicos, enumerados nas seguintes alíneas:

- i) Analisar de que forma os objetivos e atividades do projeto de intervenção social pela arte selecionado se aproximam, ou não, dos pilares do modelo de envelhecimento ativo (por exemplo: perceber se o projeto é guiado por uma metodologia participativa, adequando-se aos interesses e potencialidades das pessoas idosas, respeitando a sua vontade);
- ii) Identificar o modo como as pessoas idosas foram integradas ou encaminhadas para a atividade artística na qual participam, refletindo de que forma tais processos afetam a participação das mesmas na ação (por exemplo: compreender se existe, ou não, uma motivação, familiaridade ou identificação com as dinâmicas artísticas);
- iii) Perceber quais os significados atribuídos, por parte das pessoas idosas, à modalidade de arte que experienciam no âmbito do projeto e seu funcionamento (quais as mais-valias que salientam, aspetos a melhorar, principais dificuldades e desafios);
- iv) Refletir de que forma o envolvimento e contacto com a atividade artística influenciam a estimulação e desenvolvimento de competências sociais (ex. capacidade de expressar opiniões, defender ideias, direitos, negociar), e emocionais (ex. autoconfiança, perseverança- atitude de quem persiste apesar das dificuldades);
- v) Observar as dinâmicas de conversação, interação e participação das pessoas idosas nos momentos de treino, ensaio e prática artística em grupo;
- vi) Potenciar e aprofundar estudo acerca da relação entre o Serviço Social e a Arte, elencando os principais contributos e desafios decorrentes da investigação desenvolvida.

2.2 Opção metodológica e desenho da investigação

A índole exploratória dos objetivos, assinalados no tópico anterior, contribui para clarificar a contextualização do estudo quanto a outra das dimensões cruciais do processo investigativo, designadamente a metodologia.

Ao promover o esclarecimento “(...) dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência.” (Gerhardt & Souza, 2009, p. 12), a indicação do tipo de metodologia a seguir, constitui-se como uma ação fundamental para o desenvolvimento de outras etapas do plano investigativo, como por

exemplo, a identificação de técnicas de recolha de dados adequadas ao enriquecimento da pesquisa e análise dos temas em estudo.

Em consonância com as intenções e conteúdos expostos nos objetivos de investigação, evidenciou-se, na presente pesquisa, o seguimento de uma metodologia qualitativa, dada a pretensão de compreender o tema delineado, em profundidade, segundo os significados e relevância remetidos ao mesmo. A percepção de tais significados, atribuídos pelas pessoas idosas em relação à atividade artística na qual participam, compatibiliza-se com a ambição de entender “(...) a forma como cada um vive essa experiência, a individualidade do acontecimento/fenómeno e a forma como é vivido e sentido por cada um.” (Silva & Dixe, 2020, p. 4).

Para além deste propósito, a metodologia de investigação qualitativa, ao afirmar-se “(...) no campo da compreensão das relações e actividades humanas com os significados que as animam” (Évora, 2006, p. 5), aproxima-se de outra finalidade da investigação relacionada com a pesquisa dos efeitos, comportamentos, dinâmicas e interações das pessoas idosas, em determinado contexto, como por exemplo, os ensaios de música previstos numa das atividades artísticas de um projeto.

A análise de tais questões, em articulação com o testemunho de um conjunto de pessoas que participam num contexto de pesquisa específico, reflete a identificação da metodologia indicada com um dos tipos de desenho de investigação qualitativa, ou seja, o estudo de caso (Gómez, 2021).

Além da sua nomeação como uma das categorias do desenho de estudo qualitativo, a referência ao estudo de caso também pode evidenciar-se através de termos como, estratégia de pesquisa e abordagem de investigação empírica, conforme as considerações apresentadas por Yin (2003). De acordo com as mesmas fontes, foi possível constatar a adequabilidade do estudo de caso ao trabalho de pesquisa desenvolvido, uma vez que se constitui como a estratégia mais apropriada quando se tenciona responder a questões, cuja formulação contém as palavras “como” ou “porque”.

A frase representativa do objetivo geral desta investigação, constitui-se como um exemplo da presença implícita da palavra “como”, por meio da utilização dos termos “de que forma”, sendo ambos orientadores de uma interrogação que procura compreender de que modo as intervenções artísticas, no âmbito da intervenção social com pessoas idosas, influenciam a promoção de um envelhecimento ativo. Neste sentido, “O desenho do estudo de caso obedecerá ao objetivo geral do estudo: procura descrever um caso,

explorar um caso” (Gómez, 2021, p. 19), com a finalidade de construir análises de natureza descritiva, crítica e explicativa.

Aliada aos pressupostos citados, a opção pelo método de estudo de caso, nesta investigação, justificou-se pela capacidade de permitir o “(...) levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos.” (Marconi & Lakatos, 2007, p. 274), envolvendo a colaboração e interação entre o investigador, participantes e um determinado contexto. O caso referido nestas últimas considerações corresponde à unidade de análise do estudo, representando, por exemplo, uma organização, um projeto, um programa, indivíduos ou grupos sociais, consoante o foco da pesquisa em causa (Yin, 2003).

Não obstante as vantagens reconhecidas na seleção do estudo de caso como estratégia de investigação, constitui-se como crucial aludir para a existência de determinadas limitações relacionadas com a escolha de um único caso como unidade de análise. Por outras palavras, esta delimitação do caso pode dificultar a possibilidade de generalização dos resultados a outras situações, colocando a respetiva validade externa em debate, segundo Carmo (1998).

2.2.1 Especificação do Estudo de Caso

Em virtude dos conteúdos expostos no tópico anterior, assinala-se a importância de determinar o estudo de caso que fomentou a investigação desenvolvida, quanto à respetiva unidade de análise e contexto através do qual foi identificado.

Assim sendo, a investigação empírica, edificada pelo estudo de caso, debruçou-se sobre um grupo de oito pessoas idosas, participantes de uma das atividades artísticas desenvolvidas no âmbito de um projeto de intervenção social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Este projeto, de cariz comunitário, foi sugerido, inicialmente, pelas profissionais de gerontologia do departamento de desenvolvimento social, saúde e habitação da autarquia, por meio de mensagem de correio eletrónico e reunião exploratória, como a operação que mais se aproximava aos objetivos da investigação. Deste modo, o projeto assinalado, bem como as respetivas finalidades, manifestaram contiguidade relativamente aos temas de interesse da dissertação, ou seja, a intervenção social pela arte e a promoção do envelhecimento ativo.

Tais inferências foram sustentadas, igualmente, por meio da caracterização da operação em destaque como um programa, constituído por um conjunto de iniciativas

voltadas para o envolvimento e capacitação das pessoas idosas do concelho, “(...) de forma a promover a sua autonomia, o seu processo de envelhecimento ativo e o seu exercício de uma cidadania e participação na vida social e ativa.” (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2023, p. 3).

A génese do projeto de intervenção social, evidenciado como pano de fundo para a identificação dos elementos que compõem o estudo de caso, remete para a importância do desenvolvimento de respostas sociais inovadoras que acompanhem as mudanças e desafios decorrentes da evolução da sociedade. Desta forma, constitui-se como essencial aludir para a ancoragem do projeto no Plano de Ação das Operações Integradas do Território de Intervenção (PAOITI), da Área Metropolitana do Porto (AMP) Sul, bem como nas questões sociais que fundamentaram a emergência e necessidade do mesmo, (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2024).

De entre as questões sociais e fenómenos identificados, no âmbito de um diagnóstico global elaborado pela Área Metropolitana do Porto (AMP), justificando a importância de implementação do plano mencionado, destacam-se os seguintes: o progressivo envelhecimento demográfico, a insuficiente mobilização dos atores locais na promoção do combate à pobreza, a precariedade habitacional, a dificuldade da população no acesso aos serviços de saúde, o surgimento de fragilidades no campo da saúde mental, a baixa qualificação da população adulta, assim como a parca consciencialização cívica que permita o efetivo exercício de direitos, por parte dos indivíduos (Câmara Municipal de Arouca, 2023).

Para além da indicação das principais situações-problema, quanto à respetiva natureza, dimensão e incidência na AMP, o diagnóstico desenvolvido teve como finalidade potenciar o planeamento e provisão de respostas de intervenção social adequadas ao desenvolvimento das comunidades desfavorecidas do território metropolitano (Plano de Recuperação e Resiliência, 2022).

De acordo com as mesmas fontes, a execução de instrumentos como o diagnóstico, bem como o planeamento de outras respostas, foram incentivados, inicialmente, pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)⁴, no âmbito de uma das suas componentes, denominada de Respostas Sociais.

⁴ O Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) corresponde a um programa, de dimensão nacional, que almeja a implementação “(...) de um conjunto de reformas e de investimentos que permitirá ao país retomar o crescimento económico sustentado” (Ministério do Planeamento, 2021, p. 1), tendo em conta as adversidades constatadas após a pandemia. Iniciando em 2021, este plano apresenta um período de execução até 2026, baseado no desenvolvimento de ações em torno de três áreas de incidência,

Ao integrar uma das áreas de incidência do PRR, mais precisamente a Resiliência, a componente mencionada apresenta como principais objetivos “(...) reforçar, adaptar, requalificar e inovar as respostas sociais dirigidas às crianças, pessoas idosas, pessoas com deficiência ou incapacidades e famílias” (Ministério do Planeamento, 2021, p. 93). A atualização dessas respostas passa, por exemplo, pelo desenvolvimento de “(...) programas integrados de atuação de apoio às comunidades desfavorecidas (...) de modo a inverter a lógica de atuação setorial, substituindo-a por atuações multisectoriais de base local que permitam dar uma resposta mais robusta e concertada aos desafios” (Plano de Recuperação e Resiliência, 2022, p. 1).

Tendo em consideração a aplicabilidade destas intenções no território metropolitano do Porto, com base nas situações-problema previamente identificadas por meio de diagnóstico, surge o Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas (PACD), da AMP, contemplando, num dos seus eixos de atuação, as intervenções territoriais correspondentes a operações individuais (projetos) e propostas de ação de cada Unidade Técnica Local (UTL), conforme explicitado pelo Plano de Recuperação e Resiliência (2022).

Na Unidade Técnica Local referente à Área Metropolitana do Porto Sul, destaca-se como elemento coordenador, e, por conseguinte, representante dos restantes concelhos⁵ desta área geográfica, o município de Santa Maria da Feira. Definidos os elementos constituintes de cada UTL, os municípios envolvidos apresentaram, até ao ano de 2022, as respetivas propostas de Planos de Ação das Operações Integradas dos Territórios de Intervenção (PAOITI), assim como os projetos de intervenção social pensados para cada território, sujeitos a fases de análise, avaliação e aprovação quanto aos objetivos, atividades e investimento que pressupõem a concretização dos mesmos (Plano de Recuperação e Resiliência, 2022).

Perante este enquadramento, sublinha-se a emergência de um dos projetos de intervenção social, concebidos pelo departamento de desenvolvimento social, saúde e habitação, da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, como contexto a partir do qual foi possível selecionar os elementos do estudo de caso da investigação, tal como referido precedentemente.

nomeadamente a Resiliência, a Transição Climática e a Transição Digital (Plano de Recuperação e Resiliência, 2024).

⁵ Além do município de Santa Maria da Feira, integram a AMP Sul os concelhos de Arouca, Oliveira de Azeméis, São João da Madeira e Vale de Cambra (Câmara Municipal de Arouca, 2023).

Os desafios demográficos e sociais resultantes do aumento do número de residentes com 65 ou mais anos, de acordo com a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira (2023), representam os principais motivos da planificação do projeto. A par disso, o surgimento do projeto também foi impulsionado pela necessidade de promover a saúde e envelhecimento ativo dos indivíduos compreendidos na faixa etária mencionada, visto que se constitui como importante garantir a continuação da aprendizagem de saberes, combate ao isolamento social, promoção da autoestima e participação social das pessoas idosas.

Aliado a estas considerações, o objetivo geral do projeto pressupõe a superação dos “(...) problemas associados ao envelhecimento da população através da implementação de práticas desportivas, culturais, de lazer, promotoras de envelhecimento ativo e saudável, promovendo a saúde numa perspetiva de autonomia e capacitação” (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2023, p. 8). Num âmbito mais específico, destacam-se finalidades como incentivar o desenvolvimento de iniciativas que contribuam para a promoção da autonomia das pessoas idosas, reforçar as estratégias de convivialidade intergeracional e comunitária, trabalhar competências que estimulem a análise do meio social no qual as pessoas vivem, segundo um olhar crítico e reflexivo, assim como “(...) desenvolver estratégias de integração e inclusão comunitária dos idosos, tornando-os voz ativa, nos processos de participação e cidadania comunitária” (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2023, p. 8).

Tais objetivos foram delineados não só com base nas necessidades identificadas, mas também tendo em consideração os públicos-alvo abrangidos pelos fundamentos do projeto, ou seja, pessoas idosas residentes no concelho de Santa Maria da Feira, que se encontrem, ou não, numa situação de dependência, isolamento social, sem laços de sociabilidade, com poucos recursos económicos, baixas qualificações, considerando-se também possíveis cuidadores informais numa situação de desgaste e cansaço, conforme exposto no documento de memória descritiva do projeto (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2023).

Não obstante a explicação do projeto, num âmbito mais geral, favorecer a compreensão da contextualização do estudo de caso, assinala-se como fundamental abordar uma das ações estruturantes da operação, visto que permitiu a identificação da unidade de análise necessária ao prosseguimento da investigação.

Neste sentido, a ação representativa de uma das atividades voltada para o alcance dos fins aludidos anteriormente, sublinha a arte como “(...) uma resposta de intervenção

social e artística com o objetivo de valorizar o acesso à cultura, proporcionando um impacto positivo na promoção do bem-estar, saúde, e envelhecimento ativo” (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2023, p. 9).

O recurso a artes performativas como a música, com a finalidade de combater o isolamento social e a solidão, assim como promover o envelhecimento ativo, reflete-se na dinamização de ensaios e participação das pessoas idosas em espetáculos e momentos coletivos de apresentação. A par disso, a prática artística, traduzida no desenvolvimento de tais atividades, pretende viabilizar a aprendizagem contínua das pessoas idosas (através do estímulo das capacidades cognitivas das mesmas), o contacto com desafios inesperados e tarefas distintas como resultado do exercício da expressão artística e criatividade que a música proporciona, bem como “Divulgar e preservar a história, a cultura e as tradições locais.” (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2023, p. 19).

Partindo da descoberta da prática artística da música numa das ações do projeto de intervenção social, foi possível chegar ao grupo de oito pessoas idosas que constituem a unidade de análise do estudo de caso realizado.

Claramente que a escolha dos casos efetuou-se por via da intencionalidade, dada a pretensão de “(...) olhar, dentro de casos específicos, os mecanismos que se estruturam e levam à ocorrência do fenómeno de interesse.” (Sátyro & D’Albuquerque, 2020, p. 17).

Do mesmo modo, constitui-se como essencial referir que a presença da intencionalidade na escolha dos casos espelhou-se na utilização e verificação de determinados critérios de inclusão tais como, a participação na atividade de música do projeto de intervenção social, a idade igual ou superior a 65 anos, e a assinatura do consentimento informado, como manifestação de autorização da participação na investigação. Quanto aos critérios de exclusão, definidos como aspetos que podem conduzir ao enviesamento dos resultados do estudo, destacaram-se fatores como, a idade inferior a 65 anos, a presença de qualquer patologia, ao nível da saúde mental, ou dificuldade cognitiva que limitasse a capacidade de participação na investigação, através de um discurso coerente e informado acerca dos assuntos questionados, e a recusa em participar no estudo, ao não se constatar a assinatura do consentimento informado.

Em síntese, a compreensão dos fundamentos gerais e específicos do projeto de intervenção social identificado, em articulação com o estabelecimento de critérios que permitem o delineamento de características-chave dos participantes da investigação, assumiram-se como passos relevantes no seguimento dos objetivos da pesquisa desenvolvida.

2.3 Técnicas de recolha e análise de dados

No âmbito da investigação em ciências sociais, as técnicas de recolha e análise de dados assumem-se como procedimentos operatórios associados a “(...) elementos práticos, concretos, definidos, adaptados a uma determinada finalidade” (Carmo, 1998, p. 175).

A escolha destas técnicas, tendo em consideração a opção metodológica selecionada para a investigação, assim como os objetivos nos quais se suportou, aspirou “(...) apreender o sentido que os actores atribuem aos seus discursos e às suas práticas.” (Canastra et al., 2015, p. 13). Do mesmo modo, a pretensão de aceder a tais significados, permitiu asseverar o pendor qualitativo das técnicas de recolha e análise de dados do estudo de caso especificado para o desenvolvimento da pesquisa.

No que diz respeito às técnicas de recolha de dados, consideraram-se como mais adequadas às finalidades da investigação, a análise documental, a observação e a entrevista semiestruturada.

A análise documental, como a própria denominação indica, remete para o trabalho de “Pesquisa que se restringe à análise de documentos.” (Silva et al., 2009, p. 5), uma vez que estes últimos se apresentam como fontes de informação cruciais na descoberta de novos conhecimentos e no processo de levantamento de dados considerados pertinentes para a exploração das temáticas questionadas na investigação. A eleição desta técnica de recolha de dados, numa das etapas iniciais do processo investigativo, foi fomentada pela perceção dos documentos como “(...) fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador.” (Figueiredo, 2007, p. 44).

Seguindo esta linha de raciocínio, o recurso à análise de documentos como a memória descritiva⁶ do projeto de intervenção social que contribuiu para a definição do estudo de caso da investigação, sobressaiu-se como ponto fulcral no entendimento de determinados aspetos, essenciais à identificação de informação adequada às questões que os objetivos de pesquisa colocam, implicitamente.

De entre esses aspetos, sublinham-se dimensões de análise como, o enquadramento do projeto de intervenção social, a identificação de ações e atividades

⁶ A memória descritiva diz respeito a um documento que compreende a explicação pormenorizada das características fundamentais de um projeto como por exemplo, a sequência de realização das suas atividades, os recursos necessários para a execução mesmas, bem como as orientações necessárias para o alcance dos objetivos nos quais se suporta.

relacionadas com a arte e a aproximação de elementos de caracterização da operação com os objetivos de investigação. Todas estas dimensões, assim como determinadas questões orientadoras para obtenção de dados, compõem o instrumento utilizado como suporte da análise documental, nomeadamente o guião de recolha de informação⁷, de forma a facilitar o processo de seleção e reconhecimento das considerações textuais oportunas para a pesquisa.

Do mesmo modo, concebe-se como essencial referir que os conteúdos que as dimensões citadas pressupõem, foram estabelecidos com o intuito de determinar um fio condutor na clarificação dos dados necessários à perceção do projeto, iniciando por um âmbito mais geral, ou seja, a contextualização da operação (ao nível das problemáticas e desafios que incentivaram a sua génese, objetivos, população-alvo e equipa de profissionais envolvidos), passando pela indicação de possíveis ações e atividades relacionadas com a arte (de maneira a afunilar, cada vez mais, o caminho de descoberta da prática artística a explorar), até ao encontro de elementos de caracterização do projeto que combinem com as finalidades de investigação (por exemplo, a ligação de explicações e descrições da memória descritiva a valores e princípios do Serviço Social, aos pilares do modelo de envelhecimento ativo e aos efeitos sociais das artes).

As principais vantagens verificadas aquando da seleção e utilização da análise documental, como técnica de recolha de dados, condizem com o carácter estável do documento, visto que permitiu a sua consulta regularmente, sempre que se constatou como necessário fundamentar determinadas inferências, assim como possibilitou o enriquecimento de informações entendidas como complementares aos dados obtidos na sequência de outras técnicas (Bowen, 2009).

Conforme aludido no tópico correspondente aos objetivos de investigação, outra das fases integrantes do percurso de pesquisa diz respeito à observação do funcionamento e desenvolvimento de uma das atividades do projeto de intervenção social, mais precisamente os ensaios de música, nos quais se constatou a participação das oito pessoas idosas que constituíram a unidade de análise do estudo de caso.

Em concordância com a finalidade de perceber as dinâmicas de conversação, reações, comportamentos e interações do grupo de pessoas referido, em contexto de ensaio, a técnica de observação evidenciou a respetiva adequabilidade ao representar um dos meios que permite “(...) descrever e categorizar os comportamentos de indivíduos ou

⁷ Consultar guião de recolha de informação de análise documental presente no anexo 1.

de grupos nas suas interações em contextos definidos.” (Rebolo, 2021, p. 89). Ao recorrer à utilização dos sentidos, como a visão e a audição, para constatar determinados aspetos da realidade a analisar, a observação pressupõe o contacto direto do investigador com o grupo de pessoas selecionadas como participantes no estudo (Marconi & Lakatos, 2003).

Articulando com o estudo de caso da investigação desenvolvida, a observação refletiu-se no ato de assistir aos ensaios de música nos quais as pessoas idosas participaram, presenciando os mesmos sem interferir nas atividades e relações que ocorriam. Apesar de não passar pelo envolvimento do investigador nas situações que observa, “(...) não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado.” (Marconi & Lakatos, 2007, p. 193). A construção e utilização de um guião de observação⁸ reforçam esse sentido de atenção conscienciosa e deliberada levada em consideração no processo de recolha de dados, por meio da observação.

Uma das categorias de análise do guião de observação elaborado, alude para a caracterização do espaço físico no qual se desenvolvem os ensaios, demonstrando-se a relevância de perceber o contexto concreto de observação, como as pessoas se organizavam no mesmo, se se encontrava adequado às tarefas de desenvolvimento do ensaio, bem como os principais materiais disponíveis para o efeito. A perceção destes aspetos assume-se como imprescindível, por exemplo, na possibilidade de os participantes terem acesso a um espaço que propicie o conforto, satisfação e ambiente favorável à reprodução das tarefas solicitadas e aprendizagem de novos conhecimentos.

Outra das categorias elencadas traduz-se no funcionamento da atividade, principalmente no que concerne à abordagem, estratégias e técnicas aplicadas pelo profissional responsável pela dinamização do ensaio, neste caso, um professor de música. Deste modo, procurou-se, uma vez mais, conectar a recolha de informação a um dos pilares do modelo de envelhecimento ativo, mais precisamente, a aprendizagem ao longo da vida, de forma a compreender de que forma são introduzidos novos conhecimentos na performance artística que os participantes desempenham, entre outras questões enumeradas no guião de observação.

A terceira categoria de análise surge intitulada como, influência da atividade nos participantes, procurando a identificação de aspetos relacionados com os efeitos sociais das artes (por exemplo, expressão de opiniões, demonstração de perseverança, apesar das dificuldades), o que promove o questionamento quanto ao desenvolvimento de

⁸ Consultar guião de observação dos ensaios de música presente no anexo 2.

competências sociais e emocionais, estimuladas, igualmente, pela interrogação acerca da existência de interações entre os membros do grupo.

Tendo em consideração a importância da averiguação destes assuntos, sublinha-se a índole exploratória da observação em notas de campo, como forma de registo das informações relativas às questões orientadoras, assim como dados emergentes. Na sequência do acesso e observação de sete ensaios de música do grupo de pessoas mencionado, foi possível realizar anotações durante os mesmos e, por conseguinte, redigir registos em formato de notas de campo⁹.

Para além da importância da análise documental e da observação na exploração dos temas de interesse da investigação, sublinha-se a entrevista semiestruturada como uma técnica de recolha de dados que permite estabelecer uma ligação com os participantes, mediante uma conversa realizada face a face.

Ao envolver um entrevistador, que promove a condução da entrevista, e um entrevistado, que responde a determinadas perguntas efetuadas pelo primeiro, a entrevista semiestruturada revelou-se como outra das técnicas mais ajustadas à investigação em evidência, na medida em que beneficia a recolha de “(...) informações detalhadas sobre as opiniões, os pensamentos, as experiências e os sentimentos das pessoas.” (Magalhães & Paul, 2021, p. 67). A par disso, a realização de entrevistas não exige que os entrevistados saibam ler e escrever; promove o esclarecimento acerca do significado das perguntas, por parte do entrevistador; e possibilita estabelecer uma ligação com os participantes da investigação, fazendo com que se sintam ouvidos e compreendidos na partilha de opiniões que executam (Batista et al., 2017).

Tendo em conta estas vantagens e perante as modalidades de entrevista de que dispõem as ciências sociais, salienta-se a escolha da entrevista semiestruturada neste estudo, uma vez que proporciona, alternadamente, a colocação de perguntas abertas e fechadas, enunciadas num guião¹⁰, entendido como suporte no momento de conversa. Apesar de o guião fornecer um ordem lógica das questões consideradas pertinentes a serem efetuadas ao entrevistado, não se constituiu como obrigatório seguir essa sequência, visto que se priorizou a liberdade dos entrevistados se posicionarem acerca dos temas abordados, de acordo com as suas opiniões e pensamentos, não os limitando nas respostas e, assim, adaptando a realização das perguntas ao *feedback* dos participantes, consoante o desenvolvimento da entrevista.

⁹ Duas das notas de campo redigidas encontram-se exemplificadas no anexo 3.

¹⁰ Consultar guião de entrevista apresentado no anexo 4.

De entre os tópicos presentes no guião de entrevista, destaca-se, primeiramente, a legitimação da mesma, de forma a contextualizar e elucidar o participante quanto aos objetivos, tema e condições de realização da técnica de recolha de dados em causa, como por exemplo, a gravação de áudio, atribuição de códigos aquando da fase de transcrição e redação da dissertação, utilização dos dados meramente para fins académicos, e reforço da importância de conhecer as considerações e pontos de vista dos entrevistados para enriquecimento de um estudo que reflita acerca das respostas existentes em matéria de promoção do envelhecimento ativo.

Seguidamente, sobressaem-se pontos relacionados com dados de caracterização das pessoas, com o intuito de confirmar determinados critérios de inclusão da investigação (por exemplo; a idade), a perceção dos entrevistados quanto à atividade de música em que participam, considerando o seu funcionamento, desempenho, dificuldades na performance, motivações para a participação, significado da mesma no percurso de vida, assim como outros aspetos, presumidos no guião, que remetem para a relação com o envelhecimento ativo e efeitos sociais das artes.

Em virtude do material recolhido, através da análise documental, observação e entrevista semiestruturada, surge a importância de técnicas de análise de dados como a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo “(...) é uma estratégia poderosa para reduzir informação. Tem a vantagem de ser uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em poucas categorias de conteúdo, com base em regras explícitas de codificação.” (Magalhães & Paul, 2021, p. 75). Um dos instrumentos utilizados para sistematizar informação empírica recolhida, traduz-se na construção de uma grelha de análise de conteúdo¹¹, decorrente do processo de transcrição das entrevistas realizadas. Nessa grelha, as expressões dos entrevistados emparelham-se com categorias e subcategorias definidas conforme os temas que os dados transpareceram.

Por último, compreende-se que, aliada à análise de conteúdo, emerge a interpretação dos dados, entendida como uma tarefa que estimula a reflexão crítica, por meio do cruzamento entre a informação empírica e a bibliografia de referência. Nesta articulação, verificou-se não só a utilização dos dados provenientes das fontes de informação mencionadas, mas também de fotografias, como complemento às reflexões indicadas.

¹¹ Consultar grelha de análise de conteúdo, decorrente da transcrição de entrevistas, apresentada no anexo 5.

2.4 Considerações éticas na investigação

Diante da presença, envolvimento e interação com seres humanos no decurso da trajetória de investigação, concebe-se como crucial clarificar que as etapas da mesma não descuidaram o cumprimento de determinados procedimentos éticos, a fim de proteger as pessoas integrantes do estudo de caso, sobretudo, nos momentos de realização da entrevista semiestruturada e observação dos ensaios de música.

O primeiro contacto com as pessoas envolvidas na investigação foi promovido pela profissional de gerontologia, do projeto de intervenção social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, através do acompanhamento da investigadora num dos ensaios de música do grupo, sendo assim possível realizar a primeira abordagem aos participantes acerca das finalidades da dissertação e as técnicas de recolha de dados que implicavam a autorização e colaboração dos mesmos. Da mesma forma, procedeu-se à comunicação da necessidade de garantir a voluntariedade da participação dos elementos do grupo, através de uma tomada de decisão consciente e informada, tendo em conta as condições, riscos e benefícios resultantes da cooperação na investigação.

Não se averiguando a existência de riscos, os principais benefícios referidos às pessoas do grupo prenderam-se com a possibilidade de apoiarem o aprofundamento e desenvolvimentos de conhecimentos acerca da questão apresentada como base de reflexão da dissertação, ou seja, de que forma as intervenções artísticas, como parte das metodologias de intervenção social, influenciam a promoção de um envelhecimento ativo. Identicamente, transmitiu-se outra vantagem, derivada do testemunho dos participantes, para a exploração de uma metodologia e uma temática específicas, como por exemplo, a oportunidade de reflexão acerca das respostas existentes na nossa sociedade, em termos de promoção do envelhecimento ativo, assim como a construção de fundamentos necessários ao desenvolvimento de políticas e práticas de intervenção social.

Estes entendimentos, assim como a garantia da confidencialidade, privacidade, anonimato dos dados, direito de desistência, a qualquer momento, da investigação, mais do que serem explicados ao grupo de pessoas em destaque, também se encontram explícitos no documento de informação ao participante¹², fornecido posteriormente à primeira abordagem mencionada. Estas condições espelham princípios de conduta específicos, vinculados ao respeito pela dignidade e autodeterminação dos indivíduos,

¹² Consultar documento de informação ao participante exposto no anexo 6.

uma vez que se pretendia que estes últimos demonstrassem o respetivo “(...) consentimento voluntário (...) suportado na informação suficiente e adequada que lhes é fornecida e na confidencialidade.” (Gonçalves & Gonçalves, 2021, p. 54).

Assim sendo, destaca-se como outro dos procedimentos adotados, o esclarecimento quanto ao momento de iniciação da aplicação das técnicas de recolha de dados, ou seja, somente após a assinatura do consentimento informado¹³, por parte dos participantes, já que representa uma declaração escrita que confirma a autorização e manifestação de participação na investigação, concordando com as condições previstas no documento de informação precedentemente fornecido, (por exemplo, a gravação de áudio da entrevista).

No âmbito da confidencialidade, o direito à proteção dos dados pessoais, sublinhado no artigo 2º do Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) (2016), baseia-se, por exemplo, na salvaguarda de não identificação da identidade das pessoas que participaram no estudo. Para atingir esta finalidade, procedeu-se à atribuição de códigos, ao invés dos nomes próprios das pessoas, como forma de dissociar possíveis características ou informações transmitidas à identidade das mesmas. Este exercício pode comprovar-se nos registos das notas de campo, bem como em excertos e afirmações das entrevistas realizadas, nos quais não se constata os nomes próprios dos participantes.

O princípio ético da confidencialidade encontra-se subjacente não só, na fase de tratamento de dados, mas também nos contactos interpessoais, assegurando-se a neutralidade de juízos de valor e respeito pelas opiniões dos participantes na entrevista. O contexto de realização das entrevistas, de igual forma, teve em consideração a proteção da privacidade e confidencialidade dos dados, proporcionando um ambiente relativamente favorável ao desenvolvimento da mesma, ou seja, sem interrupções que levassem à perda de raciocínio dos participantes, evitando, assim, o efeito grupal pela presença de outros elementos que poderiam influenciar as respostas dos indivíduos entrevistados fazendo com que não comunicassem o que verdadeiramente sentem ou pensam acerca dos assuntos questionados.

A preocupação com tais pressupostos, direcionou a realização das entrevistas semiestruturadas para um dos gabinetes disponíveis no espaço físico no qual os participantes realizavam os ensaios de música, sendo previamente combinadas consoante a disponibilidade dos participantes. O gabinete dispunha de secretária e cadeiras, não

¹³ Consultar modelo de Consentimento Informado presente no anexo 7.

apresentando elementos arquitetônicos que levassem à exposição da pessoa durante a entrevista (por exemplo: vitrinas ou porta aberta).

Outro dos documentos utilizados como garantia do seguimento de componentes éticos na investigação, no que toca à proteção da identidade e imagem dos participantes, coincidiu com a declaração de consentimento para captação e difusão da imagem pessoal em suporte digital¹⁴, na medida em que se procedeu à captação da imagem dos participantes e do profissional responsável pela dinamização dos ensaios, através de fotografias, com o objetivo de enriquecer a análise de dados. As fotografias foram editadas de forma a não se perceber a identidade dos indivíduos, ocultando a cara dos mesmos com figura geométrica de cor preta.

A divulgação dos resultados da investigação surgiu também como outro dos temas clarificados com os indivíduos, visto que representa o culminar do trabalho de reflexão e pesquisa realizados. Os fundamentos conversados na esfera desse assunto, associaram-se ao esclarecimento dos meios de divulgação dos resultados, mais concretamente, a apresentação escrita (assinalada na dissertação de Mestrado, através de reflexões e considerações acerca dos dados recolhidos), e apresentação oral (como momento de defesa e avaliação do trabalho construído).

Sinteticamente, o realce da ética na investigação científica enfatiza a relevância de o investigador proceder de maneira adequada à proteção e valorização dos direitos das pessoas integrantes do estudo que pretende realizar, procurando evitar a ocorrência de danos para as mesmas.

¹⁴ Declaração presente no anexo 8.

Capítulo 3. Apresentação e análise de dados

3.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes da investigação

Após a fase exploratória de pesquisa e o trabalho de campo, baseado na recolha de informação pertinente aos objetivos da investigação, segue-se a análise de dados, sendo que o pensamento e reflexão acerca destes últimos podem ocorrer ainda quando são escutados e observados pela primeira vez.

Neste processo subsequente à implementação das técnicas de recolha de dados, no ciclo investigativo, denota-se uma diversidade de informações às quais se constitui como necessário atribuir sentido, através da articulação com considerações teóricas de referência sustentadas em conhecimento científico e não em noções do senso comum. A conexão com tais conhecimentos, devidamente fundamentos por autores, remete para a perspetiva da análise de dados como um processo que se efetiva por meio da interpretação do que “(...) as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado.” (Teixeira, 2003, pp. 191-192).

A referência a tais ações, direciona para o reforço das técnicas de recolha de dados implementadas no decurso da investigação desenvolvida, ou seja, a observação, análise documental e entrevista semiestruturada, realçando-se a importância de partir das informações obtidas e, posteriormente, interpretá-las, com recurso aos fundamentos da literatura, uma vez que a análise de dados “(...) presta atenção principalmente à «palavra falada» e escrita (...) Pode ainda atentar à frequência e intensidade dos comentários (expressos no relato da experiência), à sua especificidade, bem como aos temas e às tendências emergentes.” (Brandão et al., 2021, p. 129).

Dadas estas considerações introdutórias, destaca-se, como primeira categoria de dados a ser analisada, a caracterização sociodemográfica do grupo de pessoas que participaram na investigação, e que, por conseguinte, surge identificado como estudo de caso da pesquisa.

Como já foi referido anteriormente, este grupo de pessoas corresponde a um total de oito elementos participantes de uma das atividades artísticas (música) de um projeto comunitário do departamento social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, sendo os dados sociodemográficos dos mesmos questionados em contexto de entrevista semiestruturada.

Este conjunto de dados surge como primeiro tópico de perguntas no guião de entrevista, precisamente porque permite confirmar informação que se coaduna com os

critérios de inclusão definidos para a participação na investigação, como por exemplo a idade igual ou superior a 65 anos, bem como outras componentes que favorecem o conhecimento do perfil das pessoas abordadas para o estudo.

Tal como é possível constatar nos dados expostos na Tabela 1, todos os elementos cumprem o critério da idade para participar na investigação, salientando-se, de igual forma, outras informações referentes ao sexo, habilitações literárias e condição perante o trabalho.

Tabela 1- Elementos de caracterização sociodemográfica dos participantes da investigação

| Participantes | Sexo | Idade | Habilitações literárias | Condição perante o trabalho |
|---------------|-----------|-------|-------------------------------|-----------------------------|
| Sr. A | Masculino | 75 | Licenciatura (Curso Superior) | Reformado |
| Sra. B | Feminino | 70 | 12º ano (Ensino Secundário) | Reformado |
| Sr. C | Masculino | 69 | 12º ano (Ensino Secundário) | Reformado |
| Sr. D | Masculino | 72 | 4º ano (1º ciclo) | Reformado |
| Sra. E | Feminino | 73 | 6º ano (2º ciclo) | Reformado |
| Sra. F | Feminino | 67 | 6º ano (2º ciclo) | Reformado |
| Sr. G | Masculino | 76 | 4º ano (1º ciclo) | Reformado |
| Sr. H | Masculino | 74 | 4º ano (1º ciclo) | Reformado |

Fonte: Elaboração própria; dados das entrevistas realizadas aos participantes.

Além de apresentarem idade superior a 65 anos, constitui-se como essencial referir que o grupo de pessoas idosas, integrantes do estudo de caso, é formado por três elementos do sexo feminino e cinco participantes do sexo masculino, conforme informação disponível na Tabela 1.

Considerando a idade de referência de acesso à reforma, em Portugal, no ano corrente (2024), ou seja, 66 anos e quatro meses, os dados da tabela, relativos ao indicador da condição perante o trabalho, em conjugação com a idade dos participantes, permite inferir que todos eles se encontram reformados. Do mesmo modo, esta constatação possibilita associar os participantes ao conjunto de população inativa, na medida em que, do ponto de vista do exercício de atividades económicas remuneradas, se encontram inativos.

Apesar desta definição, que direciona a situação dos indivíduos perante a atividade económica para a ausência de exercício de funções, a nível profissional, ou trabalhos dos quais provenham rendimento, denota-se a existência da continuação de desempenho de tarefas relacionadas com a gestão e funcionamento de equipamentos de utilização coletiva, por parte de um dos elementos do grupo em evidência.

O participante em questão corresponde ao Sr. A, que expressou, através de interação ocorrida em contexto de observação da atividade, assumir responsabilidades de organização e garantia do funcionamento do espaço no qual se realizam os ensaios, apoiando na abertura e acesso dos indivíduos da comunidade ao mesmo e, conseqüentemente, às atividades que se desenvolvem, assim como articulando com a técnica de gerontologia ou outras profissionais do departamento social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, de forma a proporcionar a relação entre o conhecimento de iniciativas e possível interesse das pessoas locais em participarem nas mesmas.

Por meio da observação dos ensaios, foi possível, igualmente, constatar que esta articulação também se reflete, por exemplo, no ato de abordar e garantir que os restantes participantes procedam à assinatura da folha de presenças em cada ensaio, por parte do Sr. A, sendo a este último que os elementos do grupo também comunicam, por vezes, a possibilidade de faltarem ou não comparecerem na atividade.

Em adição a estas tarefas, o Sra. A expressou o seu envolvimento em reuniões, no âmbito de processos mais formais com entidades responsáveis pela possibilidade de alargamento das respostas, gestão e organização do equipamento que representa, identificando esta incumbência como um dos principais impedimentos que afeta, por vezes, a sua participação nos ensaios de música. Esta conclusão percebe-se através de um dos momentos da entrevista, no qual surgiram as seguintes palavras no discurso do Sr. A: *“Tenho é trabalho, às vezes tenho um bocado ...pronto esse trabalho...falho de vez em*

quando à aula. Já tem acontecido ter uma reunião na hora em que a música é aqui, à sexta-feira. (...) Eu não posso ocupar os dois lados ao mesmo tempo.”¹⁵.

De entre os motivos que podem explicar o prolongamento da vida laboral, durante o período de reforma, salientam-se fatores como: o compromisso com a organização ou resposta na qual se exerce funções, o sentido de utilidade e ocupação do tempo livre, assim como o gosto pelo tipo de ações desempenhadas, principalmente, quando se tratam de pessoas que se encontram em lugares considerados de prestígio, a nível hierárquico num determinado contexto profissional, e só assim se sentem devidamente reconhecidas (Almeida, 2021).

Direcionando o foco de análise para as habilitações literárias dos participantes, é possível verificar, através da Tabela 1, a presença de 3 elementos com o 4º ano de escolaridade (1º ciclo), seguindo-se 2 pessoas com o 6º ano (2º ciclo), e outras 2 com o 12º ano de escolaridade (Ensino Secundário), tendo 1 elemento frequentado ensino superior, obtendo o grau de licenciado.

Por intermédio das perguntas realizadas acerca das habilitações literárias, determinados participantes acabaram por referir informação relativa a outros temas que não foram questionados, mas emergiram em contexto de entrevista, tais como: as experiências de trabalho precoces após a conclusão dos estudos e ausência de escolha quanto às áreas profissionais, o investimento em formação académica e experiência profissional.

A preponderância de indivíduos, no estudo de caso, com habilitações correspondentes ao 1º e 2º ciclos de estudos, pode ser explicada pelas regras e leis relativas à duração da escolaridade obrigatória, no período histórico em que os mesmos frequentavam estabelecimentos de ensino. Conectando estas considerações com as idades dos participantes, constitui-se como possível depreender que a frequência da escola, nestes casos, pode ter ocorrido aproximadamente, durante a década de 50, sendo obrigatório completar o 1º ciclo de estudos, durante 4 anos, e no decorrer da década de 60, marcada pela passagem da escolaridade obrigatória do 4º para o 6º ano (2º ciclo de estudos).

Perante a associação destes fatores a determinadas situações do percurso de vida referidas pelos participantes, denota-se o início de atividade laboral remunerada, após a conclusão do ensino obrigatório, como uma das experiências mencionadas, por exemplo,

¹⁵ Estas expressões surgiram aquando do questionamento acerca da condição perante o trabalho, na parte de caracterização sociodemográfica da entrevista.

pelo Sr. A, ao expressar o seguinte: “(...) *fui para empregado de armazém, tinha 10 anos. Ao fim de 2 anos, o meu pai chega à minha beira e diz-me assim: «Diz ao teu patrão que segunda-feira não vais trabalhar, vais para uma oficina!».* Vou para uma oficina? Eu não gosto de ser mecânico, agora vou mexer em óleo, nisto naquilo... «Não tens de querer nem meio querer!» (pai do Sr. A)”.

Através destas palavras, consegue-se perceber, ainda que de forma, subentendida, a necessidade de apoiar a sobrevivência de um dos sistemas que compõem a vida dos indivíduos, ou seja, a família, assim como a ausência de escolha ou tomada de decisão quanto às áreas profissionais ou atividades que o Sr. A poderia ter preferência, interesse e satisfação em realizar, consoante a expressão do pai do participante indica: “*Não tens de querer nem meio querer!*”. Por outro lado, o processo de tomada de decisões, por parte do pai do participante em relação às atividades que deveria desempenhar no percurso profissional, pode assinalar a importância de orientar o Sr. A na fase, considerada ainda prematura, de inserção no mercado de trabalho, uma vez que se encontrava com, aproximadamente, 12 anos.

Tendo em conta, mais uma vez, o contexto histórico ao qual correspondem as memórias proferidas pelo Sr. A, convém enfatizar que o trabalho remunerado realizado por menores de idade se encontrava intrínseco na sociedade portuguesa do século XX, normalizando-se a aceitação de pré-adolescentes em atividades laborais específicas (Neto, 2023).

Apesar da vivência de tais experiências, o Sr. A também demonstrou o desejo do aumento das suas habilitações literárias, assim como a progressão na carreira profissional, ao afirmar que trabalhou como empregado bancário, após a frequência de um colégio universal no período de cumprimento de serviço militar, o que se comprova através do seu discurso ao mencionar que: “(...) *matriculei-me lá no colégio universal na tropa, e fiz lá o 7º ano. (...) Quando vim da tropa, fui trabalhar para bancos, fui empregado bancário.*”.

Além deste passo, a postura ativa no investimento e interesse pelo aumento das qualificações, por parte do Sr. A assinala-se desde a frequência dos níveis de ensino subsequentes ao 1º ciclo de estudos, até ao Ensino Superior, uma vez que referiu o seguinte: “*Andei numa escola industrial, fiz lá o 1º e 2º ano. Depois, fui estudar à noite, e fiz lá também uma equiparação ao 5º ano. (...) Fui a uma faculdade e matriculei-me no curso de Solicitadoria, fiz o curso de solicitador.*”.

Outros participantes, aquando do questionamento das qualificações fizeram referência às atividades que contemplaram a sua experiência profissional, após o término dos estudos, como é o caso da Sra. E, ao mencionar desempenho de funções como telefonista (*“Fui telefonista, essencialmente, embora também fizesse práticas de escritório, mas a minha atividade principal foi receção e telefone.”*), a Sra. F como empregada doméstica e em contexto de indústria (*“Fui para França, e lá trabalhei como empregada doméstica, durante bastantes anos. Depois, fui para a indústria, trabalhar em lojas, na alimentação, sobretudo, e de lá, fui para a Suíça, ao fim de catorze anos”*), e o Sr. G na área da construção civil (*“Trabalhei a trolha, na construção, depois fui para França... fui emigrante 50 anos, uma vida. Tinha 25 anos, quando fui, terminei a tropa e depois fui para lá.”*).

No que diz respeito às duas últimas atividades profissionais, exercidas pela Sra. F e o Sr. G, denota-se a emigração como componente importante nas trajetórias de vida de cada um, visto que a deslocação e vivência noutros países se prolongou por um período considerável de tempo, podendo estar associada, principalmente, a fatores económicos como *“(...) salários mais elevados, melhores oportunidades de emprego, um padrão de vida mais elevado”* (Direção Geral da Comunicação, 2024).

Deste modo, todos os temas enunciados, sequencialmente, neste tópico contribuem para clarificar a unidade de análise quanto aos elementos de caracterização sociodemográfica, conjugando com categorias de análise emergentes na realização da entrevista, remetendo para aspetos do percurso de vida que os entrevistados consideraram relevantes aludir na respetiva apresentação.

3.2 Integração, adaptação e desempenho dos participantes na atividade artística da música

Em virtude do volume de dados recolhidos, assinala-se a importância da organização e compreensão dos mesmos, através da identificação de *“(...) dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado.”* (Teixeira, 2003, p. 194).

Assim sendo, destacam-se as dimensões de integração, adaptação e desempenho dos participantes da investigação na atividade artística de música, como principais temas a analisar no presente tópico, na sequência das questões realizadas na entrevista, bem como do material informativo depreendido durante a observação dos ensaios de música.

Partindo da integração na atividade artística em destaque, desenvolvida no âmbito de uma das ações do projeto da autarquia, foi possível compreender que não existe, para determinados participantes, uma noção do tempo precisa quanto à frequência da mesma, tal como referiu o Sr. D: “*Não sei precisar, isto já tem, no mínimo 2 anos tem, mas se calhar até tem mais.*”, o Sr. G: “*Para aí há 2 anos.*”, ou a respostas fornecidas pelo Sr. H ao referir “*Eu fui dos primeiros, não posso precisar, mas foi para aí há 3 anos.*”, e o Sr. C “*(...) foi para aí há 3 anos, foi quando começou aqui*”.

Por sua vez, outros participantes afirmaram, aparentemente, com mais certeza, a integração na atividade há cerca de 9 meses, ou seja, no início do ano letivo de 2023, mais concretamente a partir do mês de setembro, o que se pode constatar através da resposta da Sra. E ao proferir que a sua participação principiou “*desde o início do ano letivo, desde setembro*”, ou da afirmação da Sra. B, ao mencionar que se juntou ao grupo “*(...) o ano passado, em setembro.*”.

A divergência inferida nos tempos de frequência de atividade, entre 3, 2 anos e 9 meses, pode ser explicada, por um lado, pelo início do projeto no ano de 2023, desenvolvendo-se as atividades do mesmo a partir do mês de setembro. Por outro lado, conforme esclarecido inicialmente, por uma das técnicas profissionais do projeto, a presença de indivíduos que participam na atividade há cerca de 2 ou 3 anos, aproximadamente, encontra-se relacionada com a inserção dos mesmos noutra operação, na qual a música já era praticada através de ensaios com o mesmo professor, responsável pela dinamização das sessões em grupo. Desta forma, aquando do término da operação que iniciara há sensivelmente 2 ou 3 anos, as pessoas que frequentavam os ensaios de música continuaram a participar quando se efetivou o início da atividade em setembro de 2023, no âmbito deste novo projeto de intervenção social.

Esta mobilização e aproveitamento da atividade de um projeto para outro, pode indicar a impossibilidade de renovação da primeira operação, apesar dos resultados satisfatórios que possa ter expressado para as pessoas idosas e para o desenvolvimento social esperado, levando os profissionais da autarquia, no âmbito de outra candidatura, a incluir a dinamização da prática artística em causa para dar continuidade ao trabalho que estava a ser desenvolvido, chegando a mais elementos da comunidade.

Além da perceção do tempo de frequência, o processo de integração na atividade também passou pelo questionamento acerca da tomada de conhecimento da mesma, por parte dos participantes.

Neste contexto, a maioria das pessoas referiu a tomada de conhecimento da atividade através da divulgação do responsável pelo espaço de realização dos ensaios, ou seja, o Sr. A, a quem foi transmitida a possibilidade de iniciar a aprendizagem de instrumentos de sopro, como uma iniciativa da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, tal como referiu: *“A Câmara teve a iniciativa da música, veio aqui falar ... para fazer isso uma vez por semana.”*. A par deste participante, a atividade também foi divulgada por outros que já frequentavam as diversas dinâmicas realizadas no espaço referido, o que contribuiu para chegar a mais pessoas, tal como o Sr. D referiu: *“Foi aqui junto da malta, porque nós à quarta feira, fazemos um ensaio de cavaquinhos também aqui... e alguém do grupo informou-me dessa atividade”*, ou o Sr. G: *“Como eu andava aqui no conjunto dos cavaquinhos, os colegas perguntaram se queria participar. E depois, eu escolhi o trompete.”*.

O facto de ser uma atividade conhecida, por meio da comunicação de outros, conduz à ideia de que não foi imposta aos indivíduos, mas sim apresentada, colocando-os à vontade para decidirem, conforme os seus interesses, como é possível inferir através da expressão do Sr. C, *“Soube que a Câmara ia implementar aqui o ensino de música de sopros e... para o pessoal, quem quisesse, para se inscrever.”*. Mais do que isso, denota-se a valorização do respeito pela autodeterminação dos indivíduos na tomada de decisões que afetam a sua vida, aproximando esta inferência de um dos princípios do envelhecimento ativo, já que *“O envelhecimento ativo defende tanto a autodeterminação dos indivíduos- autonomia, participação, dignidade humana”* (Carvalho, 2013, p. 10). Do mesmo modo, realça-se a capacidade de as pessoas continuarem a planear a sua vida, adequando a otimização de oportunidades de participação aos interesses, gostos e preferências das mesmas, como a Sra. F afirmou: *“Divulgaram aqui que ia haver aulas de vários instrumentos. Como me interessava, vim-me inscrever.”*.

Outra das dimensões a contemplar na análise da integração dos participantes na atividade, encontra-se relacionada com as principais motivações que incentivaram a entrada e envolvimento nos ensaios de música.

Um dos motivos mencionados por um dos participantes, nomeadamente o Sr. C baseia-se na ocupação dos tempos livres, visto que, conforme referiu, *“Não queria vir para a reforma, a minha maior dificuldade era o que é que ia fazer depois da reforma? Por isso mesmo, é que me meti em todas as atividades, para poder passar o tempo.”*. A identificação desta razão conduz à proximidade do seu conteúdo a um dos pilares da perspectiva do envelhecimento ativo, mais precisamente, a aprendizagem ao longo da vida,

orientada para o envolvimento das pessoas idosas em atividades de ocupação dos tempos livres pós-reforma (Organização Mundial da Saúde, 2015). De igual forma, verifica-se uma preocupação em “(...) encontrar novos papéis de modo a contribuir para que os indivíduos preservem o sentimento de utilidade social” (Leal, 2020, p. 20), uma vez que a passagem para o período de reforma pode alertar as pessoas para a importância de continuarem ou preservarem relações sociais e atividades que se constituam como úteis para a sua vida.

O pilar da aprendizagem ao longo da vida interliga-se também a outra das motivações encontradas no discurso de determinados elementos do grupo, na entrevista, uma vez que comunicaram afirmações relacionadas com o aumento e atualização de conhecimentos, por meio da continuação de aquisição e interiorização de novas aprendizagens. Exemplos desta conclusão podem refletir-se nas expressões explicativas dos motivos que conduziram os participantes a integrarem a atividade artística da música, tal como o Sr. C mencionou: *“Para mais uma valência, para ver no que é que ia dar, porque eu nunca toquei música... ora, vou ver no que isto vai dar.”*, a Sra. F: *“É uma oportunidade para experimentar uma coisa nova.”*, assim como o Sr. G: *“Eu gosto de aprender um pouco de tudo, e o trompete surgiu como mais uma aprendizagem.”*.

A atualização de conhecimentos contraria, de certa forma, a estagnação daquilo que os indivíduos acumularam e apreenderam no seu percurso de vida, adequando-os às constantes mudanças que ocorrem na sequência da evolução da sociedade, por meio do aproveitamento de todas as oportunidades que permitam explorar, aprofundar e enriquecer saberes (Pombo, 2018). De forma a reforçar este entendimento, salienta-se a afirmação da Sra. E: *“o meu avô dizia: «aprender até morrer», e é uma máxima que eu consigo, que eu tenho sempre presente... e eu acho que nós nunca devemos deixar de tentar, e estar recetivos às oportunidades que nos surgem.”*.

Do mesmo modo, a existência de ambientes favoráveis a uma contínua aquisição de conhecimentos, como um dos processos da aprendizagem ao longo da vida, contribui para adequar as atividades emergentes às necessidades pessoais dos indivíduos, principalmente quando se denota a ocorrência de determinadas ruturas no percurso de vida de cada um, de acordo com Rebelo (2021). A título de exemplo, sobressai a expressão do Sr. H, indicativa da necessidade de continuar a desempenhar atividades relacionadas com a música, após findar a frequência de contexto no qual tocava um instrumento musical, tal como referiu *“Eu já tocava, e, então, foi mais uma continuação... para não deixar o instrumento, porque saí da banda onde tocava.”*.

A valorização dos interesses e gostos dos participantes também se pode deduzir, através dos motivos de participação na atividade artística associados a uma aspiração antiga de contacto e relação com a música.

Desta forma, a oportunidade de aprender um instrumento de sopro contribui para concretizar esse desejo que pode ter sido deixado para segundo plano, ao longo da vida de determinados participantes, devido à impossibilidade e dificuldade de acesso a tal experiência. A título de exemplo, destacam-se as afirmações do Sr. A; *“Sempre gostei de aprender a música, mas nunca tive essa possibilidade... e vi e disse: Olha, é uma oportunidade que tenho, vou...vou experimentar também aprender”*, do Sr. C: *“Eu sempre quis aprender a tocar um instrumento de música. Antigamente, não havia estas possibilidades que hoje há de uma pessoa poder aprender.”*, e da Sra. F: *“Eu sempre gostei muito de música, embora não tivesse oportunidade de estudar a música.”*.

Esta última ideia de ausência de experiência com a música, ao nível da aprendizagem, por parte de determinados participantes, remete para outro dos segmentos de análise deste tópico, nomeadamente a adaptação dos participantes à atividade artística da música, no âmbito do projeto.

Neste sentido, a ligação, ou não, à aprendizagem da música noutros momentos da vida dos participantes pode ter influenciado a adaptação à atividade desenvolvida, por meio do surgimento de determinadas dificuldades, por exemplo.

Tomando como exemplo o caso do Sr. A, constitui-se como possível verificar que não havia experienciado uma atividade semelhante na sua vida, ao referir, *“Eu gostava, mas nunca tive...Não é como agora na escola que eu tenho as minhas netas... que elas têm música (...) Têm essas preparações que nós não tínhamos, nós era estudar, estudar...era só estudar.”*. Perante isto, assinalou como principais dificuldades na performance e aprendizagem do instrumento musical, o manuseamento deste último, quanto à correta posição dos dedos que permita a fluidez da sequência de notas musicais indicadas na partitura, referindo: *“(...) Tenho dificuldades em, de vez em quando, utilizar as mãos para dar o som.”*.

Outras dificuldades prendem-se com a leitura e interpretação das partituras, devido ao não conhecimento das notas musicais, em conjugação com os tempos, como mencionou a Sra. E: *“(...) eu não tinha a mínima das mínimas noções do que era um Sol, Fá... Olhar para os símbolos, olhar para uma partitura e conseguir interpretá-los imediatamente, não.”*, dado que nunca tinha vivenciado *“(...) nenhuma, nenhuma experiência semelhante. A nível musical, só de ouvir.”*, tal como reforçou a participante.

Esta última afirmação reflete-se, de igual forma, na experiência da participante referida com a música, no decurso do seu quotidiano, uma vez que se constitui como uma manifestação artística que acompanha a realização de determinadas tarefas presentes na rotina da Sra. E, conforme mencionou, “*Nas minhas tarefas diárias, gosto sempre de me fazer acompanhar de música, em vez de televisão.*”.

O ato de ouvir música, subentendido na expressão anterior, representa uma das atividades mais constantes na vida das pessoas, podendo funcionar, em determinadas situações, como um refúgio de acontecimentos adversos, geradores de estados emocionais diversos, consoante os contributos de DeNora (2004). A mudança dos estados emocionais, antes, durante e após o ato de ouvir música decorre, precisamente, da reflexão, criação e ativação de estímulos proporcionados pela manifestação de arte em causa, de forma a promover o entendimento dos sentimentos subjetivos e pensamentos dominantes, em determinado momento, na vida dos indivíduos (ibidem).

A não familiaridade com os conteúdos e instruções essenciais à atuação e performance com um instrumento musical, pressuposta nas ideias expostas anteriormente, pode assinalar as dificuldades sentidas pelos participantes, na medida em que “(...) as experiências vivenciadas ao longo do seu percurso constituem-se com uma mais-valia para as suas aprendizagens.”(Carvalho, 2017, p. 34).

No entanto, também foi possível constatar no discurso de determinados participantes, que já haviam experienciado a música, quer em termos de formação musical, quer ao nível da aprendizagem de instrumentos musicais, a sensação de dificuldades no decorrer da atividade, como por exemplo a Sra. B, ao referir “(...) *Dificuldade, não na teoria, mas no sopro, de trompete porque aquilo tem que se vibrar os lábios.*”, apesar de ter estado vinculada à música outrora “*Quando andava na escola, aprendi música, teórica... a formação musical. Eu tinha comprado um órgão, e tocava, mas nunca foi profissional, foi só entretenimento...cheguei a aprender.*”.

Esta dificuldade na posição de embocadura (mobilização dos músculos faciais e dos lábios para adaptar a uma boquilha ou bocal de um instrumento de sopro), também foi mencionada por outros participantes, como o Sr. D, com o saxofone, referindo: “(...) *A dificuldade que temos, principalmente, é o sopro, a embocadura, temos que controlar o diafragma...*”. Isto é, também se verificam entraves com a adequação da respiração aos tempos da música, pelo uso do diafragma, “(...) *porque quero respirar de quatro em quatro tempos e a lógica da música não permite respirar nesses tempos.*”, conforme revelou o Sr. D, cuja experiência com a música, ao longo da vida, incidiu, sobretudo, na

performance com instrumentos de cordas, conforme mencionou “*Eu sempre fui ligado à música, toco guitarra clássica, toco guitarra de fados, toco cavaquinho...*”.

Outros exemplos, relacionados com o encontro de adversidades na reprodução do som do instrumento musical e melodias treinadas em contexto de ensaio, podem ser deduzidas pela expressão da Sra. F, ao afirmar o seguinte: “*É um instrumento que eu não sabia nada. Claro que tive muitas dificuldades, principalmente quando queria tocar em casa, como conseguia tocar nos ensaios com o professor, e não saía igual.*”. A ausência de práticas ligadas à aprendizagem de um instrumento musical, no percurso de vida desta participante, não traduz a inexistência de conexão com a música, visto que participou em ambientes promotores de outras manifestações desta prática artística, através do canto, tal como referiu, “*(...) eu animava um coro com pessoas para animar a missa. Estive inscrita num coro de música clássica...*”.

No caso do Sr. H, que “*Já tocava saxofone, para aí há 2 anos, antes de começar a atividade aqui, participava numa tuna e depois em bandas de música a tocar.*”, consoante afirmou em contexto de entrevista, sente dificuldades em variações de notas relacionadas com a subida ou descida de meio tom, ao referir “*O meu grande problema de tocar no instrumento, é o sustenido e o bemol e etc.*”. Desta forma, correspondem a dificuldades decorrentes da introdução de conhecimentos diferentes ao que já havia aprendido, assim como relacionados à prática e aprimoramento dos mesmos.

A par destas contrariedades, denota-se ainda a afirmação do Sr. G, que destacou os problemas de visão como o principal obstáculo na identificação do conteúdo das partituras, conforme indicou “*A minha dificuldade é para ver, as letras, por causa da minha visão.*”.

Embora a sensação das dificuldades citadas possa representar o surgimento de desafios no desempenho dos participantes, tais adversidades não devem ser entendidas de forma negativa, mas como parte integrante do processo de aprendizagem que pressupõe uma reorganização e reestruturação de saberes das pessoas idosas. O facto de terem de lidar com desafios acaba por acionar e estimular as competências cognitivas, associadas às capacidades de processar e assimilar novos dados, pensar, perceber, resolver problemas, mobilizar conhecimentos e recordar, o que favorece a promoção e preservação da saúde mental das pessoas, ligada a outro dos pilares do envelhecimento ativo correspondente à saúde (Organização Mundial da Saúde, 2015).

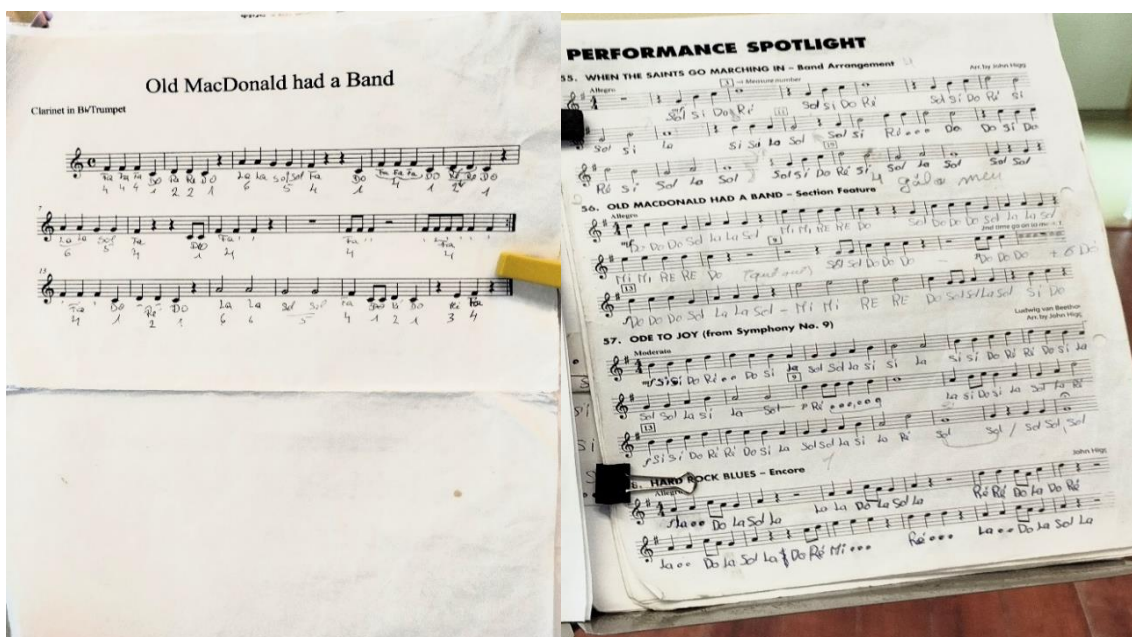
A componente prática associada à aprendizagem de um instrumento musical, conduz, de igual forma, ao exercício de autorregulação, por parte dos participantes, visto

que, o papel ativo que desempenham na experiência em destaque direciona-os a “(...) fazer diagnósticos realistas do que já sabe e do que necessita de aprender, a desenvolver planos de estudo onde determina objetivos, selecionar estratégias, organizar ações e avaliar resultados”(Carvalho, 2017, p. 34).

As principais estratégias evidenciadas pelo grupo de pessoas entrevistado, referem-se a anotações do nome das notas nas partituras, porque, tal como expressou a Sra. F “(...) *ajudam a associar onde se encontram as notas no instrumento.*”, a procura de informação na Internet, como proferiu a Sra. B “*Andei a investigar na Internet, senão não chegava lá...sem a prática. Eu fazia as duas coisas, ia investigar e ouvia o professor para depois aplicar. A posição dos dedos também investiguei*”, e o treino das músicas em casa, como referiu o Sr. A “*Pratico muitas vezes em casa, a tocar aquilo que eu sei...*”.

As partituras, representadas na Figura 1, correspondem a exemplos das anotações de notas musicais que determinados participantes mencionaram, acrescentando-se os casos do Sr. C, aludindo que “(...) *já lá tem que ter a nota em baixo, porque se não tiver, tenho que estar a pensar se é um Dó, se é um Mi, se é um Fá. Por isso, é que nós escrevemos por baixo a nota que é, para poder tocar.*”, da Sra. E ao expressar que “(...) *nós colocamos lá, [na partitura], os Fá’s, como outra nota qualquer, e assim, já conseguimos fazer esse acompanhamento.*”, do Sr. D “(...) *coloco as notas por baixo e toco pelas notas por baixo*”, e do Sr. H “*Eu anoto tudo nas partituras, porque eu quero aprender tudo.*”.

Figura 1- Partituras dos participantes da atividade artística da música



Fonte: Elaboração própria.

Todas as estratégias que as pessoas entrevistadas comunicaram, indicam o sentido de compromisso com a participação na atividade, bem como a pretensão de corresponder aos ensinamentos que são transmitidos, com a finalidade de progredirem na performance artística da música, colocando em prática ações que possibilitem atingir tal objetivo.

Por meio da observação dos ensaios de música, foi possível perceber que estas ações, que têm como propósito superar as dificuldades e desafios emergentes no processo de aprendizagem, também são estimuladas pelo profissional responsável pela dinamização da atividade, ou seja, um professor de música.

Após a montagem dos instrumentos, aquecimento dos mesmos, e, perante a chegada do professor, em cada ensaio, denota-se que a dinamização da atividade flui segundo um fio condutor, entre princípio, meio e fim. Por outras palavras, no início do ensaio o professor realiza, geralmente, a ligação com a semana anterior, uma vez que a atividade se realiza uma vez por semana, apelando à memória dos participantes, como é possível entender através de uma das suas expressões: “*Por isso, vamos ver a 57 (número da partitura)? Para ver o que é que ficou da semana passada?*”.¹⁶

No desenvolvimento da atividade, percebeu-se a adaptação de determinados métodos formativos às necessidades e arcabouço de conhecimentos dos participantes. Por exemplo, quando se entende a dificuldade em acompanhar ou realizar as tarefas emergentes, como é o caso do treino de embocadura para reproduzir notas diferentes, cuja posição dos dedos é a mesma no trompete, ou seja, o Dó e o Sol, denota-se o recurso à interrupção do ensaio, por parte do professor ao afirmar: “*Vamos parar...desculpem, mas tenho de ir aqui.*”, dirigindo-se e aproximando-se da participante que apresentou tal dificuldade, e fornecendo dicas de exercícios de pressão do ar, em conjugação com a posição dos lábios, dizendo: “*O ar tem que estar com mais pressão, vindo da barriga.*”.

Mais do que o ato de providenciar conselhos e transmissão de formas de fazer, o professor reproduz o que comunica, por intermédio do instrumento musical que toca, em simultâneo com os participantes, facilitando, assim, o processo de exemplificação das atividades necessárias.

Igualmente, procede à reprodução da melodia que pretendem tocar, ao mesmo tempo que os participantes, alternando com a marcação do tempo com os pés e com o solfejo da partitura ou das variações da mesma, quando os participantes se encontram a

¹⁶ Expressões retiradas de uma das notas de campo redigidas na sequência da observação dos ensaios.

tocar, como forma de guiar os mesmos. Atos que são possíveis constatar nas imagens da Figura 2.

Figura 2- Dinamização do ensaio de música



Fonte: Elaboração própria.

Ainda no que se refere ao período de decorrência dos ensaios, foi possível averiguar que o professor estimulava a participação e expressão de opiniões dos participantes, não se visionando estes últimos apenas como recetores da transmissão de conhecimentos, mas como sujeitos ativos na expressão de opiniões e troca de pareceres ou esclarecimento de dúvidas. Nesta linha de raciocínio, presencia-se a ativação de competências sociais, relacionadas com a defesa de ideias e comunicação de opiniões, como um dos efeitos sociais das artes (Melo, 2015). Exemplificando com uma das situações ocorridas durante um dos ensaios, a reflexão e ponderação promovidas pelo professor traduziram-se na realização da seguinte questão: “*A tendência para quando nos enganamos, muitas vezes, acontece até com muitos profissionais, é fazer mais rápido. Então, temos de fazer mais rápido ou mais lento?*”, sendo que um dos participantes (Sr. C) respondeu: “*Para mim, tem de ser mais lento.*”.

A participação dos elementos do grupo também é incentivada pelo professor, aquando da introdução ou evocação de determinados conhecimentos, que permitem o desenvolvimento de conversação entre os intervenientes, como por exemplo quando o profissional perguntou a denominação e significado de determinado símbolo presente numa partitura, correspondente ao sinal de crescendo, com o intuito de reproduzirem uma nota, iniciando num som piano para culminar num som mais forte. O Sr. H respondeu a ambas as perguntas, sendo que, perante o desconhecimento de tais significados para os

restantes participantes, o professor faz analogia, de forma a favorecer a compreensão do símbolo pretendido, referindo “*É como o testo da panela, quando se abre, o som aumenta.*”.

A adaptação da aprendizagem às necessidades dos participantes, reflete-se também em situações como a que foi descrita anteriormente, na medida em que se constitui como essencial clarificar todos os significados, noções e fundamentos que levam à reprodução final de uma música, consoante a utilização de termos ou expressões familiares aos quais se dirige a informação, por exemplo.

O reforço positivo depreendido através de expressões proferidas pelo professor, durante os ensaios, como por exemplo: “*Boa! É isto que os clarinetes fizeram que nós temos de ouvir.*”, “*(...) induz uma condição facilitadora no processo de aprendizagem, potenciando o processo de aquisição de conhecimentos.*” (Cabeleira, 2013, p. 15). Esta capacidade de motivar, como referiu a Sra. B “*(...) quando vamos atuar, temos uma pessoa à frente, que nos motiva, e as coisas saem bem.*”, bem como de enaltecer, positivamente, um ato, comportamento ou desempenho, contribui, de igual forma, para instigar a autoconfiança dos indivíduos, como um sentimento de confiança na capacidade de fazer ou realizar determinada tarefa.

Tal ilação remete para outro dos efeitos sociais das artes, relacionado com o desenvolvimento de competências emocionais, entre as quais se destaca a autoconfiança, segundo Melo (2015).

O reconhecimento da motivação, exercida pelo profissional em análise, também foi comunicada por outra participante, a Sra. E, ao revelar que “*O professor é bastante acessível, tenta ajudar, tenta ir ao encontro das nossas dificuldades. Também é motivador, ele a mim já me motivou. Não me deixou entrar numa negatividade em relação à minha prestação, mas incentivou que amanhã seria melhor. Isso é importante.*”. Esta expressão reforça o sentido de que a motivação corresponde a um processo que se sucede no interior de cada indivíduo, como resultado das “*(...) relações de troca que o mesmo estabelece com o meio*” (Neves, 2021, pp. 2-3), destacando-se, neste exemplo, as interações que o professor estabelece com os participantes no decurso dos ensaios, como impulsionadoras do incentivo para o alcance de determinado objetivo, contrariando possíveis reações de desânimo ou desistência perante as dificuldades emergentes.

Outras apreciações relacionadas com a abordagem do profissional em destaque, segundo a visão de determinados participantes, traduzem-se no papel do mesmo como mediador e como elemento de ligação entre todos os indivíduos do grupo, consoante

referido pelo Sr. C “*Temos um professor espetacular, ajuda muito a participação das pessoas e a união que ele faz entre todos os alunos é ótima.*”. Do mesmo modo, salienta-se o reconhecimento das características consideradas necessárias para exercer as funções de ensino e dinamização, por parte de participantes como o Sr. A, ao mencionar que “*(...) ele tem muita competência e ensina muito bem...*”, e a Sra. F, ao referir que o professor “*(...) tem aquela paciência, aquele entusiasmo (...) de nos explicar as coisas.*”.

Relembrando a sequência lógica das considerações expostas, assinala-se o término dos ensaios, como uma das etapas do fio condutor realizado pelo professor, na qual se estabelecem objetivos para as próximas sessões, ou o planeamento de momentos de convívio, em contexto desconectado da atividade, levando ao incremento dos laços interpessoais e oportunidades de lazer entre os participantes, encaminhando, uma vez mais, para a reflexão acerca destes efeitos sociais das artes, apresentada por Melo (2015).

Na autoavaliação do desempenho da atividade, as expressões dos participantes revelam, sobretudo, a existência de progresso quanto a determinados procedimentos e exercícios necessários à reprodução do som no instrumento musical, como por exemplo, o Sr. G, ao referir “*(...) acho que houve progresso porque, quando vim para aí, não conhecia nadinha, agora já dou um jeitinho, mais ou menos.*”, e a Sra. E, ao mencionar “*Eu acho que, no fundo, pelo menos a posição dos lábios, colocar melhor as mãos, reconhecer onde é que tenho de colocar os dedos, já vou acompanhando.*”. Apesar disso, determinados participantes reforçam a necessidade de praticarem mais, como o Sr. A, ao expressar “*(...) eu tenho que praticar mais.*”, e a Sra. E, dizendo que “*(...) ainda tenho muito para andar, se continuar, ainda tenho muito caminho para fazer.*”. A Sra. B também reconhece a necessidade de práticas de estudo, exteriores aos ensaios, como forma de melhorar a performance com o instrumento musical, tal como referiu “*(...) Agora já tenho mais prática, se eu pegasse no trompete todos os dias, em casa, já estava melhor.*”.

No fundo, a aprendizagem em causa trata-se de um processo dinâmico que permite aos participantes identificar as diferentes fases presentes no percurso da atuação com um instrumento musical, tal como o Sr. A assumiu: “*O professor começou a ensinar... Agora já toco mais ou menos (...) Mas já estou a aprender... e a coisa está a correr...*”.

A satisfação do grupo de pessoas que compõem o estudo de caso, relativamente ao funcionamento e organização da atividade foi expressada pela maioria dos elementos, através de afirmações que revelam a ausência da identificação de adversidades no funcionamento da mesma, tal como referido, por exemplo, pela Sra. B, “*Não, para mim,*

está bem. Funciona bem, sim.”, pela Sra. F, *“Para mim, está ótimo.*”. pela Sra. E, *“Acho que sim, que está tudo bem.*”, e pelo Sr. C, *“Para mim, o espaço é bom. O horário, como tenho tempo livre, qualquer horário serve...”*.

Apesar deste balanço positivo, nota-se a consideração do Sr. D ao referir determinados aspetos que poderiam ser melhorados, como por exemplo, o planeamento antecipado de momentos de convívio, após as atuações de grupo em outros ambientes (*“havia de ter sempre alguém por detrás dessa organização, alguém que ajudasse a organizar um jantar depois de uma atuação, por exemplo.”*), e a possibilidade de apresentação de música a solo, consoante a escolha dos participantes, (*“Imaginemos que vamos fazer um espetáculo, que tal alguém que estudasse em casa uma música, apresentá-la sozinho. Perguntar, o que é que gostas de tocar? Então vais estudar esta pauta, para depois tocar sozinho. Incentivar nesse sentido”*).

Finalmente, embora os participantes não indicassem a necessidade de mais materiais de suporte à montagem, desmontagem e limpeza dos instrumentos musicais, na sala na qual decorreram os ensaios, destaca-se a importância de incluir ou disponibilizar mais mesas no espaço mencionado, uma vez que, por meio da observação da atividade, foi possível constatar que determinados elementos do grupo procedem à realização das tarefas mencionadas nos peitoris interiores das janelas.

3.3 Relação dos participantes com a música: efeitos e significados

Ao sustentar-se em técnicas de recolha de dados, de carácter qualitativo, a investigação ressaltou, além da compreensão das dimensões exploradas nos tópicos anteriores, a perceção dos significados e efeitos da atividade artística da música atribuídos e reconhecidos pelos participantes envolvidos no estudo de caso.

A interpretação dos significados atribuídos pelos participantes, realizou-se por meio da análise de conteúdo das respostas dirigidas, não só ao questionamento do sentido da música, mas também das principais vantagens do envolvimento em atividades de promoção da manifestação da arte em destaque.

Uma das significações expressadas por todos os participantes, em relação à música e às vantagens de participação nas atividades que a pressupõe, coincidiu com o facto de proporcionarem momentos de convívio, encontrando-se relação desta análise com um dos efeitos sociais das artes, anteriormente também citado, relacionado com o enriquecimento de laços interpessoais, promovendo a continuidade de interações entre os membros do grupo. Esta inferência decorre da transmissão de respostas como a da Sra. F, ao afirmar

que a sua participação na atividade musical *“É uma oportunidade também para conviver com outras pessoas. O conviver...porque como fui emigrante durante 48 anos, automaticamente, aqui em Portugal, não tinha grandes conhecimentos. Já não me lembrava de muitas pessoas (...) não conhecia e foi uma maneira também de me adaptar socialmente com as pessoas.”*

Os momentos de convívio e fortalecimento de laços sociais entre os membros do grupo, pode efetuar-se não só no contexto de ensaio, mas também por meio das oportunidades de atuação em outros ambientes, como possibilidade de contacto com meios e pessoas distintas das que se encontram habituados, como mencionado pelo Sr. A, *“(...) de vez em quando, vamos fazer uns programas e... levamos a família atrás de nós...”*, e a Sra. B, *“As vantagens desta atividade? Primeiro é o convívio entre os colegas, e com o professor (...) E depois saímos, quando vamos atuar.”*

A ideia de confraternização e harmonia entre os participantes, por meio da música, também é exposta pelo Sr. H, através de um dos estilos musicais que exemplifica como promotor de diversas ações que podem ser experienciadas por quem mantém contacto com o mesmo, consoante referiu, *“(...) a música vem daí, do convívio, de estar com outros, cantar, tocar e ouvir, por exemplo o fado.”*

Da mesma forma, a importância do convívio pode indicar a necessidade de contrariar possíveis sentimentos de solidão, direcionados para o estado subjetivo da pessoa, e marcados pela insegurança que surge da quebra de laços afetivos e sociais, bem como do parco estabelecimento de interações que promovam o contacto, proximidade e comunicação com outros indivíduos (Paço, 2016). Esta possibilidade remete para um dos objetivos do projeto de intervenção social, no qual se situa a atividade em análise, ou seja, o combate à solidão das pessoas idosas.

A dimensão da participação social, inerente à perspectiva do envelhecimento ativo, também se encontra subjacente nas palavras de outra participante (Sra. E), quando referiu *“(...) o facto de sair, de vir falar com pessoas, de lidar com outras formas de estar...tudo isso me faz ponderar, pensar que não podemos colocar sempre a nossa vontade à frente, devemos também estar atentos à vontade dos outros. A pessoa é um ser social e, como tal, deve fazer tudo o possível por partilhar, por absorver, por conviver.”*. Assim, a participação social, mais do que se refletir no envolvimento das pessoas em atividades relacionadas com as artes, traduz-se no aumento de oportunidades de socialização e convívio com outros elementos do grupo, já conhecidos ou não, estendendo este efeito para além da sensação de ocupação dos tempos livres (Santos, 2016).

A postura ativa, através da aprendizagem de novos conhecimentos, revela-se como outra das categorias de significados atribuídos à atividade musical, aquando da realização das entrevistas, na medida em que determinados participantes, como a Sra. F, realçam a música como “(...) *uma forma de reviver. Pegar num instrumento musical e aprender novos conhecimentos acerca dele, é uma forma de eu não me deixar estar a morrer no meu canto, em frente à televisão ou a não fazer nada.*”. Igualmente, o Sr. C destaca o sentido dinâmico da postura ativa que a participação na atividade artística estimula, por meio da seguinte expressão: “(...) *É para nos manter ativos. E se pudermos fazer uma atividade, umas atuações, melhor ainda.*”.

A aprendizagem ao longo da vida, como um dos pilares do envelhecimento ativo, sobressai-se nas citações referidas, assim como nas atividades desenvolvidas no âmbito da música, pois pode emergir em qualquer momento da vida, com a finalidade de melhorar os conhecimentos e aptidões das pessoas, fazendo com que estas participem ativamente na sociedade (Siteo, 2006). Outra das afirmações indicativas da importância da aprendizagem ao longo da vida, corresponde à resposta do Sr. H, na qual expressou o seguinte: “*Se eu estivesse em casa ou no café, eu não aprendia nada, mas quando venho para aqui, tocar, vale a pena, acrescenta conhecimento. Quando se gosta e se participa, aprende-se.*”.

A música como atividade artística promotora da sensação de autoeficácia, foi revelada, como outra das significações e vantagens identificadas no discurso de um dos participantes, nomeadamente o Sr. A.

De acordo com Patrício (2012), o conceito de autoeficácia diz respeito ao conjunto de capacidades pessoais que o indivíduo acredita ter, para realizar determinada tarefa ou atividade, com sucesso, concretizando determinados objetivos, tal como indicado pelo Sr. A ao referir que “*Eu sinto que estou a ter uma capacidade de fazer aquilo que os outros fazem, que é para meu gosto, e que amanhã, eu tocando, sabendo, vou agradar aos outros também que me ouvem*”. Esta convicção pessoal de conseguir efetuar determinada ação, contribui para fomentar a autoestima, de forma positiva, consoante a avaliação subjetiva que os indivíduos realizam acerca de si próprios, o que conduz para um dos efeitos sociais das artes, relacionados ao incremento desta componente avaliativa.

De igual forma, o seguimento de uma orientação favorável, quanto à imagem que o indivíduo tem de si próprio, pode ser incentivada pela receção de determinadas recompensas sociais, entendidas como “(...) *recompensas geradas pela interação com outras pessoas*” (Freitas, 2020, p. 6).

Em contextos que promovem o desenvolvimento de relações sociais, as recompensas sociais refletem-se nos atos de reconhecimento, incentivo e elogios, enquanto formas de expressar aprovação, contentamento, admiração e satisfação relativamente a atividades, ações e interações que ocasionam um papel significativo na vida das pessoas, tal como referiu o Sr. A, quanto à atividade musical: “(...) *e as pessoas batem palmas, dizem «vocês tocam muito bem», e a gente fica todo contente. Isso é bom, é agradável e a gente gosta disso.*”, ou a Sra. F, “*E a gente fica contente por saber que participamos nessa alegria dos outros. Isso também nos enche, de saber que as pessoas vêm ver e que gostaram.*”.

Em jeito de conclusão, além de contribuir para a satisfação das necessidades de estima, a música também pode influenciar a resposta às necessidades de autorrealização, uma vez que estas últimas, segundos os contributos da pirâmide das necessidades de Maslow, incluem o aproveitamento de todo o potencial da pessoa na realização de atividades que gosta, desempenhando um papel autónomo e independente na busca e efetuação daquilo que a completa e satisfaz (Ferreira et al., 2010). Tais considerações podem ser comprovadas através das afirmações de determinados participantes, em relação aos benefícios da música, como o Sr. A, “*Isso faz a gente sentir-se mais completo, de coisas que gosta.*”, o Sr. C, “*(...) acho que nós ao integrarmos assim uma atividade como a música, alegra-nos mais o espírito.*”, e a Sra. E, “*Acho que me preenche, que me enriquece, que me sinto melhor, a todos os níveis, por participar em atividades assim.*”.

3.4 Reflexões para o Serviço Social

Embora a equipa técnica, responsável pela prossecução do projeto de intervenção social que permitiu definir o estudo de caso, não contemple o Assistente Social nos profissionais que a compõem, a análise de dados decorrente das técnicas aplicadas na investigação, proporcionou o encontro de aspetos que realçam o reconhecimento e proximidade dos fundamentos do Serviço Social com as finalidades e procedimentos de funcionamento da prática artística musical, como forma de promover o envelhecimento ativo.

Neste sentido, o enquadramento do projeto de intervenção social, no documento de memória descritiva que o caracteriza pormenorizadamente, começa por realçar o cariz comunitário como fator inovador na construção de ações e iniciativas que abranjam a comunidade do concelho, dando respostas às respetivas necessidades e vulnerabilidades, identificadas no âmbito de um diagnóstico previamente elaborado (Câmara Municipal de

Santa Maria da Feira, 2023). Uma das formas de intervenção social, subentendidas na explicação anterior, relaciona-se com o desenvolvimento comunitário, como conceito que representa a mobilização de recursos humanos e institucionais para promover a participação ativa e democrática das comunidades (Carmo, 2001). A sua dimensão prática permite o planeamento e execução de programas com as comunidades, implicando estas últimas no respetivo processo de desenvolvimento.

Na resposta às necessidades e planificação de projetos comunitários, podem identificar-se profissionais como os Assistentes Sociais, na medida em que determinados atos da intervenção que executam se traduzem as ações de “Conceção, planificação, implementação e avaliação de projetos sociais de base comunitária”, (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018, p. 7).

De igual forma, os objetivos do projeto, em termos gerais, relacionados com a promoção do envelhecimento ativo, numa perspetiva de autonomia e capacitação, através de ações como a atividade musical, promotora do estímulo de competências, coincidem com um dos propósitos do Serviço Social, enquanto profissão de intervenção que procura o desenvolvimento de uma atuação holística, que assegure o caminho de desenvolvimento de competências necessárias à participação ativa das pessoas na sociedade, consoante o bem-estar subjetivo das mesmas (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018).

O desenvolvimento dessas competências, por exemplo, a nível social e emocional, pode ser fomentado através do envolvimento, contacto e experiência com atividades artísticas, dados os efeitos benéficos que suscitam, no que diz respeito ao estímulo de troca de ideias e interações entre os participantes que praticam determinada manifestação de arte, incremento do sentimento de pertença a um grupo, adaptação a possíveis desafios decorrentes da aprendizagem de um instrumento musical, incentivo à criatividade, entre outros (Melo, 2015).

Todos estes exemplos contribuem para o processo de empoderamento (*empowerment*), que o Serviço Social visa atingir, sublinhando a “(...) atividade humana na direção da mudança de um estado passivo para um estado ativo.” (Cavaliere, 2017, p. 13). Essa transformação ocorre através das interações entre o indivíduo e o ambiente, de forma a desenvolver e potenciar um conjunto de recursos pessoais, necessários à autonomização e integração social da pessoa, como por exemplo, a capacidade de construir laços interpessoais nas relações com os outros, a aptidão para resolver conflitos e desafios emergentes, definição de objetivos e metas de vida, bem como a adaptação

flexível a situações de rutura, segundo uma postura de intervenção ativa e devidamente informada (ibidem).

Retomando a articulação com a promoção do envelhecimento ativo, um dos princípios da intervenção do Serviço Social com pessoas idosas, preconiza que a pessoa “(...) tem de ser valorizada como sujeito ativo na construção do seu quotidiano e do seu projeto de vida e, como tal, as suas necessidades e preocupações devem ser valorizadas e a sua opinião ouvida e respeitada.” (Ribeirinho, 2020, p. 180).

Esta capacidade de continuar a planear a vida, interliga-se com o respeito pelo direito de decisão das pessoas em participar em determinadas atividades sugeridas pelos profissionais que as acompanham, sendo também um dos atos profissionais do Assistente Social, estabelecidos no Código Deontológico da profissão, que evidencia a “Promoção da participação das pessoas nas decisões que lhes dizem respeito” (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018, p. 7).

Não só em termos de prática profissional, mas também relativamente a um dos valores da profissão, mais precisamente, a liberdade, reforça-se o sentido de respeitar a autonomia das pessoas nos processos de tomada de decisão, bem como nas escolhas que realizam como alternativas de realização pessoal, nos respetivos percursos de vida ativa. A título de exemplo, a decisão de participação na atividade musical, por parte dos participantes da investigação, ficou, segundo expressaram, ao critério de cada um, não se denotando, na análise de conteúdo das entrevistas, a imposição de inserção na prática artística referida.

No que diz respeito às mais-valias da integração dos profissionais de Serviço Social em projetos comunitários ou respostas que envolvam a intervenção social pela arte, depreende-se a contribuição para o alargamento, conhecimento e acesso destas alternativas à comunidade com a qual interage, através da articulação institucional, para que consiga chegar a mais pessoas que, possivelmente, não tiveram oportunidade de vivenciar tal experiência no percurso de vida.

Esta observação assinala-se, sobretudo, na sequência da perceção da maioria dos participantes da investigação, como elementos que já integravam outras atividades, promovidas por determinados subsistemas da comunidade, antes de ingressarem nos ensaios da prática artística da música, por meio da performance com instrumentos de sopro. Exemplos desta reflexão traduzem-se nas afirmações do Sr. A, “(...) *participo nas danças de salão...*”, do Sr. C ao aludir para a respetiva frequência de atividades como os “(...) *cavaquinhos (...)* informática, hidroginástica, jogo walking football...”, da Sra. E

ao revelar que “*Os cavaquinhos é que me trouxeram para aqui.*”, da Sra. F, que enumerou a “*(...) ginástica, hidroginástica, (...) danças e (...) informática.*”, assim como o Sr. G, que referiu a sua ligação com a música, através da seguinte expressão “*Ando no rancho folclórico, a tocar cavaquinho.*”. Deste modo, depreende-se que tais indivíduos não se encontravam, de certa forma, afastados das oportunidades de acesso à cultura e participação social da comunidade, sendo a inserção nas mesmas que levou ao conhecimento da atividade de música, proposta no projeto de intervenção social da autarquia.

Ao conhecerem esta operação, por meio da participação em outras atividades, conforme explicado nos tópicos anteriores, é possível inferir a possibilidade de existência de outros indivíduos, também residentes no concelho de intervenção, que não tenham conhecimento desta atividade artística, não podendo, conseqüentemente, usufruir dos benefícios da mesma. É desta forma que se reconhece a importância do profissional de Serviço Social na garantia da igualdade de acesso a tais oportunidades, através da transmissão de informação acerca das mesmas, sinalização e articulação com os subsistemas da sociedade próximos aos indivíduos com possíveis interesses na prática artística em causa, ou com os quais se configure um plano de intervenção, baseado no trabalho de determinadas competências sociais e emocionais, instigadas por meio da participação em atividades que envolvam a arte, no sentido de promover não só o sentimento de inclusão, aliado ao valor da dignidade humana, mas também o “*(...) respeito à promoção da pessoa em processos de capacitação de modo a atuar de forma livre e responsável.*” (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018, p. 8).

A elaboração de diagnósticos fundamentados, por parte dos Assistentes Sociais, surge como outra das contribuições exercida por estes profissionais em contexto de atuação num projeto que envolva a intervenção social pela arte, na medida em que tal ato possibilita adequar as necessidades e potencialidades dos indivíduos à execução de um plano de vida, considerando ainda os “*(...) problemas sociais e psicossociais das pessoas e comunidades e análise das suas capacidades e recursos*” (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018, p. 7).

Por fim, sublinha-se a atuação do Assistente Social na melhoria de respostas dirigidas aos vários públicos de intervenção, por meio da investigação e monitorização dos efeitos das atividades nas quais participam para refletir acerca da correspondência entre resultados esperados e objetivos delineados, bem como sobre possíveis aspetos a

melhorar, em termos de “(...) acessibilidade, qualidade e eficácia dos serviços, projetos e políticas sociais” (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018, p. 7).

Conclusão

Tendo em consideração todas as informações, entendimentos e noções que configuraram a composição e redação do presente trabalho de investigação, assinala-se o momento de expor, de forma sintética e concisa, as principais ideias, questionamentos de pesquisa e possíveis recomendações, decorrentes das reflexões sugeridas pelos dados obtidos.

Relembrando o enquadramento metodológico da investigação, marcado pela nomeação de um estudo de caso de um grupo de oito pessoas idosas, com recurso à utilização de técnicas de recolha de dados de cariz qualitativo, constitui-se como possível inferir que estas últimas contribuíram para aceder a dados relevantes, questionados no objetivo geral, representativo do mote de pesquisa, assim como nos objetivos específicos.

Por outras palavras, a técnica da observação dos ensaios favoreceu, nos primeiros momentos da investigação, a proximidade com o grupo de participantes do estudo, e, conseqüentemente, a abertura para a obtenção de informações aquando da realização das entrevistas, principalmente, visto que não se encontravam desenquadrados dos objetivos de pesquisa, bem como da importância do respetivo envolvimento para a exploração dos temas centrais da dissertação. A análise documental também representa outra das técnicas utilizadas, facilitando a identificação de dados considerados relevantes na clarificação das problemáticas sociais, atividades e finalidades que alicerçam o projeto de intervenção social responsável pela dinamização dos ensaios de música, acabando por proporcionar, igualmente, a contextualização inicial necessária ao encontro dos caminhos de investigação relacionados, por exemplo, com a unidade de análise da mesma.

Em articulação com as interrogações colocadas, por meio dos objetivos específicos, a aplicação das técnicas de recolha de dados referidas, favoreceu a obtenção de dados que se complementam quanto aos significados e conteúdos que apresentam.

Visionando a promoção do envelhecimento ativo como um dos propósitos da atuação do Assistente Social com pessoas idosas, a existência de metodologias de intervenção que envolvam a arte e, mais especificamente, a música como uma das suas manifestações, pode incentivar a participação e o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, cruciais à condução do percurso de vida dos sujeitos, de forma ativa e independente.

A postura ativa e o respeito pela autodeterminação, no funcionamento da dinâmica artística considerada no estudo de caso, denotou-se, desde logo, pela decisão dos participantes em ingressarem na atividade, segundo os seus interesses, não se constatando uma imposição ou obrigação de envolvimento dos mesmos, o que aproxima a abordagem dos profissionais da equipa do projeto de intervenção comunitária a um dos princípios éticos do Serviço Social, nomeadamente, a defesa dos direitos humanos que pressupõe a reverência da autodeterminação “(...) promovendo a participação e o direito de cada pessoa à liberdade de realizar as suas próprias escolhas e tomada de decisões” (Associação de Profissionais de Serviço Social, 2018, p. 10).

Além da dimensão participativa se encontrar subjacente à autodeterminação dos indivíduos, segundo uma posição independente voltada para a reinvenção dos seus objetivos de vida, destaca-se a compatibilidade deste campo com um dos pilares do envelhecimento ativo, ou seja, a participação social.

Outro dos pilares assinalados na análise dos dados recolhidos, em articulação com a participação na atividade da música, corresponde à saúde, uma vez que a performance associada à prática de tocar um instrumento musical proporciona o exercício da coordenação cognitiva, estimulando o processamento de informação sensorial, nas ações de “(...) ouvir, ver, sentir, mover e coordenar, lembrar e antecipar.” (Marques, 2017, p. 7), bem como a adaptação aos desafios e dificuldades emergentes na assimilação de novos conhecimentos. No que diz respeito ao pilar da aprendizagem ao longo da vida, a informação obtida, essencialmente, por meio da realização das entrevistas semiestruturadas, traduz o reconhecimento de determinados participantes da atualização de conhecimentos, assim como da importância da aprendizagem e aquisição de novos saberes, sendo esta uma das motivações apontadas como justificação para participarem na atividade.

A par dos pilares que estruturam e esclarecem o modelo do envelhecimento ativo, outro conceito que se sobressai, no âmbito dos resultados obtidos na investigação desenvolvida, coincide com o *empowerment*.

Ao representar uma das finalidades do Serviço Social, enquanto profissão de intervenção, o *empowerment* pode ser impulsionado pelo desenvolvimento de determinadas competências, tais como as que se conseguiram identificar nos efeitos da participação das pessoas idosas na atividade da música, como por exemplo, as competências sociais (traduzidas na capacidade de expressar ideias e opiniões durante os ensaios, como resultado da interação entre os participantes), e as competências

emocionais (nas quais se sublinham a autoconfiança, a sensação de autoeficácia, autorrealização, sentimento de utilidade e perseverança como elementos essenciais ao incremento da autoestima dos participantes). Acrescenta-se, de igual forma, como outro dos efeitos da atividade nos elementos do grupo, o estabelecimento e fortalecimento das redes de sociabilidade, por meio dos momentos de convívio que procuram promover em detrimento dos laços sociais criados.

Embora a identificação destes aspetos tenha contribuído para elucidar a relação entre as práticas artísticas, o Serviço Social e a promoção do envelhecimento ativo, reconhecendo-se os efeitos benéficos da intervenção social pela arte nas informações transmitidas pelos participantes da investigação, surge o questionamento quanto à abrangência e oportunidade de acesso da atividade do projeto a toda a comunidade do concelho. Esta questão coloca-se, sobretudo, pela identificação da maioria dos participantes como pertencentes às freguesias limítrofes ao local no qual se realizam os ensaios, não se verificando a aproximação ou realização da mesma às outras localidades do concelho.

Partindo do princípio de que se trata de um projeto de cariz comunitário, as inferências referidas conduzem para a seguinte reflexão: “Será que as atividades artísticas do projeto estão, realmente, disponíveis e acessíveis a toda a comunidade?”. Assim sendo, uma das recomendações a ponderar passaria pela transmissão de informação do projeto e respetivas atividades aos subsistemas institucionais do concelho, de forma a integrar pessoas que possam estar interessadas na prática artística.

Outra reflexão a considerar, no âmbito da investigação desenvolvida, prende-se com a insegurança quanto à continuidade da prática das atividades artísticas, principalmente, quando são desenvolvidas ao abrigo de um projeto com possibilidade de findar, segundo o período previsto pela devida entidade de financiamento. Na inexistência de garantia de renovação de um projeto de intervenção social, apesar da justificação da necessidade e relevância do seguimento do mesmo, o não prosseguimento de todo o trabalho, relações e consequências positivas das atividades para as pessoas, pode ocasionar uma rutura marcante na vida das mesmas.

Esta inconstância remete para outra linha de pensamento, no que diz respeito à visibilidade e integração das práticas artísticas nas políticas sociais, ou seja, denota-se a ausência da intervenção social pela arte como uma metodologia a considerar no combate a problemas sociais, como por exemplo, a exclusão social, que as ações governamentais preconizam. Tal ilação pode ser explicada pela perceção das práticas artísticas e da

participação cultural como algo que não se assume como prioritário nas intervenções e objetivos das políticas sociais, dirigidas às “(...) populações mais fragilizadas, uma vez que estas têm, ainda, lacunas a um nível básico relacionado com a saúde, habitação e educação.” (Cruz, 2020, p. 44).

Diante desta desconexão com as políticas sociais, evidencia-se a importância de incluir as práticas artísticas no âmbito de projetos de intervenção social, sendo um dos exemplos que realça esta ligação, no contexto português, o programa Práticas Artísticas para a Inclusão Social (PARTIS). Ao corresponder a uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, criada em 2013, o PARTIS “(...) apoia projetos de arte participativa, que juntam artistas profissionais e não profissionais em processos partilhados de aprendizagem, reflexão e construção de propostas artísticas, desenvolvendo competências individuais e reforçando o sentimento de identidade e de pertença das comunidades.” (Fundação Calouste Gulbenkian, 2021).

Para concluir, importa realçar que todas as considerações explicitadas, ao longo desta dissertação, apresentam um conteúdo enriquecedor, essencialmente, devido à participação do grupo de pessoas selecionado para o estudo de caso, representantes da “voz da experiência” daqueles que se encontram envolvidos com as práticas artísticas, permitindo, assim, a aproximação à realidade das intervenções realizadas no âmbito do envelhecimento ativo e, do mesmo modo, o exercício das etapas que caracterizam o percurso da investigação científica no sentido da produção de novos conhecimentos.

Referências Bibliográficas

- Almeida, C. R. (2021). *A Transição da Vida Ativa para a Reforma em Portugal: Perspetiva dos indivíduos com mais de 55 anos*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas: Universidade de Lisboa.
- Associação de Profissionais de Serviço Social. (25 de outubro de 2018). Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal. *Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal*. Lisboa, Lisboa, Portugal: Associação de Profissionais de Serviço Social.
- Associação dos Profissionais de Serviço Social. (20 de outubro de 2022). *Definição Global da Profissão de Serviço Social*. Obtido de Associação dos Profissionais de Serviço Social: <https://www.apss.pt/definicao/>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2020). *Relatório Portugal Mais Velho: Por uma sociedade onde os direitos não têm idade*. Lisboa : Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Obtido de <https://apav.pt/publiproj/images/yootheme/PDF/RelatorioPortugalMaisVelho.pdf>
- Batista, E. C., Matos, L. A., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.
- Bowen, G. A. (2009). Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*, 9(2), 27-40.
- Branco, F. (2017). O Serviço Social como elemento substantivo de efectivação da Política Social. Em M. d. Neves, & A. B. Félix, *Ética Aplicada: Protecção Social* (pp. 49-73). Porto: Edições 70.
- Brandão, C., Ribeiro, J., & Costa, A. P. (2021). Análise de Dados. Em S. P. Gonçalves, J. P. Gonçalves, & C. G. Marques, *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações* (1ª ed., pp. 127-158). Lisboa: Pactor.
- Cabeleira, J. P. (2013). *Reforço Positivo e Aprendizagem Cooperativa: estratégias facilitadoras do sucesso de alunos desmotivados*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Obtido de <https://core.ac.uk/download/pdf/48585768.pdf>
- Câmara Municipal de Arouca. (2023). *Plano de Ação das Comunidades Desfavorecidas AMP Sul: Projetos Aprovados*. Arouca: Câmara Municipal de Arouca.
- Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. (2023). *Memória Descritiva de Projeto de Intervenção Social*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.
- Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. (s.d. de s.m. de 2024). *Plano de Ação das Comunidades Desfavorecidas AMP Sul*. Obtido em 18 de maio de 2024, de Rede Social Santa Maria da Feira: <http://rede-social.cm-feira.pt/rede-social/pacd-plano-acao-das-comunidades-desfavorecidas-amp-sul>

- Canastra, F., Haanstra, F., & Vilanculos, M. (2015). *Manual de Investigação Científica da Universidade Católica de Moçambique* (1ª ed.). Beira, Moçambique: Universidade Católica de Moçambique.
- Carmo, H. (1998). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carmo, H. (2001). *A actualidade do desenvolvimento comunitário como estratégia de intervenção social*. Lisboa: ISPA.
- Carvalho, M. I. (2011). Serviço social e envelhecimento ativo : teorias, práticas e dilemas profissionais. *Intervenção Social*(38), 45-60. Obtido de http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/1042/1/IS_n38_3.pdf
- Carvalho, M. I. (2013). Um Percurso Heurístico pelo Envelhecimento. Em M. I. Carvalho, *Serviço Social no Envelhecimento* (1ª ed., pp. 1-15). Lisboa: Factor.
- Carvalho, P. M. (2017). *A Aprendizagem de um Instrumento Musical na Idade Adulta*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco: Escola Superior de Artes Aplicadas. Obtido de <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/6123/1/Patricia%20Carvalho%2819%29.pdf>
- Cavaliere, I. C. (2017). *Processos de empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Obtido de https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/82584/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_final_IreneCavaliere.pdf
- Cruz, H. A. (2020). *Práticas artísticas comunitárias e participação cívica e política: experiências de grupos teatrais em Portugal e no Brasil*. Porto: Universidade do Porto.
- DeNora, T. (2004). *Music in Everyday Life*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- Direção Geral da Comunicação. (2024). *Explorar as razões da migração: porque é que as pessoas migram?* Bruxelas: Parlamento Europeu.
- Évora, I. (2006). *Sobre a metodologia qualitativa: experiências em psicologia social*. Lisboa: Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento. Obtido de <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2944/3/OP4.pdf>
- Faleiros, V. d. (2011). O que Serviço Social quer dizer. *Serviço Social & Sociedade*(108), 748-761.
- Faleiros, V. d. (2021). Cultura Popular e Luta dos Oprimidos: interlocução entre Paulo Freire e Serviço Social. Em G. Scheffer, T. Closs, & I. Zacarias, *Serviço Social e Paulo Freire: Diálogos sobre Educação Popular* (pp. 25-37). Curitiba: Editora CRV.
- Ferreira, A. I. (2022). *A Associação como Preventora das Sociabilidades numa Freguesia com Fortes Relações Sociais*. Porto: Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/42711/1/AnaFerreira.pdf>

- Ferreira, A., Demutti, C. M., & Gimenez, P. E. (2010). A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho. *Seminários em Administração*, 1-17.
- Ferreira, J. M. (2014). Serviço Social: profissão e ciência. Contributos para o debate científico nas ciências sociais. *Cuadernos de Trabajo Social*, 27(2), 329-341.
- Figueiredo, N. (2007). *Método e metodologia na pesquisa científica* (2ª ed.). São Paulo, Brasil: Yendis Editora.
- Fonseca, A. M. (2021). *Ageing in Place- Envelhecer em Casa e na Comunidade- Modelos e estratégias centrados na autonomia, participação social e promoção do bem-estar das pessoas idosas*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. Obtido de https://60mais.ipleiria.pt/files/2021/06/Ageing-in-Place_digital.pdf
- Freitas, J. F. (2020). *O sistema de recompensas enquanto fator de (in)satisfação e (des)motivação numa empresa de restauração: eficácia percebida e propostas de melhoria*. Braga: Escola de Economia e Gestão: Universidade do Minho.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (15 de dezembro de 2021). *PARTIS & Art for Change*. Obtido de PARTIS & Art for Change: <https://gulbenkian.pt/partisartforchange/partis-art-for-change/>
- Gerhardt, T. E., & Souza, A. C. (2009). Aspectos teóricos e conceituais. Em T. E. Gerhardt, & D. T. Silveira, *Métodos de Pesquisa* (1ª ed., pp. 11-29). Porto Alegre, Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gomes, A. d. (2013). A Música na Animação Sociocultural de Idosos e Educação Intergeracional. Em J. D. Pereira, M. d. Lopes, & T. M. Rodrigues, *Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria: A Intervenção social, cultural e educativa na Terceira Idade* (1ª ed., pp. 17-28). Chaves, Portugal: Intervenção.
- Gómez, E. E. (2021). Desenhos de Investigação Qualitativa. Em S. P. Gonçalves, J. P. Gonçalves, & C. G. Marques, *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações* (1ª ed., pp. 3-23). Lisboa, Portugal: Pactor.
- Gonçalves, S. P., & Gonçalves, J. P. (2021). Qualidade e ética na investigação qualitativa. Em S. P. Gonçalves, & J. P. Gonçalves, *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações* (1ª ed., pp. 41-59). Lisboa: Pactor.
- Granja, B., & Pereira, F. (2009). Serviço social e gerontologia: articulações e fronteiras. *3ème Congrès de l'AIFRIS* (pp. 1-17). Hammamet: Association Internationale pour la Formation, la Recherche et l'Intervention Sociale. Obtido de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4439/3/Comunica%20a7%20a3%20tunis.pdf>
- Guerra, P., Sousa, S., & Lima, J. C. (2021). Viagens feitas de Sons. Contributos para uma (re)escrita de diásporas de mulheres imigrantes de leste em Portugal. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens*, 298-323. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136010/2/493160.pdf>

- Leal, C. I. (2020). *Experiência de adaptação à reforma: O impacto do programa formativo ATIVAR para jovens reformados*. Porto: Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35742/1/ClaudiaLeal.pdf>
- Leão, R. d. (2022). *ESTÉTICA MARXISTA E MEDIAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE: perspectivas do cotidiano profissional do Assistente Social*. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo. Obtido de <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/26483/1/Ricardo%20de%20Holland%20Le%c3%a3o.pdf>
- Licursi, M. B., Leonido, L., Cardoso, M., & Morgado, E. (2020). Música e sociedade; repercursões nas ordens sociais e mentais. *European Review of Artistic Studies*, 11(4), 45-59.
- Lopes, F. L. (2015). *A relação no Serviço Social: Perspetivas sobre a sua pertinência e expressão na prática*. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/85739/2/145985.pdf>
- Magalhães, J., & Paul, V. (2021). Entrevista. Em S. P. Gonçalves, J. P. Gonçalves, & C. G. Marques, *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações* (pp. 64-85). Lisboa: Pactor.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2007). Metodologia qualitativa e quantitativa. Em M. d. Marconi, & E. M. Lakatos, *Metodologia Científica* (pp. 269-283). São Paulo: Atlas.
- Marques, P. A. (2017). *A influência da música na saúde mental e bem-estar: um estudo exploratório*. Porto: Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Obtido de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6035/1/DM_Alexandra%20Marques.pdf
- Martins, A. M. (2002). Serviço Social Crítico em Tempos de Ditadura. *I Congresso Nacional de Serviço Social* (pp. 1-18). Aveiro: s.e.
- Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Melo, S. (2015). Texturas, ou sobre os efeitos sociais das artes. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXX, 11-33. Obtido de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13746.pdf>
- Ministério do Planeamento. (2021). *PRR – Recuperar Portugal, Construindo o Futuro*. Lisboa: Ministério do Planeamento. Obtido de <https://recuperarportugal.gov.pt/wp-content/uploads/2021/10/PRR.pdf>
- Moreira, I. P. (2013). *Envelhecimento Activo e Bem-sucedido*. Porto: Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Obtido de

- <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6496/1/Isaura%20Patr%C3%ADcia%20de%20Sousa%20Moreira.pdf>
- Neto, C. P. (2023). *O Trabalho Infantil no Portugal do Século XX*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa.
- Neves, L. D. (2021). O papel do professor na motivação nas aulas de história. *Associação Nacional de História*, 1-13.
- Oliveira, T. M. (2020). *Quem toca seus males retoca*. Porto: Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/40653/1/TeresaOliveira.pdf>
- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde. Obtido de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15_01_por.pdf;jsessionid=669721DE3A16D666B25C27666EA68851?sequence=6
- Paço, C. A. (2016). *Solidão e Isolamento na Velhice: Um estudo realizado na freguesia da Misericórdia em Lisboa*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Patrício, A. S. (2012). *Crenças de autoeficácia e objetivos: Um estudo exploratório*. Lisboa: Faculdade de Psicologia: Universidade de Lisboa.
- Pinto, A. L., Meireles, F., & Cambotas, M. C. (2006). *História da Arte ocidental e portuguesa, das origens ao final do século XX*. Porto: Porto Editora.
- Pinto, L. M., Resende, F. E., Ramos, A. V., & Ferreira, M. A. (2022). Iluminar as Vidas Longas em Meio Rural: o Recurso à Música na Promoção do Envelhecimento Ativo e Saudável. *Jornal de Investigação Médica*, 3(1), 33-47.
- Plano de Recuperação e Resiliência. (2022). *Aviso Convite de Abertura de Concurso: Operações Integradas em Comunidades Desfavorecidas na Área Metropolitana do Porto*. Lisboa: Plano de Recuperação e Resiliência. Obtido de https://recuperarportugal.gov.pt/wp-content/uploads/2022/06/Aviso_CONVITE_-AMP_Fase2.pdf
- Plano de Recuperação e Resiliência. (2024). *Somos PRR: Construir o Futuro*. Obtido de Recuperar Portugal: <https://recuperarportugal.gov.pt/>
- Pombo, J. F. (2018). *Reforma: uma oportunidade para novas aprendizagens – o caso de Arroches*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
- Rebello, B. P. (2021). *Reformados e modos de relação com a reforma*. Instituto Universitário de Lisboa. Obtido de https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/23081/1/phd_bruno_andrade_rebello.pdf
- Rebello, A. (2021). Observação. Em S. P. Gonçalves, & C. G. Marques, *Manual de Investigação Qualitativa: conceção, análise e aplicações* (1ª ed., pp. 87-101). Lisboa: Pactor.

- Regulamento Geral de Proteção de Dados de 27 de abril de 2016. Jornal Oficial da União Europeia. Bruxelas
- Ribeirinho, C. (2013). Serviço Social Gerontológico: Contextos e Práticas Profissionais. Em M. I. Carvalho, *Serviço Social no Envelhecimento* (1ª ed., pp. 177-200). Lisboa: Pactor.
- Ribeirinho, C. (2020). Serviço Social Gerontológico: complexidades e desafios. Em S. M. Teixeira, *Serviço Social e Envelhecimento* (pp. 349-373). Piauí, Brasil: Editora da Universidade Federal do Piauí. Obtido de https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Livro_SERVI%20SOCIAL_E_ENVELHECIMENTO_E-BOOK-120201020195516.pdf
- Santos, J. (2016). *Conceções de cidadania na idade dos cabelos grisalhos: Envelhecimento ativo e participação social das pessoas idosas*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Sátyro, N. G., & D'Albuquerque, R. W. (2020). O que é um Estudo de Caso e quais as suas potencialidades? *Revista Sociedade e Cultura*, 23, 33.
- Serafim, F. M. (2007). *Promoção do bem estar global na população sénior: práticas de intervenção e desenvolvimento de actividades físicas*. Algarve: Universidade do Algarve. Obtido de <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/659/6/2.Teorias%20Sociais%20do%20Envelhecimento.pdf>
- Silva, D. C., & Therrien, J. (2020). Educação Bancária e Cultura do Silêncio: Reflexões Freireanas. *International Journal of Development Research*, 10(7), 37529-37536. Obtido de <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/19297.pdf>
- Silva, G. A. (2022). *As artes e o Serviço Social Comunitário: uma proposta de base metodológica*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa: Instituto Universitário de Lisboa.
- Silva, J., Almeida, C., & Guindani, J. (julho de 2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* (1), 1-15.
- Silva, S., & Dixe, M. d. (2020). *Sebenta de Apoio à Unidade Curricular de Investigação II: Conteúdo Programático P3- Investigação Qualitativa*. Leiria, Portugal: Instituto Politécnico de Leiria. Obtido de https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/5250/1/Manual%20de%20apoio_Investigacao%20II_Qualitativa_Silvia_silva_FINAL_alunos_29.09.2020.pdf
- Sitoe, R. M. (2006). Aprendizagem ao Longo da Vida: Um conceito utópico? *Comportamento organizacional e gestão*, 12(2), 283-290. Obtido de [https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/142/1/COG%2012%20\(2\)%20\(2006\)%20283-290.pdf](https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/142/1/COG%2012%20(2)%20(2006)%20283-290.pdf)
- Teixeira, E. B. (2003). A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*(2), 177-201.

Yin, R. K. (2003). *Case Study Research: Design and Methods* (3^a ed.). California: Sage Publications.

Anexos

Anexo 1. Guião de recolha de informação: Análise Documental

| Dimensões de análise | Questões para recolha de informação |
|--|---|
| Enquadramento do projeto | <ul style="list-style-type: none">- Como surgiu o projeto? - Quais as principais problemáticas sociais que impulsionaram o surgimento do projeto? - Quais os principais desafios identificados na necessidade de implementação do projeto? - Quais as entidades financiadoras que suportam o desenvolvimento do projeto e apoiaram o seu surgimento? - Quais os objetivos gerais e específicos do projeto? - Qual a população-alvo envolvida no alcance desses objetivos? - Quais os profissionais que compõem a equipa técnica do projeto? |
| Identificação de ações e atividades relacionadas com a arte | <ul style="list-style-type: none">- Existem ações que envolvam a arte como metodologia de intervenção social? Se sim, quais? - Quais as práticas artísticas desenvolvidas no âmbito dessas ações? - Quais os objetivos do desenvolvimento de práticas artísticas? - Quais as problemáticas sociais envolvidas na descrição das ações? |

| | |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">Aproximação de elementos de caracterização do projeto com os objetivos de investigação</p> | <p>. De que forma os objetivos e atividades do projeto se aproximam, ou não, dos pilares do modelo de envelhecimento ativo?</p> <p>- De que forma a descrição das atividades contempla, ou não, os efeitos sociais das artes? O desenvolvimento de competências sociais e emocionais?</p> <p>- Existem aspetos que remetam para o caráter comunitário do projeto e sua relação com o Serviço Social? Se sim, quais?</p> <p>- De que forma as finalidades e caracterização do projeto, bem como das atividades artísticas identificadas coincidem com os valores e princípios do Serviço Social, enquanto profissão de intervenção que visa atingir a promoção da Pessoa?</p> |
|--|--|

Anexo 2. Guião de Observação dos ensaios de música do projeto

| | |
|-----------------------------|-----------------|
| Atividade: | |
| Dia: | Horário: |
| Nº de participantes: | |

1. Caracterização do espaço físico:

| Dimensões de análise | Questões |
|---|---|
| Adequação do espaço físico ao desenvolvimento da atividade | <ul style="list-style-type: none">- Como se encontra organizado o espaço?- Quais os elementos e objetos que se sobressaem na disposição do espaço?- De que forma a disposição desses elementos interfere com a realização da atividade?- O espaço encontra-se previamente organizado para a prossecução da atividade? Ou os participantes têm de o organizar?- Os participantes têm autonomia na organização do espaço? |
| Materiais disponibilizados para o desenvolvimento da atividade | <ul style="list-style-type: none">- Quais os materiais e recursos disponibilizados para a frequência da atividade?- Existem materiais em falta? Quais?- De que forma os materiais disponibilizados são utilizados? |

2. Funcionamento da atividade:

| Dimensões de análise | Questões |
|--|---|
| <p>Papel do(a) professor(a) ou monitor(a)</p> | <ul style="list-style-type: none">- A estrutura da atividade evidencia um fio lógico entre princípio, meio e fim?- De que forma se promove a contextualização, desenvolvimento e encerramento da atividade?- O professor(a) ou monitor(a) procede à ligação com atividade anterior para instigar a memória dos participantes?- De que forma o profissional responsável estimula a reflexão dos participantes quantos aos exercícios realizados?- O profissional executa os exercícios que solicita com os participantes, como por exemplo o treino de partes da partitura de música?- De que forma o profissional suscita a participação das pessoas com recurso aos conhecimentos prévios das mesmas?- De que forma o profissional atribui tarefas de estudo para reforçar o compromisso de estudo e melhoramento da performance em atividades futuras?- Quais as estratégias que o profissional utiliza perante a identificação de eventuais dificuldades na concretização de determinada tarefa? (por exemplo: interação individualizada, adequação do ritmo de prossecução da atividade...)- Quais as estratégias que o profissional utiliza para reconhecer a aprendizagem de determinados aspetos da atividade? |

3. Influência da atividade nos participantes:

| Dimensões de análise | Questões |
|---|--|
| Interação entre os participantes | <ul style="list-style-type: none">- De que forma a realização dos exercícios solicitados promove a interação entre os participantes? - De que forma a realização dos exercícios solicitados promove o clima de entajuda e colaboração entre os participantes? |
| Participação ativa | <ul style="list-style-type: none">- Os participantes apresentam dúvidas na execução dos exercícios? - Os participantes reagem às dinâmicas e questões colocadas pelo profissional responsável? - Os elementos envolvidos participam da tomada de decisão quanto a determinados procedimentos da atividade? (por exemplo: agendamento da atividade, escolha de músicas...) - De que forma os participantes expressam a sua opinião e defendem ideias no decorrer da atividade? - De que forma os participantes reagem perante a eventual dificuldade em executar determinada tarefa? (perseverança) - De que forma os participantes mobilizam conhecimentos prévios na assimilação de novos conteúdos? |

Anexo 3. Notas de campo decorrentes da observação dos ensaios de música

Atividade: Música

Dia: 17/05/2024

Horário: 10:00 - 11:00

Nº de participantes: 7

Nota de campo nº 6

Participantes iniciam ensaio, enquanto não chega o professor, colocam cadeiras, Sr. H monta as estantes e os restantes aquecem os instrumentos, tocando partes de partituras à sua escolha.

Quando terminou de montar o seu instrumento, o Sr. H pergunta “Qual é que vamos tocar?”. Uma das participantes responde (Sra. B): “Você é que sabe...”. O Sr. H responde: “a 57”. Outra participante diz: “Essa é difícil, por causa do meu dó agudo.”.

Após estas interações, o Sr. H dá entrada e começam a tocar, sendo que, no final, diz para os restantes participantes: “Estamos a melhorar... Vamos à 58!”. Ao sugerir tocar outra partitura, outro dos participantes (Sr. D) diz: “Vamos!”. Mais uma vez, no final da partitura, o Sr. H expressa palavras de reforço positivo referindo: “Que afinadinhos, fogo!”, e outro participante (Sr. D), responde: “O professor quando chega é que estraga tudo!”. Outros participantes riem-se.

Do outro lado da sala, no grupo de trompetistas, a chegada de uma das participantes (Sra. E), leva ao desenvolvimento de conversação com a Sra. B, enquanto a primeira procede à montagem do instrumento.

O Sr. H continua a abordar o grupo para ensaiar músicas, enquanto o professor não chega: “55? Vamos à 55? Elas não ouvem, estão a ensaiar a conversa!”. Sra. B, ouve o comentário do Sr. H e diz: “Nós estamos a ensaiar outra coisa! (participantes riem-se) Mas qual é? A 55?”. Desta forma, o Sr. H expressa o seguinte: “Vamos esperar pela Sra. E (colocar a partitura) ... Não há problema, temos todo o tempo do mundo.”. Os participantes aguardam, assim, que a Sra. E coloque a partitura na estante e se prepare para tocar, iniciando a música.

Perante estas interações, é possível constatar a importância do desenvolvimento da conversação entre colegas, assim como a inclusão de todos na participação das iniciativas de treino de partituras, instigadas por um dos membros do grupo.

Entretanto, o professor chega e inicia a sessão, saudando os participantes, e perguntando: “Hoje quem está a faltar?”. Os participantes respondem “O Sr. A.”.

Professor prossegue a sessão referindo qual música é que vão tocar; “Então, vamos colocar o Mr. Cool”. O Sr. G diz “Yeah, esta música é mais animada”, provocando riso nos outros participantes.

Antes de iniciarem a reprodução da música, através dos instrumentos, a Sra. B pergunta ao professor: “Vamos (tocar) de pé?”. Professor responde: “Pode ser...de pé ou sentados. Como quiserem, como se sentirem mais confortáveis...”. Posto isto, os participantes colocam-se todos de pé e, seguindo a indicação de que podem iniciar a música, através da contagem do professor, começam a tocar a música.

Ao terminarem a reprodução da música, o professor refere que os participantes podem sentar-se, uma vez que pretende ensaiar uma parte da partitura com os trompetistas. Os participantes sentam-se, dirigindo-se o professor para os trompetes e pedindo para repetirem nota com acidente musical, ou seja, o DÓ sustenido (DÓ #), visto que sentiram dificuldade em reproduzi-la no seguimento da partitura, nomeadamente no que diz respeito à posição dos dedos no instrumento. Além do apoio do professor na identificação da nota a reproduzir, foi possível verificar que os trompetistas se ajudaram, mutuamente, na posição dos dedos no trompete, por exemplo: a Sra. B coloca os seus dedos nos pistões do trompete, dirigindo-se para os seus colegas que repetem a mesma.

Enquanto isso, saxofonistas interagem uns com os outros, trocando ideias acerca da partitura, verificando as anotações que cada um tem e acrescentando as que não assinalaram.

A preocupação na verificação das partituras também foi visível, no momento seguinte, quando a Sra. B disse à Sra. E o seguinte: “A sua folha não é igual à minha... a sua é igual à dos clarinetes.”. Tal situação fez com que as participantes questionassem o professor acerca de possível ambiguidade na atribuição da partitura à participante. Professor explicou que se tratava da mesma partitura, no entanto, a música corresponde a outra variação, visto que o clarinete e trompete são instrumentos cujo tom coincide com a nota Si bemol (tonalidade do instrumento, nota de referência, a partir da qual se organiza a escala e o sistema de som do instrumento).

Outro dos exercícios introduzidos pelo professor corresponde à afinação dos instrumentos, visto que verificou falhas na melodia enquanto os participantes tocavam. Por isso, dirigiu-se aos saxofonistas e pediu para tocarem uma nota, aproximando-se de cada um para retirarem ou não parte da boquilha, até obter o som desejado (consonante

com a afinação). Os participantes reproduzem o que lhes foi solicitado pelo professor, aprendendo técnicas de ajuste do instrumento até obterem som harmonioso.

Posto isto, os participantes voltam a tocar a música, verificando-se necessidade de interromper tal tarefa, por parte do professor, ao referir: “Vamos parar um bocadinho, toquem só a nota que tem o sustenido.”. Este pedido foi dirigido aos saxofonistas, que tocaram, primeiramente, a nota juntos, sendo que, posteriormente, o professor solicitou a reprodução da mesma individualmente. O Sr. D assumiu que não tinha tocado a nota com acidente musical, dizendo: “Fui eu, desculpa.”. O professor responde: “Não tem problema.”, pedindo para tocarem a nota novamente em conjunto. Os saxofonistas correspondem ao pedido, prosseguindo-se para a reprodução da música com os restantes participantes, segundo indicações do professor.

Esta música que se encontravam a tocar reunia a conjugação entre a reprodução de som, através dos instrumentos, e a expressão oral de palavras, por parte dos participantes, denotando-se a importância de exercer a concentração, atenção e capacidade de antecipação das tarefas a realizar numa só música. As palavras eram expressadas, alternadamente, entre os participantes, por exemplo: enquanto os trompetes tocavam, os saxofones e clarinetes proferiam as palavras indicadas na partitura nos tempos de pausa dos primeiros (trompetes), e vice-versa.

Terminada esta música, o professor sugere tocarem outra que já tinham ensaiado nas sessões anteriores, perguntando: “Lembram-se das variações? Não preciso de dizer nada...”. Os participantes riem-se, sendo questionados novamente pelo professor: “Algum de vocês quer dizer como se faz a primeira variação?”.

A Sra. F responde através de sílabas, “Ta, ta, ta...”, sendo que o professor lhe pede para tocar no instrumento o que proferiu. A Sra. toca e professor diz: “Não é essa (variação), mas também fica giro. Depois vamos fazer essa...”.

Nesta troca de informações, consegue-se perceber o estímulo à memória dos participantes, por parte do professor, sendo que, após a verificação de não correspondência à pergunta do mesmo, se verifica o aproveitamento da resposta da participante para reforçar a apreciação de tentativa de outras reproduções musicais.

Professor toca, então, a primeira variação para relembrar os participantes, sendo que estes últimos ouvem atentamente a melodia seguindo-a na partitura. Ao sinal do professor, segundo contagem e indicação com a mão de que podem iniciar a música, os participantes tocam. No final, Sr. H diz: “Eu agora sei, aqui a um bocado já não sei.”. Professor responde: “Não faz mal, é agora que vais tocar... não é daqui a um bocado.”.

Ao reproduzirem, novamente, a música e a variação que estavam a treinar (1ª), o Sr. H diz: “Agora está fácil. (rindo-se)”. Professor diz: “Está fácil, não está? Agora vai ficar mais difícil.”, participantes riem-se.

Professor apresenta nova variação de música e Sra. B diz: “Essa é mais difícil!”. Professor diz: “Lembram-se que eu vos disse que ia ensinar uma nota nova? É o Mi bemol, para os clarinetes e trompetes, e o Si bemol para os saxofones.”. O estabelecimento de objetivos, introdução de novas aprendizagens e o aumento do nível de dificuldade, sobressaem-se nesta conversação e práticas, de forma a aumentar os desafios na vida das pessoas e, conseqüentemente, as suas habilidades, acionando novos saberes.

Assim sendo, o professor dirige-se a cada grupo de instrumentos, explicando a posição dos dedos das notas referidas, por exemplo: aos saxofones diz “o Si bemol é a mesma posição do Lá, só têm de colocar outro dedo na chave do lado.”. O Sr. D diz: “Assim já fica para a nota seguinte (Lá), é só tirar o dedo, é mais fácil.”. Professor concorda com o participante, reforçando a sua afirmação: “É isso! Vão treinar isso para a semana.”. Participantes riem-se e Sr. H refere: “Os dedos vão ficar baralhados.”.

Outra das formas que indicou para ensaiar as notas mencionadas corresponde à anotação dos acidentes musicais na pauta da partitura: “Têm de apontar b (bemol) ou # (sustenido) antes da nota para quando lá chegarem saberem que tem um acidente, não é depois.”.

O professor dirige-se, de igual forma, aos trompetistas para ensinar a nova nota musical (Mi bemol), e os participantes tentam reproduzi-la, após tomarem conhecimento da sua posição nos pistões do instrumento.

Antes de terminar a aula, o professor canta a variação que se encontravam a ensaiar, com as notas musicais aprendidas, através da técnica do solfejo, verificando-se que alguns dos participantes acompanham o profissional ao cantarem em simultâneo e segurem os dedos no instrumento no decorrer da música. Estas reações acabam por refletir a vontade de acompanhar o desenvolvimento de aprendizagens, assim como corresponder ao que se encontra indicado na partitura, em conjunto com o instrumento.

No final do ensaio, ao se proceder à desmontagem das estantes e dos instrumentos, uma das participantes (Sra. F) referiu que já toca clarinete há cerca de 2 anos, aquando do início do grupo de música, referindo que “Sempre gostei de música, mas nunca tive oportunidade e agora juntei-me ao grupo... Às vezes, treino em casa, deixo a estante montada... e quando me apetece lá vou tocar.

Atividade: Música

Dia: 14/06/2024

Horário: 10:00 - 11:00

Nº de participantes: 9

Nota de campo nº 7

Participantes iniciam ensaio, enquanto o professor não chega, colocando as cadeiras nos respectivos lugares, montando os instrumentos e tocando partes de partituras à sua escolha.

A montagem dos instrumentos é realizada, por determinados elementos, nas mesas que se encontram disponíveis, enquanto outros procedem a tal tarefa nos peitoris interiores das janelas da sala.

Nos primeiros momentos, é possível observar também que os participantes tocam em pares, trocando ideias acerca de dúvidas que têm em determinadas notas ou cumprimento dos tempos. Enquanto isso, o Sr. H procede à montagem das estantes para os seus colegas, e pede palheta para o saxofone a outro participante. Os participantes são abordados pelo Sr. A para assinarem folhas de presenças relativas não só ao ensaio daquele dia, mas também de outras sessões que não tinham registado.

Após isto, o Sr. H incentiva os colegas a tocarem uma música, antes do professor chegar, dizendo: “Vamos tocar...está tudo? Um, dois, três, e...”. Os restantes participantes questionam: “Qual (música)?”, iniciando a reprodução da partitura.

No final desta música, outros colegas pedem para tocar outras variações, as que têm mais dificuldade. Entretanto, o professor chega e diz: “Já estou a ver que estão aí em forma, já sabem as variações todas...”, e os participantes riem-se. Professor diz que podem tocar sentados: “Não tem problema, como se sentirem mais confortáveis.”, e iniciam a reprodução da música sugerida pelo professor.

Quando terminaram de tocar, o profissional questiona aos participantes: “Qual é esta variação?”, e Sra. F responde: “É a segunda”. Professor diz que a participante acertou, referindo também que “O som no início ficou melhor.” (dirigindo-se a todo o grupo).

Em relação à reprodução de notas com acidentes musicais, o professor reforça o seguinte: “Nós temos que antecipar o problema, não é antecipar a nota.”, ou seja, salienta

a necessidade de assimilar e identificar, primeiro que a nota que vão tocar tem um sustenido ou bemol, meio tom abaixo ou acima.

Neste contexto, determinados participantes (saxofonistas) tiram dúvidas relativamente à posição dos dedos no saxofone quando pretendem tocar a nota com acidente musical, enquanto o professor explica aos clarinetistas como proceder em tal situação.

Fazendo a junção de todos os grupos de instrumentos, após treinar com os mesmos, o professor solicita que toquem a nota com acidente musical, dizendo no final: “Boa! Agora é preciso acertar no tempo.”, indicando a necessidade de conseguirem executar determinados exercícios, assim como a conjugação dos mesmos, de forma progressiva, passo a passo.

Seguindo para o treino de outras notas, com os saxofonistas, mais precisamente a passagem da nota Dó para Si bemol, o Sr. H expressa: “Tenho que fazer isto cem vezes?”, provocando riso nos outros participantes. Perante esta questão, o professor refere: “Não temos que fazer cem vezes... Nós não temos que fazer até acertar uma vez, temos que fazer até não falhar nenhuma vez. Eu sei que é difícil esta variação, mas vamos tentar.”. Os participantes escutam as palavras do professor, tentando novamente reproduzir as notas.

Além do estímulo à participação e intervenção dos participantes, o professor acaba por validar a dificuldade que sentem ao referir, “Eu sei que é difícil”, demonstrando compreensão das adversidades que possam surgir na aprendizagem, porém, tenta motivá-los estabelecendo metas de desempenho na reprodução de música.

Posto isto, os participantes preparam-se para tocar a música completa, segundo indicações do professor, sendo que, antes de iniciarem o profissional alerta-os para o seguinte: “Se errarem numa nota, não se preocupem... passam à nota seguinte. Errar toda a gente erra.”. Além desta reflexão, denota-se, por parte do profissional, a definição de objetivos a alcançar: “O objetivo é fazer todas as variações (três) no mesmo tempo... Algumas podem parecer mais lento, mas o andamento é o mesmo.”.

Os participantes, ao ouvirem esta finalidade preparam-se para tocar todas as variações, porém, ao identificar a dificuldade em reproduzir uma determinada nota, por parte de uma participante (Sra. E), o professor interrompe a música e diz: “Vamos parar... desculpem, mas tenho de ir aqui.”. O professor explica a necessidade de exercitar a embocadura para reproduzir notas diferentes, cuja posição dos dedos é a mesma no trompete, ou seja, o Dó e o Sol. No treino de embocadura, o professor solicita que a Sra.

E retire o bocal do trompete e faça exercícios de pressão do ar em articulação com a posição dos lábios, dizendo: “O ar tem que estar com mais pressão, vindo da barriga.”.

A Sra. aplica tais exercícios, sendo que, antes de montar o instrumento novamente, solicita ao professor: “Ponha a posição dos lábios para eu saber...para depois treinar.”. O professor demonstra o que lhe foi pedido, e a Sra. reproduz no trompete as notas que suscitaram dificuldade.

Esta solicitação pode associar-se à vontade de melhorar as habilidades necessárias para a realização dos exercícios que envolvem a produção do som, a posição da boca e as técnicas de respiração para o efeito.

O profissional retoma o ensaio, tocando com os participantes as três variações, dizendo no final: “Que grande vitória...merecem uma salva de palmas...foi a música mais longa que tocamos até agora!”. Os participantes riem-se, sendo-lhes sugerido pelo professor que procedessem para outra música “mais animada, para descontrair...vamos tocar a Quinta do Ti Manel”. Esta música conjuga a reprodução de som entre os instrumentos e a voz dos participantes, por meio da imitação dos sons dos animais em determinados tempos da partitura.

Aquando do término da música, o professor refere: “Eu acho que vocês conseguem fazer bem melhor”, abrindo espaço para o esclarecimento de dúvidas. O Sr. H questiona o seguinte: “A repetição fazemos quando? Fico um bocado indeciso...”, sendo, posteriormente, elucidado pelo profissional.

No final do ensaio, o professor combina com os participantes, um almoço e convívio de grupo no último dia de frequência dos mesmos, antes de iniciarem o período de férias, uma vez que, posteriormente, só retomam os ensaios em setembro. A realização de planos indica a promoção das interações sociais, por meio da convivência em ambientes informais, reforçando-se, assim, o sentimento de pertença a um grupo e o incremento de laços sociais.

Anexo 4. Guião de entrevista semiestruturada aos participantes da investigação

Legitimação da entrevista

A presente entrevista representa uma das técnicas de recolha de dados, no âmbito da elaboração de uma Dissertação de Mestrado, cujo tema se encontra relacionado com a importância da intervenção social pela arte na promoção do envelhecimento ativo.

Deste modo, todos os dados que transmitir serão tratados de forma confidencial, sendo o gravador utilizado apenas como meio de garantir a veracidade das informações recolhidas aquando da transcrição das mesmas. Nesta fase de transcrição, assim como na redação da dissertação, serão atribuídos códigos ao seu nome, de forma a proteger a sua identidade, e, conseqüentemente, dissociando qualquer informação ou expressão que transmitir à mesma.

Reforço que a importância da sua colaboração nesta entrevista reflete-se na possibilidade de contribuir para um estudo que reflita a forma como as práticas artísticas, em especial a música, influenciam a promoção do envelhecimento ativo e, igualmente, as áreas profissionais que trabalham para alcançar esse objetivo, como por exemplo, o Serviço Social.

Perante este enquadramento, questiono se tem alguma dúvida que deseja ver esclarecida quanto à investigação?

1. Dados Sociodemográficos:

- Código do(a) participante:
- Sexo:
- Idade:
- Habilitações Literárias:
- Condição perante o trabalho (população ativa ou inativa):

2. Relação do(a) entrevistado(a) com o Projeto:

- Como tomou conhecimento do projeto e das respetivas atividades?
- Quais foram as informações que lhe foram transmitidas acerca do projeto e das respetivas atividades?
- Quais as atividades em que participa atualmente?
- Há quanto tempo frequenta a atividade de música?

- Como realizou a inscrição nessa atividade?
- O que o(a) motivou a participar na atividade de música?
- Ao longo da sua vida, já havia realizado atividades relacionadas com a música, noutro contexto? Por exemplo, já sabia tocar determinado instrumento musical?

3. Adaptação do(a) entrevistado(a) à atividade de música do projeto:

- Se já havia experienciado atividades que envolveram a música ao longo da sua vida, de que forma esse conhecimento contribuiu para as tarefas que tem de executar nos ensaios em que participa?
- Inicialmente, sentiu dificuldade no desempenho de tarefas que são solicitadas nos ensaios? Se sim, quais as dificuldades sentidas?
- Como se sentiu ao constatar essas dificuldades?
- Sente que conseguiu superar essas dificuldades? Se sim, quais as estratégias que utilizou?
- Se não conseguiu, o que considera que poderia ser realizado para superar essas dificuldades?
- Atualmente, como avalia o seu desempenho na atividade de música?

4. Efeitos da música no(a) entrevistado(a):

- Qual o significado desta modalidade de arte na sua vida?
- Quais as vantagens que identifica ao participar nos ensaios?
- Identifica alguma mudança na sua vida a partir do momento em que começou a frequentar os ensaios de música? Se sim, qual?

5. Satisfação do(a) entrevistado(a) com a dinamização da atividade de música:

- De que forma avalia o funcionamento dos ensaios de música?
- Existe algum constrangimento que identifica no desenvolvimento dessa atividade? Se sim, qual ou quais?
- O que considera que poderia ser realizado para melhorar os constrangimentos que mencionou?

-Obrigada pela colaboração!

Anexo 5. Grelha de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos participantes da investigação

| Categorias de análise | Sub-categorias | Especificação (dados, excertos, expressões) |
|---|---|---|
| <p>Caracterização Sociodemográfica</p> | <p>Experiências de trabalho precoces e ausência de escolha quanto às áreas profissionais</p> | <p>“(…) fui para empregado de armazém, tinha 10 anos. Ao fim de 2 anos, o meu pai chega à minha beira e diz-me assim: «Diz ao teu patrão que segunda-feira não vais trabalhar, vais para uma oficina!». Vou para uma oficina? Eu não gosto de ser mecânico, agora vou mexer em óleo, nisto naquilo... «Não tens de querer nem meio querer!» (pai de Sr. A)” (Sr. A)</p> |
| | <p>Outras experiências de trabalho</p> | <p>“Então, voltei à primeira empresa onde trabalhei, expliquei a situação e fiquei lá a trabalhar dois anos, como empregado de escritório. Ao fim de dois anos, o banco chama-me (...) Trabalhei no banco 24 anos como empregado bancário.” (Sr. A)</p> <p>“Fui telefonista, essencialmente, embora também fizesse práticas de escritório, mas a minha atividade principal foi receção e telefone.” (Sra. E)</p> <p>“(…) Fui para França, e lá trabalhei como empregada doméstica, durante bastantes anos. Depois, fui para a indústria, trabalhar em lojas, na alimentação, sobretudo, e de lá, fui para a Suíça, ao fim de catorze anos.” (Sra. F)</p> <p>“(…) Trabalhei a trolha, na construção, depois fui para França... fui emigrante 50 anos, uma vida. Tinha 25 anos, quando fui, terminei a tropa e depois fui para lá.” (Sr. G)</p> |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | <p>Desejo de aumento das habilitações literárias e investimento em áreas de formação de interesse</p> | <p>“Trabalhei a mecânico até ir para a tropa. Andei numa escola industrial, fiz lá o 1º e 2º ano. Depois fui estudar à noite, e fiz lá também uma equiparação ao 5º ano. E então eu andei no colégio universal, matriculei-me lá no colégio universal na tropa, e fiz lá o 7º ano. Pronto, andei a estudar, fiz o 7º ano, andei 3 anos na tropa...quando vim da tropa, fui trabalhar para bancos, fui empregado bancário.” (Sr. A)</p> <p>“Fui-me embora, com 49 anos e disse «o que eu vou fazer?». Primeira noite, o primeiro dia que fiquei em casa, tou a olhar para o teto, vou fazer o quê? Fui a uma faculdade e matriculei-me no curso de Solicitadoria, fiz o curso de solicitador.” (Sr. A)</p> |
| <p>Relação com o Projeto</p> | <p>Tempo de frequência da atividade</p> | <p>“É o ano passado, começamos o ano passado, em setembro.” (9 meses) (Sr. A)</p> <p>“(...) foi o ano passado, em setembro.” (9 meses) (Sra. B)</p> <p>“(...) foi para aí há 3 anos, foi quando começou aqui” (Sr. C)</p> <p>“(..) Não sei precisar, isto já tem, no mínimo 2 anos tem, mas se calhar até tem mais.” (Sr. D)</p> <p>“é desde o início do ano letivo, desde setembro” (9 meses) (Sra. E)</p> <p>“Eu acho que estou há 3 anos.” (Sra. F)</p> <p>“Para aí há 2 anos.” (Sr. G)</p> <p>“Eu fui dos primeiros, não posso precisar, mas foi para aí há 3 anos.” (Sr. H)</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>Tomada de conhecimento da atividade do projeto</p> | <p>“A Câmara teve a iniciativa da música, veio aqui falar ... para fazer isso uma vez por semana. Arranjaram participantes, o professor...eu disse que também participava e começamos e...lentamente estamos dez.” (Sr. A)</p> <p>“(...) Soube que a Câmara ia implementar aqui o ensino de música de sopros e... para o pessoal, quem quisesse, para se inscrever.” (Sr. C)</p> <p>“Foi aqui junto da malta, porque nós à quarta-feira, fazemos um ensaio de cavaquinhos também aqui... e alguém do grupo informou-me dessa atividade”. (Sr. D)</p> <p>“(...) foram outros colegas que me disseram para começar a vir e eu, por curiosidade, decidi inscrever-me.” (Sra. E)</p> <p>“Divulgaram aqui que ia haver aulas de vários instrumentos. Como me interessava, vim-me inscrever.” (Sra. F)</p> <p>“Como eu andava aqui no conjunto, dos cavaquinhos, os colegas perguntaram se queria participar. E depois, eu escolhi o trompete.” (Sr. G)</p> |
| | <p>Motivação para participar na atividade baseada em ocupação dos tempos livres</p> | <p>“(...) Estou reformado há 9 anos, fui reformado por antecipação, não foi pela idade. Não queria vir para a reforma, a minha maior dificuldade era o que é que ia fazer depois da reforma? Por isso mesmo, é que me meti em todas as atividades, para poder passar o tempo.”(Sr. C)</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Motivação para participar na atividade baseada em aspirações antigas</p> | <p>“Sempre gostei de aprender a música, mas nunca tive essa possibilidade... e vi e disse: Olha, é uma oportunidade que tenho, vou...vou experimentar também aprender.” (Sr. A)</p> <p>“Eu sempre quis aprender a tocar um instrumento de música. Antigamente, não havia estas possibilidades que hoje há de uma pessoa poder aprender.” (Sr. C)</p> <p>“Eu sempre gostei muito de música, embora não tivesse oportunidade de estudar a música.” (Sra. F)</p> |
| | <p>Motivação para participar na atividade baseada no aumento e atualização de conhecimentos (continuação da aquisição de aprendizagens)</p> | <p>“(...) Para mais uma valência, para ver no que é que ia dar, porque eu nunca toquei música... ora, vou ver no que isto vai dar.” (Sr. C)</p> <p>“(...) o meu avô dizia: «aprender até morrer», e é uma máxima que eu consigo, que eu tenho sempre presente... e eu acho que nós nunca devemos deixar de tentar, e estar recetivos às oportunidades que nos surgem.” (Sra. E)</p> <p>“É uma oportunidade para experimentar uma coisa nova.” (Sra. F)</p> <p>“Eu gosto de aprender um pouco de tudo, e o trompete surgiu como mais uma aprendizagem.” (Sr. G)</p> <p>“Eu já tocava e, então, foi mais uma continuação... para não deixar o instrumento, porque saí da banda onde tocava.” (Sr. H)</p> |
| | <p>Ausência de oportunidade e contacto com experiência</p> | <p>“Não, nunca, nunca, nunca...Eu gostava, mas nunca tive...Não é como agora na escola que eu tenho as minhas netas... que elas têm música ... a minha neta mais nova toca o cavaquinho, a outra é piano, a mais velha. Têm</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>semelhante no percurso de vida</p> | <p>essas preparações que nós não tínhamos, nós era estudar, estudar...era só estudar.” (Sr. A)</p> <p>“(...) nenhuma, nenhuma experiência semelhante. A nível musical, só de ouvir.” (Sra. E)</p> |
| | <p>Experiências e ligação com a música no percurso de vida</p> | <p>“Quando andava na escola, aprendi música, teórica... a formação musical. Eu tinha comprado um órgão, e tocava, mas nunca foi profissional, foi só entretenimento...cheguei a aprender. Depois fui para a Universidade Sénior e comprei um cavaquinho.” (Sra. B)</p> <p>“Eu na tropa fui corneteiro. (...) Eu sempre fui ligado à música, toco guitarra clássica, toco guitarra de fados, toco cavaquinho...” (Sr. D)</p> <p>“Nas minhas tarefas diárias, gosto sempre de me fazer acompanhar de música, em vez da televisão.” (Sra. E)</p> <p>“Já tinha algumas luzes, porque eu animava um coro com pessoas para animar a missa. Estive inscrita num coro de música clássica, onde fizemos várias obras, onde tive imenso prazer, porque era uma profissional que nos ensinava, que nos preparava e era magnífico quando se chegava ao dia dos concertos.” (Sra. F)</p> <p>“Já tocava saxofone, para aí há 2 anos, antes de começar a atividade aqui, participava numa tuna e depois em bandas de música a tocar.” (Sr. H)</p> |
| | <p>Participação em outras atividades</p> | <p>“(...) Participo na música, participo nas danças de salão, (...) e nos cavaquinhos, só não participo porque rouba-me muito tempo.” (Sr. A)</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>“(...) cavaquinhos e, na música, instrumentos de sopro...informática, hidroginástica, jogo <i>walking football</i>, que é o futebol a caminhar.” (Sr. C)</p> <p>“Os cavaquinhos é que me trouxeram para aqui” (Sra. E)</p> <p>“Faço ginástica, hidroginástica, vou às danças quando posso e também faço informática.” (Sra. F)</p> <p>“Ando no rancho folclórico, a tocar cavaquinho.” (Sr. G)</p> |
| <p>Adaptação dos participantes à atividade do projeto</p> | <p>Identificação de dificuldades nos exercícios a desempenhar com o instrumento musical (execução e reprodução de som, posição dos dedos, manuseamento do instrumento musical, adequação da respiração ao ritmo da música, posição de embocadura)</p> | <p>“Sim...sente-se sempre dificuldade, não é? Tive que começar a aprender a mexer com as mãos...depois também a colocar a boca no instrumento para tocar. (...) Tenho dificuldades em, de vez em quando, utilizar as mãos para dar o som.” (Sr. A)</p> <p>“(...) Dificuldade, não na teoria, mas no sopro, de trompete porque aquilo tem que se vibrar os lábios.” (Sra. B)</p> <p>“(...) sei os tempos, mas ler a pauta musical...não sei. A dificuldade que temos, principalmente, é o sopro, a embocadura, temos que controlar o diafragma...E depois não é muito fácil para quem começa aos 60 ou aos 70 anos, aprender a trabalhar com isso, porque quero respirar de quatro em quatro tempos e a lógica da música não permite respirar nesses tempos.” (Sr. D)</p> <p>“Sim, porque eu não tinha a mínima das mínimas noções do que era um Sol, Fá. Olhar para os símbolos, olhar para uma partitura e conseguir interpretá-los imediatamente, não.” (Sra. E)</p> <p>“É um instrumento que eu não sabia nada. Claro que tive muitas dificuldades, principalmente quando queria tocar em casa,</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | | <p>como conseguia tocar nos ensaios com o professor, e não saía igual.” (Sra. F)</p> <p>“A minha dificuldade é para ver, as letras, por causa da minha visão.” (Sr. G)</p> <p>“O meu grande problema de tocar no instrumento, é o sustenido e o bemol e etc.” (Sr. H)</p> |
| | <p>Estratégias utilizadas para superar as dificuldades identificadas</p> | <p>“Pratico muitas vezes em casa, a tocar aquilo que eu sei...a tocar os Parabéns...já toco mais ou menos. Eu pego naquilo, se as minhas netas fizerem anos, elas tocam para elas e eu acompanho também.” (Sr. A)</p> <p>“Andei a investigar na Internet, senão não chegava lá...sem a prática. Eu fazia as duas coisas, ia investigar e ouvia o professor para depois aplicar. A posição dos dedos também investiguei, mas não tenho dificuldade.” (Sra. B)</p> <p>“Nós lemos a pauta, mas já lá tem que ter a nota em baixo, porque se não tiver, tenho que estar a pensar se é um Dó, se é um Mi, se é um Fá. Por isso, é que nós escrevemos por baixo a nota que é, para poder tocar.” (Sr. C)</p> <p>“(...) coloco as notas por baixo e toco pelas notas por baixo” (Sr. D)</p> <p>“(...) nós colocamos lá, (na partitura), os Fá’s, como outra nota qualquer, e assim, já conseguimos fazer esse acompanhamento.” (Sra. E)</p> <p>“Há certas anotações (na partitura), sobretudo, ajudam a associar onde se encontram as notas no instrumento. Mesmo até procurar, na Internet, para ter um bocadinho mais de informação.” (Sra. F)</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | | <p>“Eu anoto tudo nas partituras, porque eu quero aprender tudo.” (Sr. H)</p> |
| | <p>Vontade de melhorar a performance e exercícios</p> | <p>“Pronto, e eu tenho que praticar mais...Eu vou ter que praticar. (Sr. A)</p> |
| | <p>Avaliação do desempenho</p> | <p>“O professor começou a ensinar Agora já toco mais ou menos. (...) Mas já estou a aprender...e a coisa está a correr...estou a gostar...(Sr. A)</p> <p>“(...) Agora já tenho mais prática, se eu pegasse no trompete todos os dias, em casa, já estava melhor.” (Sra. B)</p> <p>“(...) Há muito progresso, sim.” (Sr. D)</p> <p>“(...) Eu acho que, no fundo, pelo menos a posição dos lábios, colocar melhor as mãos, reconhecer onde é que tenho de colocar os dedos, já vou acompanhando. Mas considero-me muito imatura, ainda tenho muito para andar, se continuar, ainda tenho muito caminho para fazer.” (Sra. E)</p> <p>“(...) acho que houve progresso porque, quando vim para aí, não conhecia nadinha, agora já dou um jeitinho, mais ou menos.” (Sr. G)</p> |
| | <p>Constrangimentos que afetam a frequência da atividade</p> | <p>“Tenho é trabalho, às vezes tenho um bocado ...pronto esse trabalho...falho de vez em quando à aula. Já tem acontecido ter uma reunião na hora em que a música é aqui, à sexta-feira. (...) Eu não posso ocupar os dois lados ao mesmo tempo. (Sr. A)</p> |

| | | |
|--|--|---|
| Efeitos da atividade e significados da música para os participantes | Música como atividade promotora da sensação de autoeficácia | <p>“Eu adoro estar com um instrumento, tocar e o som, a música que sai, eu ouço dos outros (...). Eu sinto que estou a ter uma capacidade de fazer aquilo que os outros fazem, que é para meu gosto, e que amanhã, eu tocando, sabendo, vou agradar aos outros também que me ouvem.” (Sr. A)</p> |
| | Música como atividade promotora de autorrealização | <p>“Isso faz a gente sentir-se mais completo, de coisas que gosta. Portanto, é uma satisfação da minha parte eu conseguir fazer aquilo que gosto de ouvir os outros fazer.” (Sr. A)</p> <p>“A música alegra-nos e faz com que nós nos sintamos melhores na vida, para poder enfrentar o dia a dia. Conforme os anos vão passando, nós vamos podendo menos, e acho que nós ao integrarmos assim uma atividade como a música, alegra-nos mais o espírito.” (Sr. C)</p> <p>“Acho que me preenche, que me enriquece, que me sinto melhor, a todos os níveis, por participar em atividades assim. Acho que é muito, muito bom.” (Sra. E)</p> |
| | Música como atividade que proporciona momentos de convívio | <p>“(…) é bom porque nós, de vez em quando, vamos fazer uns programas e...levamos a família atrás de nós, como já fizemos...vai a minha mulher, a minha filha, é uma alegria...” (Sr. A)</p> <p>“As vantagens desta atividade? Primeiro é o convívio entre os colegas, e com o professor (...) E depois saímos, quando vamos atuar.” (Sra. B)</p> <p>“(…) o próprio convívio entre todos, acho que é muito benéfico.” (Sr. C)</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | | <p>“Permite o convívio com vários amigos, que já participam noutras atividades e já os conhecia.” (Sr. D)</p> <p>“(…) o facto de sair, de vir falar com pessoas, de lidar com outras formas de estar... tudo isso me faz ponderar, pensar que não podemos colocar sempre a nossa vontade à frente, devemos também estar atentos à vontade dos outros. A pessoa é um ser social e, como tal, deve fazer tudo o possível por partilhar, por absorver, por conviver.” (Sra. E)</p> <p>“É uma oportunidade também para conviver com outras pessoas. O conviver... porque como fui emigrante durante 48 anos, automaticamente, aqui em Portugal, não tinha grandes conhecimentos. Já não me lembrava de muitas pessoas que tinham crescido, tinham evoluído, não conhecia e foi uma maneira também de me adaptar socialmente com as pessoas.” (Sra. F)</p> <p>“(…) permite conviver com o grupo, isso é bom, é sempre benéfico.” (Sr. G)</p> <p>“(…) a música vem daí, do convívio, de estar com outros, cantar, tocar e ouvir, por exemplo o fado.” (Sr. H)</p> |
| | <p>Música como atividade que proporciona a receção de recompensas sociais</p> <p>(reconhecimento, sensação de satisfação e elogios, benefícios e incentivos que as pessoas recebem em contextos específicos)</p> | <p>“(…) e as pessoas batem palmas, dizem «você tocamos muito bem», e a gente fica todo contente. Isso é bom, é agradável e a gente gosta disso.” (Sr. A)</p> <p>“Quando temos a possibilidade de ir a algum lado, também dá satisfação quando vemos que os outros ficam contentes por ouvir uma música. E a gente fica contente por saber que participamos nessa alegria dos outros. Isso também nos enche, de saber que as pessoas vêm ver e que gostaram.” (Sra. F)</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | | |
| | <p>Música como atividade promotora do sujeito ativo</p> <p>(aprendizagem e desenvolvimento de novos conhecimentos)</p> | <p>“(…) É para nos manter ativos. E se pudermos fazer uma atividade, umas atuações, melhor ainda.” (Sr. C)</p> <p>“É uma forma de reviver. Pegar num instrumento musical e aprender novos conhecimentos acerca dele, é uma forma de eu não me deixar estar a morrer no meu canto, em frente à televisão ou a não fazer nada.” (Sra. F)</p> <p>“Se eu estivesse em casa ou no café, eu não aprendia nada, mas quando venho para aqui, tocar, vale a pena, acrescenta conhecimento. Quando se gosta e se participa, aprende-se.” (Sr. H)</p> |
| <p>Satisfação dos participantes com a atividade</p> | <p>Aspetos a melhorar em termos de organização e funcionamento da atividade</p> | <p>“Eu acho que as nossas atividades são muito boas, só que havia de ter sempre alguém por detrás dessa organização, alguém que ajudasse a organizar um jantar depois de uma atuação, por exemplo. Imaginemos que vamos fazer um espetáculo, que tal alguém que estudasse em casa uma música, apresentá-la sozinho. Perguntar, o que é que gostas de tocar? Então vais estudar esta pauta, para depois tocar sozinho. Incentivar nesse sentido.” (Sr. D)</p> |
| | <p>Satisfação com a abordagem do profissional responsável pela dinamização da atividade</p> | <p>“(…) Eu gosto do professor, acho que ele tem muita competência e ensina muito bem...gosto.” (Sr. A)</p> <p>“(…) quando vamos atuar, temos uma pessoa à frente, que nos motiva, e as coisas saem bem.” (Sra. B)</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | | <p>“Temos um professor espetacular, ajuda muito a participação das pessoas e a união que ele faz entre todos os alunos é ótima.” (Sr. C)</p> <p>“O professor é bastante acessível, tenta ajudar, tenta ir ao encontro das nossas dificuldades. Também é motivador, ele a mim já me motivou. Não me deixou entrar numa negatividade em relação à minha prestação, mas incentivou que amanhã seria melhor. Isso é importante.” (Sra. E)</p> <p>“O professor tem muita habilidade para trabalhar com pessoas das nossas idades, tem aquela paciência, aquele entusiasmo, sempre alegre, de nos explicar as coisas.” (Sra. F)</p> |
| | <p>Ausência de identificação de desafios no funcionamento da atividade</p> | <p>“Não, para mim, está bem. Funciona bem, sim.” (Sra. B)</p> <p>“Para mim, o espaço é bom. O horário, como tenho tempo livre, qualquer horário serve...” (Sr. C)</p> <p>“Acho que sim, que está tudo bem.” (Sra. E)</p> <p>“Para mim, está ótimo.” (Sra. F)</p> |

Anexo 6. Documento de Informação ao Participante da Investigação

Documento de Informação ao Participante

No âmbito da elaboração de uma Dissertação de Mestrado em Serviço Social, no Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP), eu, Joana Silva, procuro perceber de que forma as intervenções artísticas, como parte das metodologias de intervenção social, influenciam a promoção de um envelhecimento ativo.

Ao reconhecer a proximidade desta finalidade com os propósitos da ação “Arte com Séniores”, do Projeto “Envelhe(S)er”, do departamento social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, identifico a importância do seu contributo para aprofundar e desenvolver conhecimentos acerca da questão apresentada como base de reflexão da dissertação.

Deste modo, solicito, muito respeitosamente, a sua colaboração na realização de um trabalho de investigação qualitativa que pressupõe a observação da sua participação e interação nas atividades do projeto “Envelhe(S)er”, assim como a escuta da sua opinião, expressões e afirmações, através da realização de uma entrevista semiestruturada. Estas etapas do plano de investigação estarão sujeitas a gravação de som e imagem, de modo a asseverar o rigor da análise dos dados recolhidos, principalmente, no momento de transcrição dos mesmos.

Portanto, tudo o que expressar e transmitir será utilizado, única e exclusivamente, para a execução da dissertação em questão, pelo que se garantem as seguintes condições:

- Respeito pela decisão de participar, ou não, no trabalho de investigação;
- Respeito pelo direito de desistência, a qualquer momento, da investigação;
- Respeito pela privacidade e confidencialidade dos seus dados;
- Utilização das informações recolhidas e comunicadas, de forma anónima, não se referindo qualquer indicação que possa identificar a sua identidade;
- Codificação dos dados de forma a promover a proteção e não difusão dos mesmos;
- Esclarecimento de dúvidas emergentes acerca do processo de investigação.

Perante estas condições, reforço, uma vez mais, a importância da sua participação para a reflexão acerca das respostas existentes na nossa sociedade, em termos de promoção do envelhecimento ativo, assim como para a construção de conhecimentos necessários ao desenvolvimento de políticas e práticas de intervenção social.

Desde já agradeço a sua atenção!

Anexo 7. Modelo de Consentimento Informado assinado pelos participantes da investigação

Consentimento Informado, Livre e Esclarecido

Designação do projeto de investigação (em Português):

Importância da Intervenção Social pela Arte na promoção do Envelhecimento Ativo

Investigador/a Responsável: Joana Rita Oliveira Silva (nome completo), declaro que expliquei ao/à participante/representante legal, de forma adequada e compreensível, o projeto de investigação referido, incluindo os benefícios previstos, possíveis riscos/incómodos, custos ou compensações em resultado da participação neste projeto. Declaro ainda que foi entregue ao/à participante/representante legal, documento escrito com Informação ao Participante sobre este projeto e cópia do consentimento informado assinado.

_____ Data: ____/____/____

(assinatura do/a investigador/a)

Participante/Representante Legal:

Participante: _____ (nome completo)

(ou) Representante Legal: _____ (nome completo)

Grau de parentesco ou tipo de representação: _____

declaro que:

- Compreendi a explicação que me foi fornecida pelo/a investigador/a que assina este documento, sobre este estudo, nomeadamente os objetivos, métodos, benefícios previstos, possíveis riscos/incómodos, custos ou compensações em resultado da minha participação.
- Recebi o documento escrito com a Informação ao/à Participante relativo ao estudo.
- Tive oportunidade de solicitar todas as informações de que necessitei, tendo obtido resposta satisfatória.
- Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, poder recusar ou abandonar este estudo, bem como pedir a imediata eliminação de todos os meus dados recolhidos, sem qualquer tipo de consequências ou prejuízo na assistência que me é prestada.
- Declaro não estar a participar em nenhum outro projeto de investigação neste momento.

Desta forma, aceito participar neste estudo, de acordo com os esclarecimentos que me foram prestados, como consta neste documento

_____ Data: ___/___/___

(assinatura do participante/representante legal)

Anexo 8. Declaração de Consentimento de Captação e Difusão da Imagem Pessoal em suporte digital



INSTITUTO SUPERIOR DE
SERVIÇO SOCIAL DO PORTO

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO PARA
CAPTAÇÃO E DIFUSÃO DA IMAGEM PESSOAL
EM SUPORTE DIGITAL (FOTO, SOM OU VÍDEO)**

Eu, _____, pessoa singular titular de dados pessoais declaro para os devidos efeitos autorizar por minha livre, específica e informada vontade, a captação, tratamento e respetiva difusão da imagem própria e os dados pessoais inerentemente a esta associados para

[por ex. para efeitos de realização de trabalho académico, atividades de ensino, promoção de ciência, divulgação institucional, ...] apenas para os fins anteriormente indicados e durante o período de tempo estritamente necessário à prossecução dessas mesmas finalidades.

Mais declaro expressamente, que renuncio desde já a quaisquer direitos ou compensação que desta utilização possa eventualmente resultar.

Por ser verdade, e por nada haver a obstar, esta declaração vai ser assinada por mim,

Data: ____/____/____

Assinatura: _____